UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM POLÍTICA SOCIAL
MESTRADO EM POLÍTICA SOCIAL

CAMILA BIANCHI SILVA

O BANCO MUNDIAL E AS MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS: capital, influência e interesses na arena global

VITÓRIA

2025

CAMILA BIANCHI SILVA

O BANCO MUNDIAL E AS MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS: capital, influência e interesses na arena global

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Política Social, do Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas, da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de mestra em Política Social.

Orientador: Prof. Dr. Mauricio de Souza Sabadini.

VITÓRIA

2025

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

---

Silva, Camila Bianchi, 1985-
S586b O Banco Mundial e as migrações internacionais : capital, influência e interesses na arena global / Camila Bianchi Silva. - 2025.
162 p. : il.

Orientador: Mauricio de Souza Sabadini.
Dissertação (Mestrado em Política Social) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas.

1. Migrações internacionais. 2. Políticas migratórias. 3. Banco Mundial. 4. Neoliberalismo. I. Sabadini, Mauricio de Souza. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas. III. Título.

CDU: 32

O BANCO MUNDIAL E AS MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS: CAPITAL, INFLUÊNCIA E INTERESSES NA ARENA GLOBAL

CAMILA BIANCHI SILVA

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Política Social da Universidade Federal do Espírito Santo como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Política Social.

Aprovada em 24 de outubro de 2025.

COMISSÃO EXAMINADORA

Professor Doutor Mauricio de Souza Sabadini
Orientador/Universidade Federal do Espírito Santo

Professora Doutora Ana Targina Rodrigues Ferraz
Membro interno – Universidade Federal do Espírito Santo

Professora Doutora Patricia Villen Meirelles Alves
Membro externo – Karl Polanyi Research Center for Global Social Studies, Corvinus University of Budapest/Hungria

Documento assinado eletronicamente nos moldes do art. 10 da MP 2200/01 e Lei 14063/20
[Hash SHA256] 940ad0b9deb26678cc21499698a378a157486dd8ad647bac624477a6e044f941

Datas e horários baseados em Brasília, Brasil
Sincronizado com o NTP.br e Observatório Nacional (ON) em 02/11/2025 às 07:10:26

Folha aprovação - Camila Bianchi

Data e Hora de Criação: 28/10/2025 às 18:33:07

Documentos que originaram esse envelope:
- Folha aprovação - Camila Bianchi.pdf (Arquivo PDF) - 1 página(s)

Hashs únicas referente à esse envelope de documentos

[SHA256]: 940ad0b9deb26678cc21499698a378a157486dd8ad647bac624477a6e044f941
[SHA512]: bdf7528ad12c829e94b14064ad878e93236445aaff8174c1110f7e2b354260fada5ec04ba6a08af6a40acd86d083850cefa066040261a38ed6e7d822c0f5fe11

Lista de assinaturas solicitadas e associadas à esse envelope

ASSINADO - Mauricio de Souza Sabadini (mauricio.sabadini@ufes.br)
Data/Hora: 29/10/2025 - 06:44:59, IP: 179.234.232.146
[SHA256]: cb1818e41d4de394df4c55d5aedcbe10527b5bbe4866e7626ba97eb22a2171f0
Assinatura Eletrônica Avançada (Conforme Lei nº 14.063/20, art. 4º, II)

ASSINADO - Ana Targina Rodrigues Ferraz (ana.ferraz@ufes.br)
Data/Hora: 31/10/2025 - 14:18:19, IP: 200.137.65.100
[SHA256]: febb5373294de0b9f5cf1e270a66380d838fd8967ae839d9d27126bd1f258f92
Assinatura Eletrônica Avançada (Conforme Lei nº 14.063/20, art. 4º, II)

ASSINADO - Patricia Villen Meirelles Alves (villenpatricia@gmail.com)
Data/Hora: 02/11/2025 - 07:10:26, IP: 193.52.24.28
[SHA256]: 615eaf1e4de03bfbc8a9982a66eb9d45d09705ddd53a8a45163eae3a3ee26ce5
Assinatura Eletrônica Avançada (Conforme Lei nº 14.063/20, art. 4º, II)

Histórico de eventos registrados neste envelope

02/11/2025 07:10:26 - Envelope finalizado por villenpatricia@gmail.com, IP 193.52.24.28
02/11/2025 07:10:26 - Assinatura realizada por villenpatricia@gmail.com, IP 193.52.24.28
31/10/2025 14:18:19 - Assinatura realizada por ana.ferraz@ufes.br, IP 200.137.65.100
31/10/2025 14:18:08 - Envelope visualizado por ana.ferraz@ufes.br, IP 200.137.65.100
29/10/2025 06:44:59 - Assinatura realizada por mauricio.sabadini@ufes.br, IP 179.234.232.146
28/10/2025 18:34:01 - Envelope registrado na Blockchain por adriana.pratti@ufes.br, IP 200.137.65.107
28/10/2025 18:34:01 - Envelope encaminhado para assinaturas por adriana.pratti@ufes.br, IP 200.137.65.107
28/10/2025 18:33:08 - Envelope criado por adriana.pratti@ufes.br, IP 200.137.65.107

Documento assinado digitalmente em conformidade com o padrão ICP-Brasil e validado segundo as diretrizes do Instituto Nacional de Tecnologia da Informação (ITI), em atendimento à Medida Provisória nº 2.200-2/2001 e à Lei nº 14.063/2020.

Os registros de assinatura presentes nesse documento pertencem única e exclusivamente a esse envelope.
Documento final gerado e certificado por **Universidade Federal do Espírito Santo**

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente a Deus, pela força sempre e na produção deste trabalho.

Meu mais profundo agradecimento a minha irmã, sempre na torcida e estímulo de toda sorte. Minha eterna gratidão aos meus pais, Solange e Assis, pelo suporte e apoio em toda a minha vida. Agradeço, ainda, ao meu cunhado, Thomaz, pela cumplicidade.

Sou grata à minha tia Mônica, por todo o suporte e carinho em todos os estágios da minha vida. Também minhas tias Lenita e Eide, assim como meu primo/afilhado Savio, pelas orações e incentivos.

Não teria como não mencionar minha turma de mestrado. Sempre falamos o quanto fomos sortudos em termos nos encontrado, e fomos mesmo. Reclamamos, rimos, nos desesperamos, ficamos bravos, nos divertimos … sempre nós, juntos, e assim foi fácil e agradável passar por esse período. Meu muito obrigado a Alessandra, Luana, Nicole, Raquel, Stephany, Tati e Otávio. E a turma foi tão boa que até nossos 'agregados' são pessoas super queridas e especiais, obrigada Elis e Dani. Queria agradecer, especialmente, a Simone, pela parceria, pelas sugestões nas minhas (milhares) indecisões, por ouvir, enfim, por estar.

Uma enorme gratidão aos demais amigos, que de uma forma ou de outra contribuíram para a conclusão deste trabalho. Obrigada a Helloy, mesmo de "longe" dava pra sentir perto, e sempre que precisava aparecia pronta pra me 'salvar'. Meu muito obrigada, também, ao Jhonny: ele me incentiva, torce, ferve minha cabeça às vezes, mas está sempre ali pronto com cuidado, carinho, pitaco, enfim o que for preciso. E, ainda, a Jaque, com seu afeto que atravessa fronteiras.

Agradeço a professora Ana Targina por participar deste momento e pelas indicações na qualificação. A professora Ana é uma pessoa pela qual tenho profunda admiração e um exemplo na docência. Também agradeço à querida Patricia Villen, por toda solicitude e disponibilidade para colaborar na construção deste trabalho e por também dele participar.

Ao Programa de Pós-Graduação em Política Social e às/aos professores do programa com os quais pude ampliar meus conhecimentos e sempre se mostraram solícitos para a construção da dissertação, meu muito obrigada. Em especial, agradeço às professoras Jeane Ferraz e Fabiola Xavier.

Agradeço imensamente ao meu orientador, professor Mauricio Sabadini, por ter aceito o processo de orientação, por todas as indicações, por mostrar caminhos, mas principalmente por permitir que um processo, por vezes difícil, fosse levado com leveza e afeto.

Agradeço a Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo.

Solo voy con mi pena (Sozinho vou com minha pena)
Sola va mi condena (Sozinha vai minha condenação)
Correr es mi destino (Correr é meu destino)
Para burlar la ley (Para burlar a lei)
Perdido en el corazón (Perdido no coração)
De la grande Babylon (Da grande Babylon)
Me dicen el clandestino (Me chamam o clandestino)
Por no llevar papel (Por não ter documentos)
Soy una raya en el mar (Sou uma listra no mar)
Fantasma en la ciudad (Fantasma na cidade)
Mi vida va prohibida (a minha vida é proibida)
Dice la autoridad (Diz a autoridade)
Manu Chao, Clandestino.

"O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens"
Guy Debord, A Sociedade do Espetáculo.

RESUMO

A globalização trouxe o discurso de um mundo sem fronteiras, mas a fluidez suposta não ocorre de forma igual para todos. Percebe-se liberdade de trânsito para capitais, bens e elites ligadas ao capital; para a classe trabalhadora, principalmente aquela proveniente das periferias do capitalismo, a história é outra e repleta de barreiras. Essa, representa uma força de trabalho que é fundamental na dinâmica capitalista, assim como a sua circulação. Assim, a fim de garantir sua movimentação, ainda sob os auspícios do capital, uma aparato socioeconômico, político e ideológico é mobilizado. Nesse cenário, o Banco Mundial, instituição parte da estrutura capitalista, desempenha papel importante (e eficiente para o capital) na garantia do modo como o capitalismo organiza e gere a força de trabalho. Assim, a presente dissertação tem por objetivo analisar como as orientações do Banco Mundial, entre 2010 e 2024, circundam o fenômeno migratório visando suas formas de inspirar políticas migratórias. Entendemos que as atividades do Banco concorrem para a manutenção da dependência da classe trabalhadora e fortalecimento do capital. Para tanto, realizamos pesquisa documental. Os documentos selecionados para análise foram quatro relatórios e 15 *policies briefs* do Banco Mundial, nos quais procuramos captar a ótica do Banco Mundial sobre as migrações e sobre as pessoas que migram. Buscamos entender o que a instituição acrescenta à engenharia capitalista, favorecendo sua perpetuação, no que diz respeito às migrações internacionais. Para análise do material selecionado, consideramos os seguintes eixos: desenvolvimento, remessas, trabalho, perspectiva sobre os migrantes, motivações das migrações, Estado, políticas migratórias e integração. Nossa observação nos permitiu perceber que o Banco Mundial trata as migrações em termos de 'vantagens e desvantagens', sob uma perspectiva econômica relacionada à renda (no lado dos migrantes) e a ampliação de lucros (no lado das empresas). Para as nações do centro do capitalismo, vê-se que torna possível a manutenção da hierarquia que as mantém no domínio das relações capitalistas. Em linhas gerais, as orientações do Banco Mundial sobre os processos migratórios contribuem para a acomodação desse fenômeno dentro da estrutura e das necessidades do capital.

Palavras-chave: Migração internacional; Banco Mundial; Políticas imigratórias; Neoliberalismo.

ABSTRACT

Globalization has brought with it the discourse of a world without borders, but the supposed fluidity does not occur equally for everyone. There is freedom of movement for capital, goods, and elites linked to capital; for the working class, especially those from the peripheries of capitalism, the story is different and full of barriers. This class represents a workforce that is fundamental to capitalist dynamics, as is its circulation. Thus, in order to ensure its movement, still under the auspices of capital, a socioeconomic, political, and ideological apparatus is mobilized. In this scenario, the World Bank, an institution that is part of the capitalist structure, plays an important (and efficient for capital) role in ensuring the way capitalism organizes and manages the workforce. Thus, this dissertation aims to analyze how the World Bank's guidelines between 2010 and 2024 address the phenomenon of migration with a view to inspiring migration policies. We understand that the Bank's activities contribute to maintaining the dependence of the working class and strengthening capital. To this end, we conducted documentary research. The documents selected for analysis were four reports and 15 policy briefs from the World Bank, in which we sought to capture the World Bank's perspective on migration and migrants. We sought to understand what the institution adds to capitalist engineering, favoring its perpetuation, with regard to international migration. To analyze the selected material, we considered the following axes: development, remittances, work, perspective on migrants, motivations for migration, the state, migration policies, and integration. Our observation allowed us to perceive that the World Bank treats migration in terms of ‘advantages and disadvantages’, from an economic perspective related to income (on the migrants' side) and profit maximization (on the companies' side). For the nations at the center of capitalism, it is clear that this makes it possible to maintain the hierarchy that keeps them in the domain of capitalist relations. In general terms, the World Bank's guidelines on migration processes contribute to the accommodation of this phenomenon within the structure and needs of capital.

Key words: International migration; World Bank; Immigration policies; Neoliberalism.

RESUMEN

La globalización trajo consigo el discurso de un mundo sin fronteras, pero la supuesta fluidez no se da de la misma manera para todos. Se percibe libertad de tránsito para los capitales, los bienes y las élites vinculadas al capital; para la clase trabajadora, principalmente la procedente de las periferias del capitalismo, la historia es otra y está llena de barreras. Esta representa una fuerza de trabajo fundamental en la dinámica capitalista, al igual que su circulación. Así, con el fin de garantizar su movimiento, aún bajo los auspicios del capital, se moviliza un aparato socioeconómico, político e ideológico. En este escenario, el Banco Mundial, institución que forma parte de la estructura capitalista, desempeña un papel importante (y eficiente para el capital) a la hora de garantizar la forma en que el capitalismo organiza y gestiona la fuerza de trabajo. Así, la presente tesis tiene como objetivo analizar cómo las orientaciones del Banco Mundial, entre 2010 y 2024, abordan el fenómeno migratorio con el fin de inspirar políticas migratorias. Entendemos que las actividades del Banco contribuyen al mantenimiento de la dependencia de la clase trabajadora y al fortalecimiento del capital. Para ello, realizamos una investigación documental. Los documentos seleccionados para el análisis fueron cuatro informes y quince *policies briefs* del Banco Mundial, en los que buscamos captar la perspectiva del Banco Mundial sobre las migraciones y las personas que migran. Buscamos comprender qué aporta la institución a la ingeniería capitalista, favoreciendo su perpetuación, en lo que respecta a las migraciones internacionales. Para analizar el material seleccionado, consideramos los siguientes ejes: desarrollo, remesas, trabajo, perspectiva sobre los migrantes, motivaciones de las migraciones, Estado, políticas migratorias e integración. Nuestra observación nos permitió percibir que el Banco Mundial trata las migraciones en términos de «ventajas y desventajas», desde una perspectiva económica relacionada con los ingresos (por parte de los migrantes) y la ampliación de los beneficios (por parte de las empresas). Para las naciones del centro del capitalismo, se ve que esto hace posible el mantenimiento de la jerarquía que las mantiene en el dominio de las relaciones capitalistas. En términos generales, las orientaciones del Banco Mundial sobre los procesos migratorios contribuyen a la acomodación de este fenómeno dentro de la estructura y las necesidades del capital.

Palabras clave: Migración internacional; Banco Mundial; Políticas migratorias; Neoliberalismo.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 Principais países receptores e emissores de remessas de imigrantes - 2010 e 2022 (em bilhões de dólares) ...…… 66

TABELA 2 Situação de empregabilidade de migrantes e não-migrantes - 2022 …… 84

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 Evolução das produções do Banco Mundial sobre a temática das migrações ……..……..……..... 22

GRÁFICO 2 Migrantes como uma porcentagem da população mundial - 1970 - 2020 ……..……..……. 51

GRÁFICO 3 Distribuição direitos de voto entre membros do Banco Mundial, em 2020 ……..……..……..……..……. 59

GRÁFICO 4 Índice de Desenvolvimento Humano, por regiões e no mundo - 1990, 2019 e 2022 ……...…….……. 62

GRÁFICO 5 Índice de Desenvolvimento Humano, por nível de desenvolvimento - 1990 e 2022 …….……..……. 63

GRÁFICO 6 Fluxo internacional de remessas de imigrantes para países de baixa e média renda - 2000 - 2022 (em bilhões de dólares) ……..…...…. 65

GRÁFICO 7 Distribuição de migrantes empregados por sexo e setor econômico - 2022 ……..……..……. 84

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 Extratos - Relação migração/ desenvolvimentos, nos documentos do Banco Mundial ……..……...……..……..... 54

QUADRO 2 Extratos - Presença da força de trabalho imigrante em países do Norte global, em documentos do Banco Mundial …..……..……..... 56

QUADRO 3 Extratos - Papel das remessas no fenômeno migratório, nos documentos do Banco Mundial ……..…….……. 64

QUADRO 4 Extratos - Participação dos Estados na gerência das migrações, nos documentos do Banco Mundial ……...……...…. 77

QUADRO 5 Extratos - Trabalho como via para melhorias, nos documentos do Banco Mundial …….…..…….…… 86

QUADRO 6 Extratos - Relação migrações/ resiliência, nos documentos do Banco Mundial ……...…….……...……. 95

QUADRO 7 Extratos - Relação fomento da economia/ integração, nos documentos do Banco Mundial ……...……..……... 96

QUADRO 8 Extratos - Relação capital humano/ migrações, nos documentos do Banco Mundial ……...……...……. 98

QUADRO 9 Extratos - Vantagens para migrantes ao passarem por um país desenvolvido, nos documentos do Banco Mundial ……..…….. 107

QUADRO 10 Extratos - Equalização de imigrantes com seus países de origem, nos documentos do Banco Mundial ……...……..…… 109

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 Migração ‘adequada’ de acordo com as matrizes apresentadas no relatório de 2023 do Banco Mundial ……...……...……..... 61

FIGURA 2 Noticiário - Situações brutais que imigrantes têm se defrontado ……...….. 72

FIGURA 3 Noticiário - Restrições migratórias ……..…….…...…. 79

FIGURA 4 O imigrante de Schrödinger …….…….…….. 111

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BIRD	Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento ou O Banco Mundial
CFESS	Conselho Federal de Serviço Social
EUA	Estados Unidos da América
FMI	Fundo Monetário Internacional
GBM	Grupo Banco Mundial
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
ILO	International Labour Organization
OIT	Organização Internacional do Trabalho
OIM	Organização Internacional para as Migrações
OMC	Organização Mundial do Comércio
ONU	Organização das Nações Unidas
UFES	Universidade Federal do Espírito Santo
WBG	World Bank Group

SUMÁRIO

1. Introdução ……..……..……..…..…… 17

1.1. Metodologia ……..……..……..……..……. 27

2. Desenvolvimento das dinâmicas migratórias no capitalismo …..……..… 33

2.1 A dinâmica intensificada: novos atores entram em cena …….. 37

3. O Banco Mundial nas dinâmicas migratórias ...……...…….. 46

3.1 A aproximação do Banco Mundial ao fenômeno migratório ...……....……... 50

3.2 O ir e vir monetário: as remessas ……. 64

4. O lugar das políticas sociais na agenda do Banco Mundial …….. 70

4.1 O Estado e as políticas sociais ...…….....……... 71

4.2 As políticas migratórias no horizonte neoliberal ……...…. 76

4.3 Recomendações do Banco Mundial para gestão da migrações ……. 81

5. Imigrantes: úteis, mas não benquistos ..……...…….…….. 93

5.1 O capital humano ……...……....…….. 98

5.2 O crivo étnico-racial ……..…….…….…...…. 101

5.3 Produção da clandestinidade ……..…. 105

6. Considerações finais ……...……. 113

Referências ……...……..…….. 122

Apêndices …….……..….. 137

Apêndice A - *Policies briefs* para coleta de dados e análise ……...….. 138

Apêndice B - Relatórios do Banco Mundial selecionados para análise …….……... 141

Apêndice C - Recomendações políticas - Argumentos ……..……...…… 143

Apêndice D - Link de acesso para reportagens completas das manchetes de noticiário apresentadas …….. 149

Apêndice E - Categorização dos migrantes nos documentos analisados do Banco Mundial 151

Apêndice F - Grelhas para extração de dados ……... 155

Apêndice G - Roteiro para leitura e análises dos documentos ……..… 158

Anexo …..……..…… 160

Anexo 1 - Principais recomendações para ações políticas ……..…….. 161

1. Introdução

No ano de 2025, a situação infame que acometia a classe trabalhadora imigrante escalonou em um nível ultrajante. Seja na prática, seja nos discursos. As ações e as manifestações das quais imigrantes têm sido alvo nos despertam tremendo horror. As condições degradantes em que tem ocorrido os movimentos migratórios, em especial nas últimas décadas, têm gerado preocupação e dados alarmantes. Inúmeros são os casos de migrantes que padecem no Mediterrâneo, passam por penosas caminhadas em desertos ou são engolidos pelo Atlântico, em travessias extremamente inseguras.

Esse cenário tem se mostrado uma tendência, com forte inclinação para se manter no futuro próximo. Em entrevista ao jornal português *Público*, em 2023, Aílton Krenak adverte: "Todos vamos ser refugiados, nós todos. A tal da humanidade vai ser só refugiados (...) têm de descobrir o endereço de quem está destruindo o mundo" (Krenak, 2023, p. 6). O modo como o sistema capitalista tem intensificado as expropriações sobre a classe trabalhadora tem dela tudo tomado, forçando parte dela a migrar. E o aumento dessa mobilidade e a forma como ela vem ocorrendo tem um porquê: a busca por superlucros, de forma impetuosa.

Krenak faz tal alerta diante da aceleração dos deslocamentos de pessoas entre países, dada a realidade global na qual a situação caótica de muitos locais impulsiona as migrações. Guerras, mudanças climáticas e desarranjos socioeconômicos são fatores comuns na origem de processos migratórios. Krenak (2023) sugere questionar a origem desse cenário conturbado, em uma tentativa de fazer frente aos agentes dessa desordem. Migrar não é o problema, a questão é a forma como tem ocorrido no capitalismo. E isso implica (re)pensar as prioridades e os propósitos do mundo em que vivemos.

Fluxos migratórios não são processos novos, estiveram presentes nos variados estágios da humanidade, mas com o capitalismo assumem contornos próprios. Vale aqui uma ressalva: fazer uma retrospectiva sobre a migração na humanidade não se apresenta como intenção dessa pesquisa. O que se pretende é analisar como as orientações do Banco Mundial, entre 2010 e 2024, circundam o fenômeno migratório visando suas formas de inspirar políticas migratórias. Identificar e investigar os fatores que estão relacionados com os fluxos migratórios dentro do contexto do modo de produção capitalista, em tempos recentes, sob a ótica de uma instituição multilateral: o Banco Mundial. E ainda, como este entende seu papel e coloca sua participação frente aos processos migratórios.

As relações entre capital e trabalho, historicamente determinadas, influenciam os deslocamentos espaciais populacionais, que apresentam particularidades no capitalismo (Peliano, 1990). Assim, entendemos que o 'estímulo' às migrações vem de motivações diversas, mas todas têm origem em desdobramentos do metabolismo capitalista, onde o deslocamento de pessoas assume características próprias e favorece a perpetuação desse sistema (Singer, 1978).

O alcance de lucros é prioridade na sociedade do capital, e para sua garantia todos os elementos da estrutura capitalista são mobilizados (Teixeira, 2010). No modo de produção capitalista há uma série de fatores que, em conjunto, moldam o pensamento e a vida de acordo com parâmetros que atendam os ditames do capital: instituições, atividade política, regulamentações, classes sociais, produção, entre outros. Esses elementos são intrínsecos e vitais à dinâmica capitalista, e passam por alterações à medida que o capitalismo se modifica, com isso, acompanham o ritmo da acumulação capitalista.

No momento atual do capitalismo, em que as finanças têm primazia sobre os demais setores da vida (Silva; Queiroz; Ferreira, 2016), sublinhamos a ação das organizações internacionais (como o Banco Mundial, a Organização Internacional do Trabalho, o Fundo Monetário Internacional, a Organização das Nações Unidas, entre outras). Essas ocupam um lugar de influência e prestígio nesse sistema e têm papel importante na reprodução capitalista. Atuam nos setores econômicos, mas também cumprem uma função ideológica, pois apresentam uma aparência de isenção e neutralidade em seus estudos e relatórios com apelo ao social, ao cuidado pelas pessoas, contudo, suas ideias - dissimuladas - apenas reforçam o *status* vigente (Teixeira, 2009).

Os movimentos migratórios não escapam dessa mecânica, pois o entendimento de tais organizações sobre as migrações, suas ações e suas difundidas orientações, protegem o *modus operandi* do capital, favorecendo e estimulando ações[1] que privilegiam as demandas do capital e a exploração da classe trabalhadora. Não há imparcialidade em seus discursos e em

[1] Nos relatórios do Banco Mundial, encontramos uma relação de projetos que visam, em linhas gerais, contribuir com o desenvolvimento dos países periféricos, capacitar e proteger migrantes. A maior parte são projetos para empréstimos destinados a todos os momentos que envolvem um processo migratório: partida, trânsito, chegada, integração, retorno e reintegração. Como exemplos, do relatório *Leveraging economic migration for development: a briefing for the World Bank board*, de 2019, citamos o Projeto "*Crecer Sano*", na Guatemala; do relatório *Migration and development: a role for the World Bank Group*, de 2016, dentre outros, citamos: Projeto Migração segura para os trabalhadores do Bangladesh e Projeto Prestação de serviços participativos para a reintegração e subvenção do Fundo para a Construção da Paz (Tunísia). Segundo esse último relatório, os projetos do Banco Mundial procuram garantir uma "migração segura e a proteção de direitos dos migrantes" (WBG, 2016, p. 29).

suas ações. As recomendações dos organismos multilaterais, muitas vezes materializadas por meio de relatórios, seguem as demandas e a lógica das classes dominantes (Teixeira, 2009).

Segundo Alves (1999), a mundialização do capital, isto é, a "mundialização das operações do capital" (n.p), consolidou o mercado mundial de dinheiro e de crédito, assumindo a financeirização um lugar dominante. Este mercado tem sido sustentado tanto pelo Banco Mundial, quanto pelo Fundo Monetário Internacional, indicando assim a relevância dessas instituições nesse momento da acumulação capitalista (Harvey, 2008a). Também Estados poderosos, como EUA, Inglaterra e outros do centro capitalista, atuam como pilares do capital financeiro em sua dimensão global, favorecendo a reprodução da lógica dominante (Alves, 1999). Assim, a atuação das organizações multilaterais ultrapassa o campo econômico. O Banco Mundial, por exemplo, tem um papel intelectual no cenário global. Realiza e encomenda inúmeras pesquisas, que servem como referência para gestores em áreas variadas (Pereira, 2018).

O Banco Mundial, juntamente com outras instituições multilaterais (FMI, OMC, etc.), conforme Furno (2022, n.p) formam as "bases de sustentação dos interesses financeiros que ampliam as desigualdades em nível global e submetem as demais nações periféricas aos ditames do imperialismo estadunidense". Assim, para a presente pesquisa, optou-se por investigar a forma como o Banco Mundial tem se envolvido nas dinâmicas migratórias, com base na compreensão do papel singular que o Banco ocupa na estrutura capitalista. Para Teixeira (2009), ao ultrapassar sua atuação para além do âmbito financeiro, o Banco também se mostra um ator político. Suas ações e influência têm caráter econômico, político e social, e ocorrem através do financiamento de projetos e 'incentivando' políticas (Amorim, 2024; Teixeira, 2009).

No site oficial do Banco Mundial, ainda na página inicial[2], há uma aba denominada *how we work* (como nós trabalhamos, tradução literal), onde é possível visualizar estudos, projetos, relatórios, etc, de temáticas variadas: educação, saúde, migração, finanças, agricultura, clima, transportes, gênero, violência, inclusão, mercado de trabalho e muitos outros. O Banco tem aumentado suas pesquisas sobre desenvolvimento e redução de pobreza, e se tornado uma referência global nestas temáticas, devido ao seu prestígio e poder no cenário global (Amorim, 2024).

[2]Até o ano de 2024, o espaço destinado a apresentar tais estudos era denominada *understand poverty* (entendendo a pobreza, tradução literal). O website do Banco passou por reformulações em 2024 e renomeou para *How we work.* Banco Mundial. How we work. Disponível em: How We Work. Acesso em: 25 jan. 2025.

Teixeira (2009, p. 18) afirma que o Banco Mundial "desde sua criação (...) assume um papel estratégico na reprodução do capital e controle sócio-político e econômico". É uma instituição que se formou durante um período de influência do keynesianismo, mas, segundo Harvey (2008), já com traços dos preceitos neoliberais. Surge em um contexto de recuperação da Europa no pós II Guerra Mundial e avanço da hegemonia estadunidense, indicando um reordenamento global (Hobsbawm, 1995). Ademais, a reestruturação da economia global após a Guerra ocorreu sob novas bases da divisão internacional do trabalho (Martins; Filgueiras, 2018).

Millet e Toussaint (2006), afirmam que organismos internacionais são "meros braços de ricos credores" (p. 9), pois os interesses que permeiam sua atuação visam manter a dominação dos países ricos sobre os empobrecidos. Vemos a cooperação do Banco Mundial com as elites capitalistas, uma vez que o BIRD é uma das instituições que existem para viabilizar os interesses das elites capitalistas mundiais. Assim, nos resta entender como essa relação se processa frente ao fenômeno migratório. Partimos da hipótese de que, a inserção do Banco Mundial na dinâmica das migrações favorece a expansão capitalista, reforçando a exploração da força de trabalho, ao inspirar políticas migratórias, que mantém sob vigília as movimentações da classe trabalhadora, logo, uma forma de controle sobre a classe, ao menos parte dela; isto é, políticas para responder ao fenômeno das migrações.

Entendemos como controle o arranjo que o capital movimenta a fim de assegurar a valorização do capital. Tem-se o controle capitalista da produção através de estruturas objetivas que garantem a extração da mais-valia e a adequação subjetiva da força de trabalho e da relação política-ideológica entre as classes (Invernizzi, 2000). Em qualquer dessas situações, há disciplinamento da força de trabalho, por coerção e consenso, ou mesmo na organização do trabalho, com suas tecnologias e métodos organizacionais. De acordo com Invernizzi (2000), há, ainda, elementos que conformam o sistema de controle capitalista fora do processo de trabalho, como os Estados (por meio da legislação trabalhista, reprodução e formação da força de trabalho, mediação do conflito de classes), e o exército de desempregados (como uma força disciplinadora e barateadora da força de trabalho). Outros organismos, que também agem não diretamente no mercado de trabalho, contribuem com a sedimentação do caminho para a valorização do capital ao veicular uma determinada ideologia, um determinado modo de pensar e de organizar a vida e o trabalho.

Diante deste cenário, fica a questão: **Como as orientações do Banco Mundial sobre o fenômeno das migrações internacionais podem constituir estratégias de controle sobre**

essa parcela da classe trabalhadora? Para responder esta pergunta entendemos ser necessário nos voltarmos ao material que o Banco tem produzido sobre a temática nos últimos anos, e investigar, em seu conteúdo, a absorção, disseminação e direcionamento de práticas e ideias do grande capital sobre o fenômeno das migrações. Da mesma forma, compreender omissões que venham a constituir estratégias fetichistas, que mascaram as reais razões dos fluxos migratórios. Assim, teremos como objeto de pesquisa **a visão do Banco Mundial sobre as migrações internacionais.**

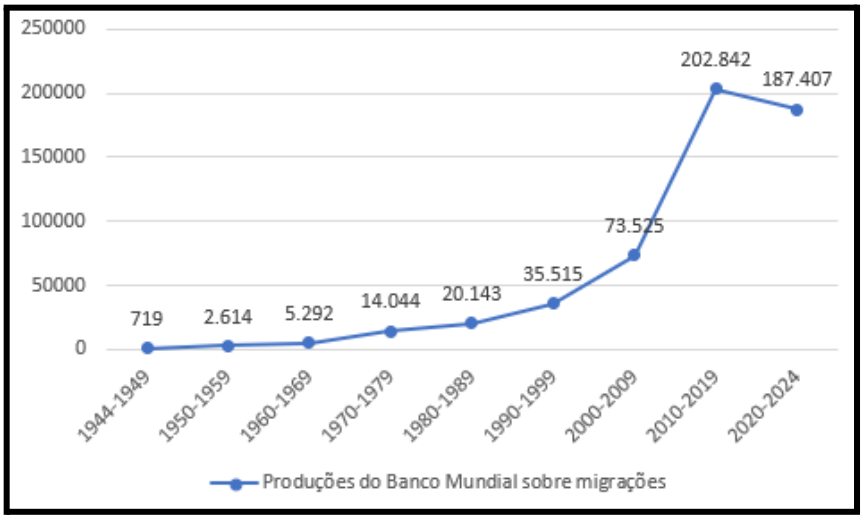
É notável o envolvimento do BIRD com o fenômeno das migrações. Ao observarmos o site oficial da instituição e compararmos a produção textual e de projetos sobre a temática das migrações, vê-se que foi constante, embora não uniforme, o envolvimento do Banco com o tema. Mas, mesmo entre outras organizações multilaterais, segundo Silva e Alves (2017), o tema não foi recorrente no século XX. Entendemos que o aumento do envolvimento com o fenômeno migratório vem acompanhando as alterações na dinâmica capitalista. Foram as últimas duas décadas, deste referido século, que trouxeram as migrações para o centro do debate de forma pujante (com forte apelo e uso político do fenômeno).

Na década de 2010 foram criadas duas iniciativas do Banco, cujos conteúdos são as migrações, a saber: a *Knomad*, de 2013, e a *Rome Dialogues on Jobs and Migration*, iniciada em 2023. A *Knomad* foi encerrada em 2024, e seus conteúdos e projetos foram incorporados às atividades do Banco Mundial em relação às migrações. Ambas as iniciativas são postas como referências para se pensar soluções práticas no que diz respeito às migrações, indicando que suas proposições são baseadas em estudos e evidências. Destacam a importância de se considerar aspectos variados que envolvem as migrações e apresentam um "menu" de opções políticas para tratar da mobilidade e de emprego dos sujeitos que migram[3].

Essas iniciativas são exemplos da perspectiva e da aproximação do BIRD sobre o fenômeno migratório. De modo geral, percebe-se uma abordagem comedida sobre a temática das migrações nos anos iniciais da instituição, e nos últimos 20 anos um avanço vertiginoso, conforme apresentado no gráfico a seguir:

[3] O conteúdo da *Knomad* pode ser acessado a partir do site oficial do Banco Mundial (Migration : Development news, research data | World Bank). Sobre a *Rome Dialogues*, é possível acessar a partir de site próprio: Rome Dialogues.

GRÁFICO 1: Evolução das produções[4] do Banco Mundial sobre a temática das migrações



Fonte: Dados obtidos a partir de busca na aba *How we work - Research & Publications*, com a palavra-chave '*migration*', no site World Bank Group - International Development, Poverty, & Sustainability. O recorte para a busca parte do ano de surgimento do Banco Mundial, e optou-se por intervalos de 10 anos com o intuito de condensar os resultados encontrados e estabelecer uma comparação entre as décadas. Sistematização própria, em janeiro de 2025.

A partir da década de 1990 é possível observar um largo salto nas publicações. Há um volumoso aumento de produções a partir dos anos 2010, notado a partir de nosso levantamento, que endossa a escolha do recorte temporal desta pesquisa (2010-2024): entendemos que, o maior número de pesquisas sobre o tema, aponta para a ampliação do envolvimento do Banco Mundial com movimentos migratórios. Esse envolvimento foi crescendo acompanhando a dinâmica capitalista e a intensificação dos fluxos migratórios. Mas não apenas uma maior quantidade de produções sobre migrações nos motivam. As mutações pelas quais o capitalismo passa e seus desdobramentos também nos instiga a perceber o que tem ocorrido em determinado período, uma vez que toda a estrutura do capital 'se move' a fim de acompanhar seu ritmo. Assim, a aproximação do Banco Mundial ao fenômeno migratório ocorre em consonância com as necessidades do capitalismo.

As repercussões, na prática, da adoção do receituário neoliberal no último decênio do século XX, da reestruturação produtiva iniciada na década de 1970 e o avanço da acumulação flexível trouxeram novos padrões à dinâmica capitalista. Ricardo Antunes (2018) indica uma alteração nos fluxos migratórios em fins do século XX. Assim, no último quartel do século XX, quando o BIRD demonstrou maior envolvimento com o fenômeno migratório, viu-se

[4] Ao falarmos em produções, nos referimos a toda produção textual do Banco Mundial. A instituição tem variadas categorias de publicações: relatórios, artigos, documentos, resumos, etc., assim o termo produções abrange todas essas. Para a presente pesquisa serão selecionados materiais específicos, apresentados na seção metodologia.

também um aumento do número de migrantes no mundo. Dados apresentados pela Organização Internacional para as Migrações (OIM), com base em informações do Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais das Nações Unidas, assinalam que na década de 1990 o número de migrantes internacionais era de 149,3 milhões, e na década de 2020 somam 276,5 milhões (OIM, 2024). Esses valores representam cerca de 3% da população mundial. E, conforme relatório da Organização Internacional do Trabalho (OIT), trabalhar tem sido a motivação de 60% dos migrantes (ILO, 2023). O "novo mundo do trabalho" (Alves, 1999, n.p) impulsionou o setor de serviços, o que tem atraído e demandado a força de trabalho migrante. Migrantes internacionais ocupam 68% dos postos de trabalho no setor de serviços (ILO, 2024).

Assim, o avanço sobre a temática das migrações acompanha a dinâmica capitalista, que aponta a necessidade de uma nova configuração da força de trabalho. Segundo Mauriel (2009, p. 63), "a financeirização deslanchada a partir dos anos 1970, com a introdução de novos instrumentos financeiros, dolarização, novas regras de investimento e articulação via organismo multilaterais, exerce pressões diferentes sobre a força de trabalho". Somado a isso, as alterações advindas do mundo do trabalho na mesma década, ampliam as repercussões sobre os processos migratórios, pois o trabalho é um fio condutor desses processos. A acumulação flexível trouxe novos parâmetros para as migrações (Leite; Giavarotti; Ribeiro, 2022). Uma força de trabalho adaptável que se mostrava o arquétipo ideal para os 'novos' tempos de desregulamentações trabalhistas e acumulação flexível (Villen, 2018).

Gaudemar (1977) evidencia que no capitalismo, enquanto mercadoria, a força de trabalho é intrinsecamente móvel em aspectos espaciais e/ou qualitativos, que são colocados pelas necessidades de circulação e acumulação do capital. A reprodução do capitalismo em escala global ampliou a mobilidade, que seguiu atrelada aos imperativos do capital. Leite, Giavarotti e Ribeiro (2022) apontam a existência de um "sistema global de expulsões" (p. 4). Para os autores, "a financeirização do mercado imobiliário, desastres ambientais e o mercado global de terras" (p. 4) forçam uma centena de pessoas a buscarem outros espaços para darem continuidade às suas vidas. Ou seja, forças econômicas se impõem sobre a vontade e o destino dos indivíduos. As necessidades do capital impulsionam os processos migratórios. O capital é o impulsionador de tais processos: são as suas demandas que vão nortear os rumos das migrações. Isto é, onde se precisa de trabalho, de que trabalho, de que tipo de trabalhador.

Igualmente, a dinâmica global frente às migrações, nas últimas décadas, reforça nosso interesse sobre os temas das migrações e validam nossa pesquisa. E mais preocupante, a nosso

ver, o aumento de ideias conservadoras em todo o mundo, nos tempos recentes, tem trazido à tona o crescimento de discursos de ódio relacionados a estrangeiros, em especial quando estes têm origem em países periféricos do capitalismo. O conservadorismo quando se reergue traz a pauta migratória como 'bandeira' política e reacende discursos xenófobos, culpabilizando migrantes por desarranjos sociais e econômicos (Vertovec, 2011; Foroutan, 2019), vide os casos italiano, com Giorgia Meloni, e estadunidense, com Donald Trump. Assim, compreender elementos e agentes envolvidos nas dinâmicas migratórias faz-se de importância ímpar no intuito de se colaborar com a suspensão de discursos e práticas discriminatórias.

Entendemos, que esta pesquisa se justifica como forma de contribuir com os estudos sobre o envolvimento de instituições multilaterais com os movimentos migratórios. Notamos uma carência de produções que tratam da relação entre o Banco Mundial e o fenômeno das migrações, identificada a partir de busca realizada nas seguintes bases de dados: Scielo, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações e Portal de Periódicos da UFES - Revistas *Argumentum* e *Temporalis.* A escolha por essas quatro bases se fundamenta no fato de se tratarem de fontes com ampla gama de produções acadêmicas, oferecendo um vasto conjunto de fontes para pesquisa.

Foram utilizadas para busca, nas bases de dados mencionadas, as palavras-chave: 'organizações multilaterais e migrações', 'instituições multilaterais e migrações', e, por fim, 'banco mundial e migrações'. Em todos os casos não foram encontrados trabalhos que tratassem diretamente da relação entre o Banco Mundial e as migrações. Nas buscas com as palavras-chave 'organizações multilaterais e migrações' e 'instituições multilaterais e migrações', surgiram trabalhos que relacionavam as orientações do Banco com políticas na área da educação (3), da saúde (2) e com políticas sociais (4). Da mesma forma, apareceram trabalhos relacionando a ação da Organização Internacional do Trabalho com as migrações (3).

Com as palavras-chave 'banco mundial e migrações' os resultados encontrados foram:

- Portal de Periódicos da UFES: 1 trabalho que versa sobre a mundialização das migrações;
- Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações: 20 trabalhos, entre teses e dissertações, sendo 10 deles na área do Direito;
- Scielo: 1 artigo que trata da migração polonesa para São Paulo, no pós II Guerra Mundial.

Para além de suprir essa lacuna, o presente trabalho tem relevância científica ao propor conhecer e debater o papel e a realidade das migrações da classe trabalhadora na dinâmica capitalista, apontando um compromisso ético da pesquisa com a classe trabalhadora. Deste modo, entendemos que a proposta de pesquisa pode contribuir com a edificação de conhecimento e com a ampliação do debate referente às condições de vida e trabalho das pessoas migrantes, assim como das políticas sociais e migratórias. Pretende-se, com isso, colaborar com o avanço do debate sobre as migrações internacionais. Justifica-se, ainda, a inserção da pesquisa na linha 1 do Programa de Pós-graduação em Política Social - Reprodução e estrutura do capitalismo contemporâneo - dado seu caráter e seu recorte temporal no capitalismo contemporâneo, onde identificamos novas formas de dominação, mudanças no mundo do trabalho e considerações a respeito do papel do Estado, que permanece como um elemento essencial na maquinaria capitalista.

E mais, a ampliação do debate é um elemento com potencial efeito na sociedade ao permitir que o conhecimento alcance um maior número de pessoas, podendo conduzir à superação de ideias preconceituosas. O 'não acolhimento' é uma constante na vida de imigrantes. A falta de conhecimento do outro, da cultura do outro, cria um ambiente hostil para aqueles que chegam nos mais variados países (CFESS, 2016).

A pesquisa tem, ainda, significância pessoal dada a experiência da pesquisadora como imigrante, tendo vivido em Portugal por sete anos. Foram as vivências com outros imigrantes de diversos países, não à toa muitos de países da periferia do capitalismo, que despertaram o interesse em abordar a temática das migrações. A observância sobre a realidade destes sujeitos em postos oficiais de atendimento à imigrantes, no convívio social e de suas condições de trabalho foram agentes de interesse para os estudos sobre a temática das migrações. Assim, a pesquisa que se pretende desenvolver tem pertinência científica e social ao se propor debater o lugar de imigrantes no mundo 'globalizado', e inspiração pessoal/ afetiva.

Assim, acreditamos ser fundamental desmistificar a aparência dos fenômenos que envolvem a sociedade capitalista a fim de pensar e construir caminhos e soluções que viabilizem uma formação social fundada no pleno desenvolvimento humano. Migrações têm sido tema de produções elaboradas por instituições internacionais[5], mas observa-se no cotidiano que a

[5] Alguns exemplos: no ano de 2023 tivemos o Relatório de Desenvolvimento Mundial Anual do Banco Mundial, que teve como tema as migrações; o relatório da organização Médicos sem Fronteiras 'Ninguém veio nos resgatar'; e o texto 'Livres de partir, livres de ficar', do Papa Francisco, entre outros.

experiência da classe trabalhadora migrante tem sido bastante adversa do que é apresentado em pactos e acordos bilaterais e/ou multilaterais.

Conhecer o que está presente nos escritos dos organismos multilaterais se mostra uma tarefa basilar para pensar o papel e a realidade das migrações da classe trabalhadora no metabolismo capitalista. As orientações de tais organismos além de influenciar o senso comum a respeito da ideia sobre as migrações, inspiram controles migratórios, que, em suma, correspondem ao controle da força de trabalho, pois, "[...] desenvolvimento da acumulação capitalista depende de instrumentos para aumentar ou diminuir a oferta de força de trabalho, entre os quais o controle migratório" (Furquim; Simões; Serafim, 2020, p. 396).

Revigora-se a centralidade do trabalho na sociedade capitalista, contrariando as ideias do fim do trabalho, surgidas há poucos anos. O trabalho ainda é o motor da produção e reprodução capitalistas, logo, da criação de riqueza (Dominczak; Sabadini, 2013). E é o trabalho que impulsiona muitos dos deslocamentos da classe trabalhadora, ratificando a ideia de que a mobilidade se dá a partir de determinações do capital (Furquim; Simões; Serafim, 2020). Buscou-se, então, durante nossos estudos, averiguar o que tem sido apresentado nos documentos do Banco Mundial sobre as migrações para captar os meandros da relação do Banco com o fenômeno migratório.

O discurso cordial com migrantes contradiz a realidade acompanhada à vista dos olhos. Movimentos migratórios têm sido marcados por tragédias: na origem, no trajeto, no destino. Na origem, a vida em situação de incerteza, instabilidade e insegurança. Nos trajetos, violência e violações. E quando chegam em seus destinos, espoliações, explorações, abusos e discriminação fazem parte de seus cotidianos. As possibilidades que em um primeiro momento se mostravam esperançosas, na prática arruínam sonhos e expectativas. Ao fim e ao cabo, longe de buscar estabelecer condições que façam do ato de migrar uma decisão e uma ação realmente genuínas, os parceiros do capital, como o Banco Mundial, vão apresentar uma narrativa que reforça os mecanismos de exploração e a alienação da classe trabalhadora.

Tendo em vista tais apontamentos, entendemos como essenciais para compreensão da relação entre as orientações do Banco Mundial sobre migrações e a exploração da força de trabalho as seguintes categorias teóricas: trabalho, superpopulação relativa, imigração, Estado, capitalismo dependente, política social.

A partir do que indicamos, a presente pesquisa tem por **objetivo geral:** analisar como as orientações do Banco Mundial, entre 2010 e 2024, circundam o fenômeno migratório visando

suas formas de inspirar políticas migratórias. Nossos **objetivos específicos** são: a) compreender, a partir dos relatórios do Banco Mundial sobre migrações, como tem ocorrido a aproximação do Banco ao fenômeno migratório sinalizando o papel da instituição diante das migrações da classe trabalhadora; b) examinar o entendimento do Banco Mundial sobre os processos migratórios a partir das causalidades e dos objetivos dos movimentos migratórios, apresentados em *policies briefs* e relatórios da instituição, alcançando os rebatimentos sobre as pessoas migrantes; c) identificar nos *policies briefs* e relatórios do Banco Mundial sobre migrações, a partir de levantamento com grelha de extração de dados, que elementos sinalizam estratégias de controle sobre os processos migratórios; e d) demonstrar, a partir dos documentos selecionados, que ações políticas são recomendadas pelo Banco Mundial, apontando os caminhos indicados para gerir as migrações.

Para alcançar nossos objetivos, selecionamos procedimentos metodológicos que se mostravam adequados e os apresentamos na seção a seguir.

1.1 Metodologia

Pensar migração significa mais do que pensar em deslocamento. Envolve pensar nas condições em que tal movimento é realizado, é recebido, é entendido. E mais, que significado/ função essa mobilidade cumpre em um horizonte mais amplo, como na sociedade capitalista. Há inúmeros elementos que se entrecruzam e conformam um fenômeno. As idas e vindas não ocorrem apenas em seu sentido literal. Assimilar tais elementos permite que seja ultrapassado o nível da aparência na análise sobre o objeto de pesquisa, uma vez que a totalidade é contraditória e fragmentada (Marx, 2008). E mais, captar seus componentes, não de forma isolada, mas dialeticamente e contraditoriamente, permite uma pesquisa comprometida ética e politicamente com a classe trabalhadora. Migrantes não são apenas força de trabalho em deslocamento.

Ao se debruçar sobre o que o Banco Mundial apresenta sobre migrações, é mais do que necessário transpor o discurso posto, uma vez que este está no nível da aparência. Trata-se de alcançar a estrutura em que as migrações estão inseridas e qual a natureza do entendimento das organizações multilaterais - no presente caso o Banco Mundial - sobre esse tópico, ou seja "[...] apreender a essência (estrutura e dinâmica) do objeto" (Netto, 2011, p. 22). Captar como o fenômeno migratório constitui e dá condição para a produção e reprodução do sistema capitalista (Marx, 2008).

Observamos, nas mídias, discursos políticos, apresentações de organizações da sociedade civil, falas a respeito de um mundo livre e unido, mas a realidade é bem diversa. Não se observa esse trânsito livre para a classe trabalhadora, apenas para o capital, mercadorias e elites. Sem o devido cuidado para se compreender a realidade de um fenômeno, corre-se o risco de ignorar as contradições existentes e imputar aos indivíduos culpas e responsabilidades que não lhes cabe.

Com a defesa da abertura dos mercados e da redução das responsabilidades estatais, em proveito do crescimento dos setores privados (Ribeiro; Raichelis, 2012; Furno, 2022), podemos perceber que o discurso de organismos multilaterais comunica a ideia de que o progresso é a grande solução; um discurso que se ampara na defesa do mercado como grande solucionador de problemas que afligem a sociedade, ou seja, progresso sob a ótica capitalista, sob a ótica dos que dele se beneficiam.

Nesse processo, muitas vozes são silenciadas. São sujeitos sociais que têm seu protagonismo ocultado, seu papel invisibilizado (Osterne; Brasil; Almeida, 2013). Logo, desenredar essa trama é mister. Para tanto, parte-se do que é reproduzido na realidade concreta. Isso envolve questionar os elementos que o capitalismo 'lança mão' para assegurar sua dominância. De acordo com Simionatto (2014), trata-se de questionar as "[...] ideias e dos instrumentos de controle e subjugação simbólicos capazes de ampliar o conformismo e a resignação das 'massas despossuídas'" (p. 9).

Para realizar o presente estudo é imprescindível perceber o ordenamento e a condução não apenas da instituição Banco Mundial e de seus documentos, mas do cenário em que estão situados. Descrever a realidade é indispensável para desocultar os artifícios utilizados pelo sistema capitalista, para favorecer sua reprodução perpétua. Para tanto, entendemos que a pesquisa documental se mostra como uma técnica apropriada para a condução deste trabalho.

Segundo Flick (2004), documentos não são meros depósitos de informações ou conteúdos; são meios de comunicar mensagens, ideias etc. São produzidos com intencionalidade seja quanto ao público que pretendem alcançar, o uso que terão, quem os produziu, em que contexto. Esses aspectos, devem ser o centro dos questionamentos de quem os pesquisa, assim como o que está omisso nos mesmos. Os documentos para análise selecionados se inserem nos recorte temporal, entre os anos de 2010 e 2024, destacado para esta pesquisa e suas orientações se propõem a prescrever políticas e ações (diga-se de passagem, interferir) para os países que têm ligação com o Banco Mundial.

Inicialmente, foi realizada pesquisa bibliográfica que se mostrou fundamental para a substancialização do objeto de estudo proposto. A pesquisa bibliográfica, de acordo com a definição de Lima e Mioto (2007), parte do ordenamento de procedimentos (leitura seletiva e crítica, identificação das informações, análises de dados, verificação das relações, compreensão das informações) para buscar soluções ligadas ao objeto de estudo, à problemática posta. Contudo, o arranjo desses procedimentos é flexível. Entende-se que no decorrer do processo de leitura, análise e produção textual, avaliações devem ser realizadas, e se necessárias, redefinições feitas. Essa pesquisa tem abordagem qualitativa uma vez que seu objeto é histórico (que pode ser transformado), além de ser ideológica, compreendendo que estão em jogo interesses e visões de mundo (Lima; Mioto, 2007). Temos uma pesquisa de caráter exploratório, ao se dispor a estudar um tema pouco investigado.

A análise dos documentos foi realizada a partir da análise de conteúdo proposta por Bardin (1977), pois permite a verificação das características do conteúdo e viabiliza a articulação de dados quantitativos e qualitativos. Para tal, seguimos as etapas indicadas pela autora: pré-análise (leitura flutuante), exploração do material, tratamento dos resultados, inferência e interpretação. As etapas de codificação e categorização apontadas por Bardin (1977) permitem a identificação, a sistematização e a sintetização dos elementos presentes nos discursos oficiais do Banco Mundial, isto é, suas orientações. O intuito desse movimento foi alcançar as estratégias de controle da força de trabalho presentes nos documentos, a aproximação do Banco ao fenômeno migratório e como o fomento do mercado de trabalho está presente nos intuitos da instituição, relegando aos migrantes a função de meros peões no tabuleiro capitalista.

Para a coleta de dados, os instrumentos foram: grelhas de extração de dados[6] (Bardin, 1977) e roteiro de leitura[7], construído a partir dos objetivos específicos deste projeto de pesquisa. Destacamos como eixos norteadores: desenvolvimento, remessas, trabalho, perspectiva sobre os migrantes, motivações das migrações, Estado, políticas migratórias e integração. A grelha de extração de dados foi constituída por termos selecionados de acordo com a sua pertinência para a compreensão do objeto de pesquisa. A categorização seguiu dois critérios sugeridos por Bardin (1977): semântico e sintático.

A codificação colocada por Bardin (1977) propicia o discernimento entre emissor ou produtor da mensagem, receptor, a mensagem e o canal de envio, sendo assim um momento também

[6] Apresentadas nas páginas 155 e 156, apêndice F.
[7] Apresentado na página 158, apêndice G.

fundamental para esta pesquisa. Elaborados tais documentos e extraídos os dados seguimos à interpretação dos mesmos.

O conteúdo das afirmações foi analisado de forma a manter uma postura questionadora e crítica do que está posto, pois entendemos a importância de se alcançar a essência das relações dos processos, não simplesmente transpor a realidade. Leituras, análises bibliográficas (levando em consideração parâmetros temáticos como: migração, trabalho, financeirização, política social, Estado, neoliberalismo) e elaboração de fichamentos foram as principais técnicas utilizadas. Estes procedimentos metodológicos se mostraram favoráveis para o alcance dos objetivos propostos.

A amostragem da pesquisa é do tipo não-probabilística, selecionada a partir do nível de acesso (alcance livre a partir do site oficial do Banco Mundial) e pela conveniência para o alcance dos objetivos propostos (Gil, 2008). Os documentos selecionados para análise, constituem-se de fontes secundárias, sendo obtidos em bases de dados públicas e socialmente aceitas (Quivy; Campenhoudt, 1998). O recorte temporal foi um critério de seleção, direcionando a busca para documentos produzidos a partir da década de 2010. Entendemos a importância e o compromisso da pesquisa com a prática social, assim nosso marco cronológico inicial se justifica no crescente apelo político e midiático do tema das migrações, para além da necessidade de questionar o aumento de discursos e práticas anti-imigratórias, que vêm ocorrendo nesse decênio.

O formato e propósito dos documentos também constituíram critério de seleção da amostragem. Foram selecionados os documentos categorizados, segundo o Banco Mundial, como '*policies briefs*'[8]. Estes, segundo a própria organização, tratam de questões do cotidiano, com base em pesquisas científicas e apresentam sugestões de ações para se pensar políticas públicas e ações a serem postas em prática. Realizamos nossas investigações apenas sobre os *policies briefs* que tratam de migração em aspectos gerais, isto é, não eram direcionados a localidades específicas.

Também, relatórios do Banco Mundial[9] sobre migração foram selecionados para análise. A seleção destes se deu a partir do recorte temporal da pesquisa e da abrangência dos mesmos, isto é, relatórios que tratam das migrações de forma global, não tendo como foco países específicos. Entendemos, assim, que a escolha desses documentos favorece a compreensão do objeto de estudo por trazer aspectos políticos e ideológicos do Banco Mundial em suas linhas.

---

[8] Listados em quadros, a partir da página 138, no apêndice A.
[9] Relacionados na página 141, no apêndice B.

O acesso aos documentos foi realizado através do site oficial do Banco Mundial e, os textos desses documentos são apresentados em língua inglesa. A tradução livre dos mesmos foi feita pela pesquisadora, a partir de leitura interpretativa. Os trechos e citações dos documentos serão apresentados em língua portuguesa, com a indicação das devidas referências e páginas em que podem ser encontradas em versão original. Ressaltamos aqui, que os documentos do tipo *policy brief* não são paginados, logo a referência a esses não contará com a indicação da página. Tanto os relatórios, quanto os *policies briefs* utilizados para coleta de dados e análise estão listados na seção apêndices com seus devidos links de acesso. Reconhecemos, aqui, o risco de falhas na tradução, devido a existência de termos que possam ter sentidos múltiplos, dadas as diferenças entre as línguas portuguesa e inglesa. Nesses casos, vamos proceder com explicações em notas de rodapé com a apresentação dos diferentes sentidos dos termos, que devem ser levados em consideração a partir dos contextos em que estão inseridos.

Teremos como compromissos éticos o reconhecimento da não neutralidade de nossas pesquisas, assumindo aqui uma postura ao lado da classe trabalhadora. A pretensão de entender criticamente a estrutura das migrações no capitalismo a partir da análises de documentos do Banco Mundial, uma instituição atrelada ao capital, demonstra tal compromisso. Ainda, asseguramos o respeito aos/às autores/as por meio do rigor científico e teórico referenciado, e aos sujeitos (classe trabalhadora), mesmo que na pesquisa apareçam de forma indireta.

Migrações envolvem uma série de camadas, mas para este trabalho o foco está na compreensão de como a migração é instrumentalizada por agentes do capitalismo. No cotidiano de imigrantes há muito mais do que se acompanha no *mainstream*. Assim, muitas questões permeiam nosso pensamento, como: que espaço os migrantes ocupam nos documentos do Banco Mundial? Como são apresentados? Como é proposta sua integração? Como o Estado participa e o que ele assume nos processos migratórios? Como as orientações do Banco conduzem a meios e instrumentos que contribuem com o mascaramento da tirania capitalista, concretizada na exploração sobre a classe trabalhadora? Que formas de gerir os movimentos migratórios correspondem ao controle da força de trabalho migrante? Dessa forma, esta pesquisa pretende contribuir com reflexões a respeito da classe trabalhadora na dinâmica capitalista, observando seu movimento e suas demandas a partir de uma perspectiva crítica, reconhecendo que a realidade é mais complexa do que qualquer teoria possa alcançar (Osterne; Brasil; Almeida, 2013). Assim, para realizar nosso estudo identificamos fatores que se destacam nos documentos do Banco Mundial quanto às migrações para entender como o

Banco circunscreve o fenômeno migratório e organizamos nosso trabalho de modo a construir um caminho que possibilite o alcance de nossos objetivos.

Esta dissertação está estruturada em cinco partes, além desta introdução. No capítulo 2, discorremos a respeito dos elementos que conformam as migrações no modo de produção capitalista e o desenvolvimento destas para tal sistema. Posteriormente, no capítulo 3, examinamos como tem ocorrido a aproximação do Banco Mundial ao fenômeno das migrações internacionais, destacando o que a instituição considera como peças-chave de tais processos, assim como justifica essa mobilidade. Seguindo, no capítulo 4, apresentamos as recomendações políticas do Banco Mundial para a gerência das migrações e trazemos o debate sobre o caráter contraditório das políticas sociais, que são essenciais tanto para a classe trabalhadora, quanto para o capital, mas com larga vantagem para este. Na penúltima parte, capítulo 5, apresentamos os rebatimentos das ideias e aconselhamentos do Banco Mundial referentes aos processos migratórios sobre as pessoas que migram. As orientações do Banco Mundial, trazem um discurso cordial, mas no noticiário, no dia a dia, podemos observar, sem grandes dificuldades, que o cotidiano de migrantes é muito mais complexo e não corresponde ao padrão ideal (regularizado) de migrações defendido nas orientações do BIRD, dado que este formato corresponde a formatação jurídica capitalista.

Por fim, nas considerações finais – item 6 – destacamos que, o modo como as migrações se processam no capitalismo é endossado e impulsionado por instituições como o Banco Mundial, componente do núcleo capitalista. Reforçamos que as migrações no capitalismo estão longe de representarem uma vontade livre dos indivíduos. Enfatizamos, ainda, que a ação dos Estados é suscetível às exigências do Banco Mundial em função da subordinação em que são colocados, especialmente, decorrente da dívida pública.

Seguindo a lógica neoliberal, o Banco Mundial traz um discurso puramente demagógico, que contempla as necessidades de acumulação do capital em seu estágio atual, estando inserido em suas estratégias de exploração e expropriações sobre a classe trabalhadora. Suas orientações e propostas para o trato das desigualdades sociais concorrem para a manutenção da dominação capitalista. Com o fenômeno das migrações o mesmo se sucede, pois o Banco (reforçando, como instituição necessária para viabilizar os interesses das elites capitalistas mundiais) coloca em cena elementos que favoreçam tal quadro e sejam condizentes ao perfil das migrações no capitalismo.

2. Desenvolvimento das dinâmicas migratórias no capitalismo

Inicialmente, propomos abordar alguns elementos que envolvem os fluxos migratórios no sistema capitalista. Assim, entendemos ser importante esmiuçar a ideia construída no imaginário social sobre as migrações e como se processam no sistema capitalista. Da mesma forma, cremos ser relevante compreender que caminhos são forjados para criar um ambiente e que elementos atuam na formatação das migrações no capitalismo.

O avanço do capitalismo disseminou seu *modus operandi* por todo o planeta e estabeleceu suas estruturas, favorecendo seu desenvolvimento em todos os espaços. Seu crescimento e seu alargamento permitiram que, tanto os proprietários do capital, quanto a classe trabalhadora, se reproduzissem, em moldes capitalistas, nas variadas regiões do globo. Isso impulsionou uma ampliação em escala global da classe trabalhadora. Com isso, a necessidade vital do capitalismo de exploração de outrem estaria assegurada, não importando de que local se tratasse.

Foi de forma gradual, e desigual nas diferentes regiões do planeta, que o capitalismo se ergueu. A Revolução Industrial, nos séculos XVIII e XIX - também de forma contínua e gradativa - trouxe mudanças significativas no campo econômico, estabelecendo uma "economia substancialmente industrializada, capaz de produzir, em termos amplos, tudo que desejasse dentro dos limites das técnicas disponíveis" (Hobsbawm, 2022, p. 60). Nesse contexto, Hobsbawm (2022), destaca que a Grã-Bretanha continha condições que, ali, aceleram o crescimento do capitalismo (como o cercamento das terras e a existência de um mercado para o qual as atividades agrícolas eram dirigidas, já se mostrando, moderadamente, estabelecido).

O processo de produção foi recebendo inovações tecnológicas que tinham como objetivo aumentar os lucros dos capitalistas, através da extração da mais-valia. Tal desenvolvimento atualizou as formas de exploração do trabalho e da acumulação do capital, de acordo com Prieb e Carcanholo (2011). Por mais que o ímpeto do capital em se apoderar esbarrasse em suas próprias limitações, elas logo eram superadas, ultrapassando quaisquer fronteiras (seja em aspectos geográficos, seja em sentido socioeconômico e político). A busca por novos mercados era um imperativo.

Essa expansão conduzia no mesmo ritmo tanto a produção quanto o consumo. Contudo, conforme Luxemburgo (2021, p. 330), "o consumo crescente da classe capitalista não pode ser considerado a meta final da acumulação". O fim é acumular para ampliar a produção,

alcançando a valorização do capital. E, no mercado externo encontram-se formas para aumento de capital. O intuito capitalista não é produzir mercadorias, mas sim se apropriar da mais-valia, de forma constante e crescente (Luxemburgo, 2021). Isso não é realizável em um esquema de reprodução simples, ocorrida no mercado interno, onde "a renda serve ao capitalista apenas como fundo de consumo ou é gasta com a mesma periodicidade com que é obtida" (Marx, 2023, p. 642), sendo o dinheiro apenas um meio de pagamento. Com a internacionalização, a mais-valia se transforma em capital com o estabelecimento de um mercado que ultrapassa fronteiras e altera o processo de acumulação, configurando a reprodução ampliada do capital. Firma-se, assim, um ciclo *ad aeternum*. A acumulação se faz presente em todos os ramos da produção capitalista, que quando esbarra em seus limites, passa por um período de crise. Mas esse período permite ao capital ampliar os mercados (Luxemburgo, 2021), que por sua vez, demandam a ampliação do capital por outros setores.

Esse processo foi acentuado com a globalização iniciada em meados do século XX. As alterações do capitalismo, mesmo que profundas, mantiveram a essência desse modo de produção. Trouxeram novas contradições e antagonismos, e, segundo Netto (1996, p. 15), foi colocado "em patamar mais alto, sistema totalizante de contradições que confere à ordem burguesa os seus traços basilares de exploração, alienação e transitoriedade histórica". Consolidada a racionalidade capitalista, o trabalho se encontrava, completamente, enquadrado na lógica do capital. A acumulação do capital tem seu equivalente na ampliação do proletariado (Marx, 2023) e, conforme Chesnais (2016, p. 41, tradução nossa): "A maior conquista do capital nos últimos 40 anos foi a criação de uma 'força de trabalho global'"[10].

O crescimento econômico ocorreu de 'vento em popa', e o capitalismo precisava de mais espaço, que foi sendo conquistado através de processos que Saskia Sassen (2016) define como expulsões. Segundo a autora, os instrumentos utilizados para efetivar essas expulsões têm sido políticas, instituições, sistemas e técnicas. Políticas que restringem acessos e direitos da classe trabalhadora; instituições que protegem as prerrogativas do capital; sistemas que viabilizam o *modus operandi* capitalista; técnicas centradas na eficiência prática, desprovidas de um cariz político (como se isso fosse possível). Em suma, se tratam de expulsões porque os elementos que as promovem expropriam as condições de vida da classe trabalhadora, forçando-a a deixar seus territórios. E esses elementos fazem parte de um mesmo ordenamento: a estrutura do capitalismo. Apesar de se apresentarem dissociados, atuam de forma conjunta na

[10]"*Capital's greatest achievement during the past 40 years has been the creation of a 'global labour force*'".

conformação de um ambiente no qual, parte da classe trabalhadora se vê impelida a migrar, apesar da imagem de movimentos espontâneos, de escolhas.

A mundialização do capital propiciou o alcance deste a novas áreas para se estabelecer, sobretudo, a esfera financeira. O avanço tecnológico trouxe à cena instrumentos financeiros de grande complexidade, que gozam de grande poder e influência na vida social e são baluartes do capitalismo desde o século XX. A cada crise o capitalismo se reinventa e cria novos componentes na e da sua estrutura, que passam a atuar de forma orgânica no funcionamento desse sistema. Nesse avanço, a dinâmica capitalista complexificou e ampliou as relações sociais, que alcançaram um novo patamar. A magnitude alcançada pelo capitalismo tem revelado uma desigualdade socioeconômica em índices e parâmetros colossais. Os deslocamentos populacionais não fogem a essa regra, e as expulsões, nos termos de Sassen, têm se intensificado, e demonstrado enérgicos sinais de continuidade: "algumas (dessas) expulsões vêm ocorrendo há muito tempo, mas não na escala atual" (Sassen, 2016, n.p).

Nesse horizonte de expansão e expulsões, em uma escala mundial desigual, encontramos um "capitalismo que corresponde, cada vez mais, ao seu próprio conceito" (Mello, 2023, p. 9): expropriações, exploração acentuada, imperialismo, coisificação, concorrência global etc. A brutalidade toma conta de toda a dinâmica e encontramos seu correspondente nos processos violentos que tornaram possível o nascimento do capitalismo. Antes da acumulação propriamente capitalista, segundo Marx (2023), uma acumulação prévia foi importante para que o capitalismo pudesse pavimentar seus caminhos. Essa acumulação primeira ocorreu por meio de conquistas, subjugação, assassinatos e roubos, tirando dos indíviduos as condições necessárias para realização do tabalho, com destaque para a expropriação de terras: "grandes massas humanas são despojadas súbita e violentamente de seus meios de subsistência e lançadas no mercado de tabalho" (Marx, 2023, p. 787).

Essa separação entre os indivíduos, os produtores, e a propriedade dos meios para realização do trabalho foi (é) condição fundamental da produção capitalista. O *status* de trabalhador livre, agora outorgado com a libertação do domínio feudal, veio acompanhado da perda da posse dos meios para garantir sua subsistência. As possibilidades de reprodução da vida, para o trabalhador livre, agora estavam colocadas no mercado - o que revela o caráter contraditório dessa liberdade. Nesse cenário, o trabalho desponta como promessa de conquistas e ganhos, mas não para todos. Marx (2023) retoma o pecado original teológico para ilustrar a situação: com a atitude de Adão e Eva, toda a humanidade foi condenada, inclusive os próprios, a

‘comer o pão com o suor de seu rosto’; já na versão econômica, os autores do ato pecaminoso, aqueles que primeiro acumularam, comem o seu pão com o suor do rosto de outrem; esses, por sua vez, seguem trabalhando, padecendo na pobreza que parece não ter fim, para atender as demandas dos donos dos meios de produção.

O trabalho de uns para proveito de outros é dogmático no capitalismo, e o capital exige fluidez de trabalho para que a força de trabalho possa ser adaptada de acordo com as suas necessidades. E, essa fluidez só é possível com a liberdade dos indivíduos (Gaudemar, 1977). A liberdade dos indivíduos, a partir do processo histórico de separação entre produtores e meios de produção, é um princípio basilar para o capitalismo, comportando uma mobilidade como trabalhadores. Essa mobilidade significa uma força de trabalho apta para deslocações e modificações do seu uso, segundo Gaudemar (1977), sendo “tão indiferente ao conteúdo do seu emprego como o capital o é de onde investe, desde que o lucro extraído seja satisfatório” (Gaudemar, 1977, p. 190). Ou seja, os trabalhadores livres ficam à disposição das necessidades do mercado, sem grandes poderes de decisão sobre seus destinos. Dadas as condições nas quais são enquadrados dentro da dinâmica capitalista, na verdade não são tão livres: a liberdade em moldes capitalistas é parcial, fragmentada e ilusória.

Segundo Marx (2023), essa liberdade se dá em duplo sentido: por um lado, por não integrarem os meios de produção, são livres para gerir sua força de trabalho; e por outro, por não possuírem meios de produção, têm que vender sua força de trabalho para quem os possui. Essa situação coloca a classe trabalhadora à mercê do mercado a fim de garantir sua existência. Ou vende sua força de trabalho ou tem que apelar a outras formas, como coloca Engels (2010, p. 155):

> A miséria só permite ao operário escolher entre deixar-se morrer lentamente de fome, suicidar-se ou obter aquilo de que necessita onde encontrar – em outras palavras, roubar. Não espanta o fato de a maioria preferir o furto ao suicídio ou à morte por fome.

À medida que a produção capitalista avança, maior se torna a necessidade de mobilidade da força de trabalho. A relação entre capital e trabalho é o motor dos deslocamentos da classe trabalhadora, no capitalismo. Logo, esse trânsito não é um movimento orgânico dos seres humano-genéricos, ele busca atender e dar continuidade à dinâmica capitalista.

Os processos e as relações capitalistas têm se intensificado, assim como a brutalidade, presente desde seus primórdios. Aos que migram, a situação se intensifica, pois para além da exploração da sua força de trabalho, ainda se deparam com uma série de discriminações, e,

segundo Antunes, são a parte da classe trabalhadora "mais desfavorecida" (2018, n.p, grifo do autor).

Deslocamentos humanos estão presentes desde sempre na história da humanidade e ocorrem de forma variada, assim como por motivações diversas. De acordo com Peliano (1990), a mudança nas relações de produção faz com as migrações assumam características peculiares. Para o autor, modificações nas formas de captar o trabalho, historicamente, interferem na distribuição territorial do trabalho, acionando a mobilidade. As condições de reprodução da vida colocam as pessoas em trânsito. Dessa forma, "migrações, enquanto deslocamentos naturais de população, se tornam deslocamentos determinados (provocados) de população" (Peliano, 1990, p. 124).

Migrações são processos complexos e no contexto do capitalismo têm traços contraditórios. Muitos dos fluxos migratórios resultam das contradições inerentes a esse sistema, e, ao mesmo tempo, são elementos fundamentais à manutenção da sua estrutura. Existe uma maquinaria que opera e faz com que pessoas sejam levadas a migrar. Para sustentar essa dinâmica, há um aparato sócio-jurídico que legitima e camufla as artimanhas capitalistas.

Nesse cenário, instituições e organizações são forjadas dentro do arquétipo do capital e têm um papel essencial no andamento do capitalismo. Dessa forma, os deslocamentos que aparentam ser ações deliberadas, não são exatamente movimentos livres, mas sim ações que carecem de organicidade. Villen (2018), destaca que migrações aparentam estar descoladas do todo social, em especial do mundo do trabalho, mas estão diretamente conectadas à dinâmica da acumulação do capital. Ou seja, a ideia de migrações enquanto movimentos (alegadamente) livres e espontâneos têm um papel no dinamismo e na reprodução capitalistas. Assim, vê-se que migrações não estão isoladas do e no tecido social, e sua compreensão demanda um entendimento abrangente do sistema capitalista.

2.1 A dinâmica intensificada: mais atores entram em cena

Entre os séculos XVI e XVIII, o modo de produção capitalista dava seus passos iniciais e deixava evidente a necessidade de um elemento que lhe pavimentasse o caminho - já mostrando sua insuficiência em seguir por conta própria, apesar da constante defesa de liberdades irrestritas e rechaço a qualquer intervenção no mercado. Isso significa que alterações estruturais foram necessárias para que o capitalismo se desenvolvesse. Esse elemento era o Estado. De acordo com Marx (2023), foi o Estado que oportunizou o

rompimento com as estruturas feudais possibilitando o "[...] livre desenvolvimento da produção e (...) livre exploração do homem pelo homem" (p. 787). O Estado foi responsável por promover uma série de transformações que favoreceram o progresso do capitalismo. Marx (2023) indica os processos que representaram tais mudanças: cercamentos, expropriação de terras, Reforma Protestante, Revolução Gloriosa, *clearing of estates*, criação de mercado interno, colonialismo, sistema de crédito, dívidas públicas, aparecimento de grandes bancos etc. Em suma:

> O roubo de bens da Igreja, a alienação fraudulenta dos domínios estatais, o furto da propriedade comunal, a transformação usurpatória, realizada com inescrupuloso terrorismo, da propriedade feudal e clânica em propriedade moderna, foram outros tantos métodos idílicos da acumulação primitiva. Tais métodos conquistaram o campo para a agricultura capitalista, incorporaram o solo ao capital e criaram para a indústria urbana a oferta necessária de um proletariado inteiramente livre (Marx, 2023, p. 804).

Tais mudanças abriram o caminho para a subsunção do Estado ao capital. Paradoxalmente, a subsunção no processo de formação do capitalismo, ocorre concomitantemente à consolidação dos Estados, um indício de sua inclinação à burguesia. Havia cooperação estatal com o embrionário modo de produção capitalista, e, sincronicamente, o Estado se tornava um de seus pilares. Atendendo ao mito da salvação pública frente um cenário caótico e inseguro, o Estado capitalista foi se mantendo e caminhando além 'do necessário' se convertendo em uma força, que reduziu a vida daqueles que não detém os meios de produção à sobrevivência (Vaneigem, 1998).

Com o avanço do sistema capitalista, o desequilíbrio social se aprofundou e, paralelamente, se expandiu a ideia de um mundo justo, igual e livre. E esse novo 'mundo sem fronteiras' vem, desde então, se colocando como verdade absoluta, apesar de toda contradição visível. Segundo Fontes (2010), a ampliação é uma tendência do capital e se revela incontrolável. Marx (2015, p. 66) já indicava que: "a necessidade de um mercado em constante expansão para os seus produtos impele a burguesia a conquistar todo o globo terrestre. Ela precisa estabelecer-se, explorar e criar vínculos em todos os lugares". A formação do mercado mundial foi condição essencial à expansão da concentração de capitais. E, de acordo com Villen (2018), a formação e unificação do mercado mundial estão associadas às migrações internacionais e ao mercado de trabalho.

Nesse percurso, a autonomização do capital foi (e vem) obscurecendo as relações sociais capitalistas, fazendo com que o econômico e o social apareçam dissociados (Fontes, 2010). O

estabelecimento do mercado mundial demanda a reprodução, também em escala global, da força de trabalho. Dissimuladas, as relações capitalistas acobertam as - crescentes - taxas de exploração.

No século XX, ocorreram mudanças que agitaram a dinâmica do capitalismo, mas - como sempre em sua trajetória - seus métodos basilares não foram alterados: tanto a exploração do trabalho alheio, quanto a busca incessante pela acumulação se mantiveram. As transformações sempre estiveram presentes na trajetória do capitalismo, mas neste século as mudanças que estavam em trânsito foram aceleradas. O capital industrial estava ampliando seu desenvolvimento, que foi potencializado no pós Segunda Guerra (Teixeira, 2009).

Já no início do século citado, as grandes potências mundiais se envolveram em guerras de grandes proporções que atingiram todo o globo. O pós II Guerra Mundial revelou um panorama favorável para um salto no desenvolvimento e crescimento capitalistas. Chesnais (2005), destaca que novas possibilidades de acumulação se mostravam aos capitalistas, sendo um momento propício para se desvincularem da produção material. Esta movimentação representava "[...] não sintoma de deformação, mas de aperfeiçoamento da natureza do regime do capital" (Chesnais, 2005, p. 8).

Foi um período marcado por extremos e apresentou os pilares das polaridades vividas hoje, com a divisão do mundo em "'campos' marcadamente divididos" (Hobsbawm, 1995, p. 235). As mudanças do sistema capitalista (lideradas por um novo regime econômico e uma nova ordem geopolítica) tomaram um ritmo intenso, não à toa, a velocidade que o mundo se processa atualmente e as polaridades encontradas. A restauração dos países europeus devastados pela guerra, os progressos tecnológicos, o crescimento das exportações e da produção dos centros capitalistas, segundo Hobsbawm (1995), demonstraram o quanto o capitalismo avançava dentro de seu projeto.

Esse ritmo intenso, também se refletiu em uma exploração mais acentuada dos recursos naturais, sem considerações com as implicações futuras para o planeta. A atenção estava voltada para o momento (o tempo do capitalismo é o imediato) e na consolidação da 'nova' ordem capitalista: "(...) a ideologia do progresso dominante tinha como certo que o crescente domínio da natureza pelo homem era a medida mesma do avanço da humanidade" (Hobsbawm, 1995, p. 257). Desmedida talvez seja a palavra de ordem do capital: em um modo de produção assentado na exploração de uma classe sobre a outra, nada mais conveniente (aos capitalistas) que conduzir essa divisão aos limites.

Eric Hobsbawm (1995), elenca três aspectos, advindos da avassaladora chegada de novas tecnologias, que foram base da 'nova' forma capitalista de operar no pós Segunda Guerra, a saber: 1) alteraram a vida cotidiana nos países ricos, e em certa medida nos pobres, com introdução de aparelhos que revolucionaram o dia a dia das famílias, logo ampliando o consumo; 2) aumento das pesquisas com a finalidade de estimular o desenvolvimento; 3) novas tecnologias de capital intensivo que demandavam menor força de trabalho. Esse momento de 'prosperidade para o capital' atraiu novos contingentes de trabalhadores. E o autor pontua que, ao mesmo tempo em que os ricos ficavam mais ricos, a pobreza crescia em ritmo colossal.

Com o avanço das finanças, a internacionalização da economia e a mobilidade do capital financeiro, as fronteiras passaram a representar um estorvo ao bom andamento do sistema, em especial das atividades econômicas (Hobsbawm, 1995). Um reflexo proeminente disto foi o abalo causado pelas empresas transnacionais nos Estados-nação territoriais, sublinha Hobsbawm (1995). Para o historiador, ao "internalizar mercados ignorando fronteiras nacionais" (p. 273), as empresas indicavam que a limitação ao território não mais renderia bons frutos e se colocavam acima dos Estados. O que não significa o desmantelamento destes, uma vez que, como já mencionado, desde os primórdios do capitalismo o Estado é um agente fundamental, e nessa nova fase do capitalismo não seria diferente. Tratava-se de um fenômeno global, mas com rebatimentos desiguais, em especial se colocamos em contraste regiões centrais e periféricas do capitalismo.

Crescia, então, um mundo com foco na expansão irrestrita e supressão de fronteiras: "Na Era dos Impérios a política e a economia se haviam fundido. A rivalidade política internacional se modelava no crescimento e competição econômicos, mas o traço característico disso era precisamente não ter limites" (Hobsbawm, 1995, p. 37). Essa união, de economia e política, em dados momentos da história aparece de forma explícita. Entretanto, via de regra, a retórica hegemônica, do capital, advoga pela separação das esferas. Tudo válido a fim de garantir o predomínio capitalista, principalmente, em um momento no qual o mundo se mostrava sem barreiras ao capitalismo. Afinal, as finanças avançavam e pretendiam se estabelecer. A globalização já era um caminho sem volta.

A internacionalização da economia foi impulsionada e trazia consigo uma nova divisão internacional do trabalho, mais sofisticada. O capital precisa e está em constante busca por novos mercados; e os encontra. Com o sistema financeiro mundializado, há a produção e circulação de produtos no mundo, juntamente com a exploração dos trabalhadores (Silva;

Queiróz; Ferreira, 2016). De acordo com Silva, Queiróz e Ferreira (2016), os processos migratórios, nos moldes capitalistas, representam "[...] cenário propício aos investimentos estrangeiros e à acumulação do capital, bem como ao desenvolvimento das economias mundiais" (p. 41), por oportunizaram a exploração de parte da classe trabalhadora.

O processo de globalização foi facilitado graças às revoluções dos transportes e das comunicações (Hobsbawm, 1995), que encurtaram tempo e espaço. As guerras geraram um grande contingente de pessoas refugiadas que se deslocaram a fim de retomar suas vidas. E mais, os reservatórios de força de trabalho haviam sido reduzidos, atraindo grupos das zonas rurais, migrantes internacionais e mulheres casadas para os centros. Peliano (1990) afirma que o capital comanda as migrações visto que estas "[...] são produtos do capitalismo enquanto representam deslocamentos de trabalhadores necessários à absorção produtiva pelo sistema (...) engrossarem a superpopulação relativa" (p. 125). Antes do processo migratório propriamente dito ser iniciado, o capital já articulou os meios de trabalho seja no país de origem, seja no de destino (Peliano, 1990). Nesse cenário, até governos resistentes à migração cederam, mas por períodos curtos. A migração é permitida em caráter temporário (Hobsbawm, 1995). Recuperar a economia era/é urgente no capitalismo.

As guerras que marcaram a primeira metade do século XX desviaram a economia para a sua produção (Hobsbawm, 1995), isto é, outros setores dos países envolvidos tiveram seus investimentos esvaziados em prol da guerra. Assim, com o fim dos conflitos era necessário a muitos países se reconstruírem, em variadas instâncias. Apenas os Estados Unidos gozavam de posição favorável nesse contexto, prenúncio do êxito alcançado por esta nação nos anos que se seguiram: "[...] efeito econômico mais duradouro das duas guerras tenha sido dar à economia dos Estados Unidos uma preponderância global sobre todo o Breve Século XX" (Hobsbawm, 1995, p. 55). Oportunizaram tal condição aos EUA: seu distanciamento geográfico do conflito, o crescimento que vinha experimentando e o fato de ter se tornado o principal arsenal armamentício do planeta.

Assim, as guerras também foram um impulso para o avanço das finanças, dado que estas se tornaram uma forma 'viável' para custear os conflitos através de empréstimos, segundo Hobsbawm (1995). A partir daí, novas formas de negociações se desenvolveram possibilitando a solidificação do domínio das finanças. Grupos armamentistas foram reestruturados por acionistas institucionais (Chesnais, 2005) e doravante, exércitos e guerras passaram a compor um complexo da atividade econômica (Hobsbawm, 1995).

O mundo do trabalho, central do modo de produção capitalista, não passou ileso às transformações. A nova etapa da acumulação, financeira, indicava a necessidade de formatação de uma força de trabalho multifuncional, que fosse explorada de forma mais sofisticada e intensa (Antunes, 2007). A produção caminhava para a flexibilização e buscava-se novos padrões de produtividade, o que segundo Antunes (2007, p. 24), corresponde a "novas formas de adequação da produção à lógica do mercado e de gestão da força de trabalho". Com isso, a flexibilização[11] dos processos de trabalho permitiu a expansão de formatos frágeis de trabalho (parcial, temporário, intermitente, informal, terceirizado), e todos marcados pela precarização das condições de trabalho.

Também os direitos trabalhistas foram atingidos e 'reestruturados' (quando não suprimidos.). Desregulamentações têm marcado o mundo do trabalho nas últimas décadas. Antunes (2007) sublinha que, não é que o trabalho não seja mais necessário (se assim o fosse não haveria mais capitalismo), mas sim que ele, e tudo que o envolve, precisa acompanhar os passos do capital. Para o autor, no capitalismo é necessário

> cada vez menos do trabalho estável e cada vez mais das diversificadas formas de trabalho parcial ou *part-time*, terceirizado, que são, em escala crescente, parte constitutiva do processo de produção capitalista (...) uma coisa é ter a necessidade imperiosa de reduzir a dimensão variável do capital (...) outra, muito diversa, é imaginar que, eliminando completamente o trabalho vivo, o capital possa continuar se reproduzindo (Antunes, 2007, p. 10-11, grifos do autor).

Os migrantes têm ocupado postos de trabalho marcados pela flexibilidade. Segundo Antunes (2018), migrantes são um "[...] expressivo segmento do proletariado global que é, simultânea e contraditoriamente, tão imprescindível, quanto supérfluo para o sistema do capital" (n.p.). A força de trabalho migrante ocupa um espaço de destaque na economia de muitos países, pois faz crescer de forma acentuada a superpopulação relativa e representa uma mão de obra 'facilmente' explorada, que dada a falta de vínculos empregatícios "[...] entra facilmente e é demitida sem custos [...]" (Antunes, 2007, p. 52).

Segundo Furquim, Simões e Serafim (2020), migrantes se movem para onde a força de trabalho é demandada, isto é, "se movem em decorrência da necessidade da circulação da mercadoria força de trabalho" (p. 383). Aos capitalistas é vital o domínio sobre a produção e o controle da força de trabalho. Dessa forma, o controle migratório, isto é, a migração captada pelo direito, vai possibilitar o aumento ou a diminuição da oferta de força de trabalho

[11] A flexibilização das relações de trabalho envolve as formas de contratação, a alteração das jornadas, das atividades dos trabalhadores, dos processos de trabalho e da própria produção (Antunes, 2018).

(Furquim; Simões; Serafim, 2020). A reprodução social do sistema é assegurada, também, por este mecanismo que é protegido pelo aparato socioeconômico e jurídico capitalista que corresponde às necessidades do capital, dado que "cada forma de produção cria suas próprias relações de direito, suas formas de governo próprias" (Marx, 2008, p. 243).

É nesse cenário, de "substancial reestruturação e reforma do capitalismo, e um avanço bastante espetacular na globalização e internacionalização da economia" (Hobsbawm, 1995, p. 264), que novos atores se destacam na estrutura capitalista para cooperar com a condução do 'novo' mundo que emergia.

O processo de acumulação havia encontrado suas limitações nas décadas de 1960 e 1970, apontando o "descompasso da produção e as necessidades sistêmicas de apropriação de mais-valia" (Miranda; Carcanholo, 2020, p. 27). Isso porque o capital se dirigia aos mercados financeiros e precisava de, nas palavras de Miranda e Carcanholo (2020, p. 27): "novos ares para a acumulação, essa descolada da produção de mais-valia".

A expansão capitalista após a II Guerra Mundial, teve características peculiares, pois nesse cenário despontava tanto o primado estadunidense, quanto organizações e regras internacionais, agora estruturantes do sistema capitalista, que foram capazes de oportunizar a reconfiguração das determinações gerais do capital (Miranda; Carcanholo, 2020). Foram rompidas as fronteiras para os fluxos de capitais, com sua liberalização, o que pleiteou uma transformação no funcionamento dos Estados. As necessidades do capital foram traduzidas como necessidades universais, que precisavam ocupar lugar na agenda das políticas de Estado (Miranda; Carcanholo, 2020; Behring, 2021).

Segundo Hobsbawm (1995), as negociações entre os envolvidos na II Guerra Mundial indicavam a necessidade de um sistema global responsável pela condução política e econômica dos Estados, emergindo daí, instituições que dariam suporte a um "regime institucional internacional" (Chesnais, 2005, p. 19) político e econômico, como a Organização das Nações Unidas (ONU) - dado o fracasso da Liga das Nações -, o Banco Mundial (BIRD) e o Fundo Monetário Internacional (FMI). De acordo com Chesnais (2005), em suma, essas organizações eram mecanismos de dominação e controle das relações do capital. Elas têm um lugar de destaque no capitalismo, principalmente os organismos financeiros, sendo protegidos e apoiados pelas elites dos grandes países capitalistas (G7)[12], em um pleno sentido de "*institutions matter*" (Chesnais, 2005, p. 19). Ou seja, concede-se às instituições uma

[12] O Grupo dos Sete (G7) é o grupo dos países mais industrializados do mundo, composto por: Alemanha, Canadá, Estados Unidos, França, Itália, Japão e Reino Unido.

autoridade, funcional, que lhes assegura um poder de influência na sociedade capitalista em assuntos econômicos, sociais, políticos e, até, ambientais[13]. Mais uma vez, como desde o início, no capitalismo prevalece a agenda que coloca o avanço econômico acima de qualquer outro aspecto da vida em sociedade, e vão contribuir com a manutenção da alienação e exploração capitalistas.

Não obstante, mesmo desfrutando de tamanha autoridade, tais instituições estão subordinadas à política estadunidense, uma vez que a supremacia alcançada pelos EUA no pós-guerra trouxe, não apenas uma nova ordem política mundial, mas também uma nova ordem econômica mundial, sob liderança estadunidense (Hobsbawm, 1995). No fim das contas, tem-se o capitalismo global girando em torno dos interesses dos EUA. Cabe aqui, uma observação. A postura dos Estados Unidos nesse cenário corresponde a seus ideais imperialistas, produzindo e reproduzindo práticas que mantenham sua posição e amplie seus domínios. As instituições e organizações multilaterais, surgidas no pós Segunda Guerra, que, a grosso modo, teriam como suas principais linhas de atuação o apoio na reconstrução do mundo pós-guerra, na verdade, dão continuidade ao projeto estadunidense.

Os Estados Unidos foram presença central na criação de tais instituições. Sua posição no pós-guerra lhe permitiu se colocar e se consolidar como maior potência global, se tornando hegemônica na direção da geopolítica e da economia, trazendo um novo arranjo global, espelhando pelo mundo seu projeto político e econômico (Ribeiro; Raichelis, 2012). De acordo com Perkins (2005, p. 9), bancos, grandes corporações, instituições multilaterais e governos "praticam o velho jogo do imperialismo, mas um tipo de jogo que assumiu novas e aterradoras dimensões durante este tempo de globalização" e o objetivo das ações, a partir desse período, seria o estabelecimento de um "império mundial" (p. 18).

Segundo Furno (2022), as instituições multilaterais transportam os interesses financeiros do grande capital, e favorecem a ampliação das desigualdades e a submissão ao imperialismo estadunidense. Teixeira (2009) corrobora essa assertiva ao apontar que é notável o alinhamento de tais instituições com as elites internacionais, atreladas e dedicadas à racionalidade financeira. Ainda segundo o autor, tais organismos seriam mecanismos de previsão e controle de crises, mas suas funções vão além: também vão favorecer a veiculação

[13] Em outubro de 2025, foi anunciado que o Banco Mundial passaria a administrar o Fundo Florestas Tropicais para Sempre, uma iniciativa global, liderada pelo Brasil e criada para proteger e conservar as florestas tropicais do mundo para as futuras gerações. Reportagem sobre o anúncio no link Banco Mundial é confirmado como administrador e anfitrião interino do Fundo Florestas Tropicais para Sempre (TFFF) — Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima. Acesso em: 22 out. 2025.

e imposição do pensamento das elites capitalistas. Ou seja, desde a criação, sua atuação focada na garantia da concretização dos projetos capitalistas das elites fica bem demarcada. Ribeiro e Raichelis (2012, p. 53) destacam que a existência destes organismos criados após a Segunda Guerra Mundial "[...] desempenhou importante papel na estratégia de consolidar a internacionalização do sistema econômico vigente". E, ainda, Perkins (2005, p. 42) afirma que, os Estados Unidos e a Europa iniciaram uma "relação simbiótica [...] entre governos, corporações e organizações multilaterais".

Conforme Teixeira (2009), são as cúpulas capitalistas que estabelecem a chefia das instituições multilaterais, indicando mais uma vez o compromisso mútuo entre organismos multilaterais e elites capitalistas, ligadas ao capital financeiro. Logo, são os interesses das classes dominantes que estão presentes no cerne dos organismos na cena global (Teixeira, 2009). Durante o surgimento e o crescimento dessas instituições, no mundo marcado pela Guerra Fria, a competição era não apenas econômica, mas também por apoio e influência. Assim, tem sido fundamental que as instituições não fiquem restritas a um só plano, econômico, social, ambiental etc. Elas vão atuar em setores variados de forma concomitante, tendo como subterfúgio projetos e ações que visam a mitigação da pobreza e das desigualdades globais, mas indicando e defendendo o mercado como via de realização de tais fins (Ribeiro; Raichelis, 2012; Furno, 2022; Stiglitz, 2002). Um exemplo é o Banco Mundial, cujo prestígio e ações no direcionamento de projetos e políticas sobre desenvolvimento e combate à pobreza vem crescendo de forma exorbitante (Amorim, 2024). Sendo nosso objeto de estudo, nas seguintes páginas nos voltamos às ideias e orientações do Banco diante do fenômeno das migrações internacionais.

3. O Banco Mundial nas dinâmicas migratórias

É sabido que o Banco Mundial tem atuado em variadas áreas, contribuindo com a manutenção e fortalecimento do capitalismo. Nos propomos nesse trabalho analisar, especificamente, sua presença junto ao fenômeno migratório. Assim, partimos à observação de como tem ocorrido sua aproximação ao fenômeno, bem como de que aspectos o BIRD sublinha nesse quadro e como justifica as migrações, isto é, o que a instituição aponta como motivo da mobilidade. Como referimos no capítulo anterior, as migrações estão associadas às necessidades do capital e do capitalismo, sendo geradas a partir das contradições deste. Então, a trágica situação das pessoas migrantes, no cenário atual, tem origem nas necessidades do capital. Mas será que o BIRD consente com tal ideia?

O Banco Mundial data de 1944, mas segundo Teixeira (2009), seu surgimento pode ser entendido a partir da crise de 1929, quando seus catastróficos desdobramentos incitaram as elites orgânicas do capital a buscarem novos caminhos políticos e econômicos. Em tempos de 'dificuldade' o capitalismo busca se recompor. Desde sempre, no modo de produção capitalista, os limites nos quais se esbarra a acumulação capitalista, fazem emergir crises e períodos que demandam novas posturas, permitindo ao capitalismo se reinventar e manter sua hegemonia.

Mas, Teixeira (2009) ressalta que gerir ou solucionar crises não são as únicas razões que explicam o aparecimento de tal instituição, e de suas similares. Elas despontam quando o capitalismo está se reformulando e abrindo espaços para sua ampliação e seu fortalecimento. O envolvimento e as ações desse organismo explicíta a renovação capitalista em todos os campos: político, econômico, cultural, social e ideológico. De acordo com Teixeira (2009), o Banco Mundial surge com um "papel estratégico na reprodução do capital e no controle sócio-político e econômico" (p. 18). Pereira (2014), corrobora tal ideia:

> [...] apesar da fachada técnica, o Banco sempre atuou, ainda que de diferentes formas, na interface dos campos político, econômico e intelectual em nível internacional, em função da sua condição singular de emprestador, ator político e veiculador de ideias e prescrições sobre o que fazer em matéria de desenvolvimento capitalista (...) desde o início o Banco utilizou o crédito como alavanca para ampliar a sua influência e institucionalizar ideias econômicas, concepções de mundo e prescrições políticas nos Estados-cliente (...) (o Banco) é um ator político, intelectual e financeiro (p. 529-530).

O Banco Mundial surgiu em uma conferência que tinha como objetivo primeiro reconstruir a Europa, devastada pela guerra (Perkins, 2005). Em julho de 1944, em Bretton Woods, ocorreu

a Conferência Monetária e Financeira das Nações Unidas com o intuito de fomentar a cooperação econômica internacional e a reconstrução do pós-guerra. Desta conferência resultaram duas instituições: o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD) - que a partir da década de 1950 passa a ser conhecido como Banco Mundial (Banco Mundial, ©2024).

Segundo Pereira (2014), já desde 1941 os governos americano e britânico vinham se reunindo a fim de criar "[...] um sistema de cooperação econômica baseado em regras e instituições multilaterais que promovesse a estabilidade econômica, o pleno emprego, o livre comércio e o investimento internacional, vistos como condições para a paz e a prosperidade entre as nações" (p. 531). Tais encontros eram chefiados do lado norte-americano por Harry D. White, assessor-chefe do Tesouro, e no outro estava John M. Keynes, assessor principal do Tesouro britânico. Ambos pretendiam marcar certa contestação ao capitalismo liberal que vigorava, rechaçando o *laissez-faire* (Pereira, 2014; Hobsbawm, 1995).

Propostas foram apresentadas, descartadas e vetadas. Com a assinatura do acordo final, a hegemonia estadunidense foi estabelecida na direção e condução da "[...] reorganização política e econômica internacional no pós-guerra" (Pereira, 2014, p. 531). Uma nova ordem monetária, tendo o dólar como base, foi institucionalizada, tornando os EUA o centro de gravitação do capitalismo mundial, como mencionado no capítulo anterior. Ainda, segundo Pereira (2014), o governo norte-americano procurou instrumentalizar a instituição, dado seu caráter global, de acordo com sua política externa. Tratava-se, então, de uma instituição apta a viabilizar as condições para a concretização dos projetos e anseios estadunidenses.

O dinamismo do capital em cenários mais amplos move toda sua engrenagem no mesmo ritmo. Assim, ações, projetos e pesquisas do Banco Mundial não se restringem ao plano econômico, apesar deste ser origem e destino de suas atividades. Inicialmente suas ações estavam voltadas a dar suporte aos países destruídos pela guerra, mas logo se direcionaram às periferias do capital, incitando um modelo de desenvolvimento tendo como padrão os países centrais do capitalismo (Ribeiro; Raichelis, 2012). Com isso, a dependência das periferias aos centros do capital se robustece. A recorrência dos empréstimos não só as mantêm capturadas, como demonstra o papel e a importância dos organismos financeiros multilaterais, em especial, o Banco Mundial.

Os bancos assumiram novos papeis e tiveram sua extensão ampliada, construindo um "sistema bancário propriamente capitalista, um dos pilares da acumulação" (Fontes, 2010, p. 27). Segundo Fontes, a expansão bancária acompanhou a expansão da acumulação capitalista.

Com o Banco Mundial não foi diferente. A gestão McNamara[14], 1968-1981, teve como base a política estadunidense e se expandiu como política internacional de 'combate à pobreza' na década de 1970 (Fontes, 2010). Sua estratégia de 'combate à pobreza' era justificada frente a uma ameaça à segurança[15] (Pereira, 2018), e demandava a "intervenção concentrada internacional através do Banco Mundial" (Fontes, 2010, p. 192). Tal agenda vinha atrelada às ideias neoliberais que emergiam.

Para Perkins (2005), McNamara colocou o Banco Mundial no posto de "agente do império mundial" (p. 106), o que favoreceu a ampliação de suas atividades. Em um discurso, McNamara, então presidente do Banco, ao se dirigir ao conselho de governadores[16], em 1969, aponta a importância de se dar atenção ao planejamento populacional, a educação e à expansão da agricultura por meio de estratégias que visem o desenvolvimento, sem deixar passar despercebido as vantagens de tais ações para a instituição:

> Nosso julgamento foi que tanto as necessidades urgentes, quanto as oportunidades únicas do cenário global demandavam um volume substancialmente maior de empréstimos que deveriam ser financiados por empréstimos adicionais apropriados, e auxiliados por um elevado nível de liquidez (McNamara, 1969, p. 1-2, tradução nossa).

Para o presidente do Banco, era um momento oportuno para avançar em novas áreas e setores. Segundo o mesmo, os objetivos não seriam meramente financeiros, a expansão das atividades da instituição era o primordial: "mas o objetivo não é simplesmente uma questão de expandir o volume de empréstimos (...) estamos mudando nossas operações totais para novas áreas geográficas e novos setores também" (McNamara, 1969, p. 4, tradução nossa). O mundo pós Segunda Guerra demandou uma reestruturação profunda devido a baixas materiais (cidades destruídas, infraestrutura) e humanas (perda de trabalhadores). O período que se seguiu, reabriu o caminho para a retomada da acumulação do capital, o desenvolvimento científico e tecnológico, e novas formas de gestão da força de trabalho (Nakatani, 2020). E, na lógica de McNamara, esse momento, de reerguimento do capital, seria favorável para os planos de

---

[14] Robert Strange McNamara, foi presidente da Ford e em seguida secretário de defesa (governos John F. Kennedy e Lyndon B. Jhonson), até se tornar presidente do Banco Mundial (Perkins, 2005).

[15] Segundo Pereira (2018), McNamara "evocando a conexão entre segurança e desenvolvimento, (...) argumentava que o atraso econômico e as contradições da modernização capitalista abriam as portas para ideologias radicais" (p 3). Logo, era urgente combater a pobreza. O conhecido fantasma do comunismo, sempre assolando os delírios liberais.

[16] O funcionamento deste conselho se dá da seguinte forma: "Cada um dos países membros nomeia um governador para o representar, geralmente o ministro das Finanças. Estes representantes constituem o Conselho de Governadores, instância suprema do Banco Mundial, que reúne uma vez por ano (no outono, dois anos em cada três em Washington) e fixa as grandes linhas de orientação. Este conselho tem a seu cargo decisões importantes (admissão de novos países, preparação do orçamento, etc.)" (Bailly, Rivié e Toussaint, 2020, n.p).

expansão do Banco. A inserção em áreas sociais era um caminho conveniente tanto para as intenções do Banco, quanto para a acumulação financeira - sendo os dois uma coisa só na verdade.

> [...] ações de combate à pobreza (...) manutenção do atual padrão de acumulação via financeirização, seja regulando os custos da força de trabalho no mercado mundial, seja por meio da regulação do comportamento econômico, político e civil dos pobres, garantindo baixo risco de sublevação social e uma forma ideologicamente palatável de inserção precária dessas massas na ordem econômica financeira contemporânea (Mauriel, 2009, p. 45).

Pereira (2018) destaca seis dimensões de atuação do Banco: 1) enquanto integrante da infraestrutura de poder global do Estados Unidos; 2) sua relação com os Estados clientes; 3) seu papel como organização da sociedade civil; 4) as funções desempenhadas pelo Banco, que por ser uma instituição financeira tem autonomia e estabilidade financeira para executar suas ações; 5) seu papel de intelectual; e 6) a maneira pela qual aborda o tema da pobreza. Essas áreas são permeadas pela análise que o Banco Mundial faz sobre os fenômenos e viabilizam a afirmação da hegemonia burguesa na contemporaneidade. Segundo Teixeira (2009), revela um embate político e ideológico que atesta a atualidade da luta de classes, a atuação do Banco é pautada pelas necessidades do capital.

O Banco Mundial financia e presta assessoria técnica aos mais diversos países. Segundo Guerra e Figueiredo (2021), além dos financiamentos na área de infra-estrutura, o Banco tem investido fortemente no financiamento do setor social: “Para o Banco Mundial, a rigor, são considerados como investimentos sociais os financiamentos à saúde e nutrição, à educação, à questão populacional, ao desenvolvimento urbano e ao abastecimento de água e saneamento” (Guerra; Figueiredo, 2021, p. 4). As autoras sublinham que o Banco tem aumentado suas funções, abrangendo todo o corpo social e tem atuado cada vez mais como um “órgão político central, especialmente como coordenador do processo global de desenvolvimento” (p. 6). Sua autonomia financeira lhe permite operar sem limites e manter países empobrecidos submissos. Essa atuação coaduna com a dinâmica capitalista, pois, segundo Fontes (2010, p. 204), “a forma da subordinação econômica é, a rigor, a que melhor corresponde à própria dinâmica social capitalista”.

A ampliação das áreas de domínio necessária e almejada se ancora em desregulamentações e aberturas comerciais e financeiras, segundo Furno (2022). Contudo, essas desregulamentações e aberturas são, apenas, para o capital. Para a classe trabalhadora há inúmeros bloqueios (Nakatani; Gomes, 2015). A movimentação não ocorre de forma igual para todos, antes, busca

atender a uma agenda econômica. Assim, a cartilha neoliberal, abraçada pelo BIRD na década de 1970, tem grande impacto sobre os Estados, sobre as políticas, logo, sobre as políticas migratórias. A depender das necessidades do mercado, observa-se políticas migratórias mais ou menos severas, assim como maior abertura ou rigidez de fronteiras, mas apenas para pessoas provenientes dos países periféricos do capitalismo. Quando a classe trabalhadora cruza fronteiras, a situação não é das melhores, apesar da defesa da globalização, do fácil alcance, da facilidade de acessos a uma vida melhor. Já para as elites, mercadorias e capitais o fluxo é contínuo e desimpedido. De acordo com Santos (2018):

> a globalização afeta os fluxos de pessoas, fornecendo de um lado uma aparente facilidade de deslocamento de pessoas e oportunidades, mas por outro alimentando a xenofobia, a precarização do trabalho com salários inferiores destinados aos imigrantes aos quais são ofertados os serviços com menor salário e poucos (ou nenhum) benefícios, bem como abrindo verdadeiras brechas para a exploração da força de trabalho em condições análogas ao trabalho escravo, a ausência de reconhecimento de direitos sociais, entre outras consequências (p. 73).

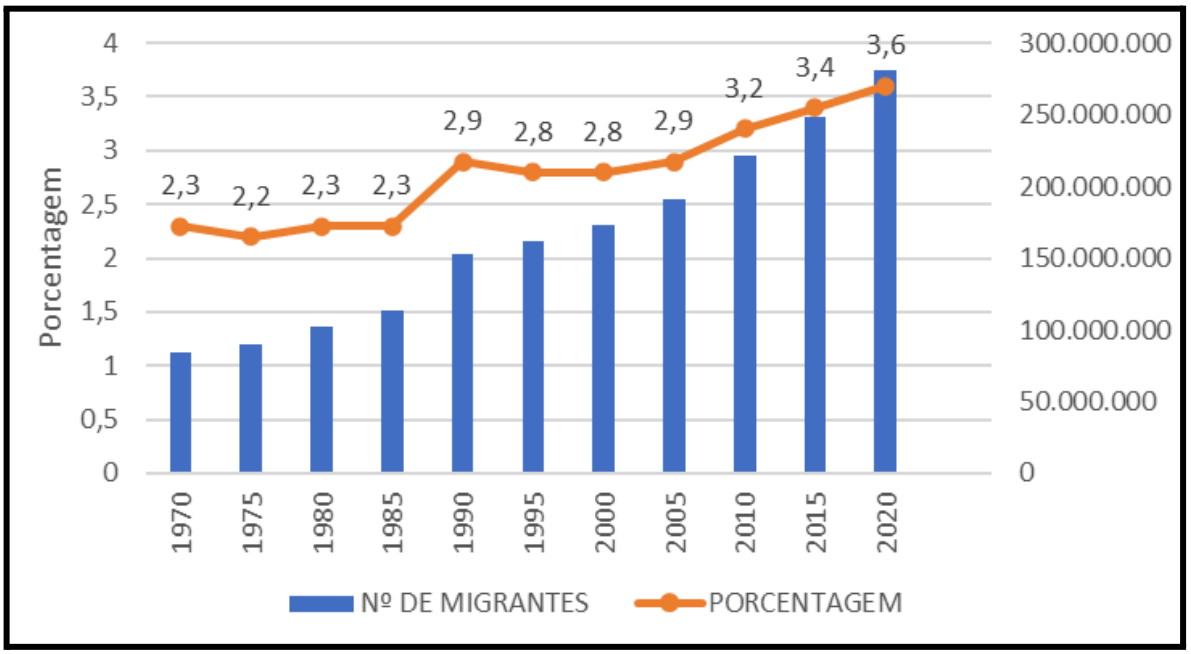
Tendo passado brevemente pela trajetória do Bando Mundial, passemos agora a observar como tem ocorrido a aproximação da instituição às migrações internacionais, nosso tema de pesquisa.

3.1 A aproximação do Banco Mundial ao fenômeno migratório

No início do século XX, os fluxos migratórios tiveram suas direções alteradas, não mais tendo a Europa como epicentro rumo aos demais cantos do planeta (Basso, 2017; Antunes, 2018). Tamanho o salto das correntes migratórias a partir de então, que autores como Stephen Castles, Hein de Haas e Mark J. Miller (2014) tratam o século como a “era das migrações”. Essa alteração acompanha o passo da dinâmica capitalista, em especial o avanço do capital financeiro ligado à nova dinâmica do mercado de trabalho em escala global (Villen, 2018).

Podemos observar que a partir da década de 1970, quando tem-se substanciais transformações no mundo do trabalho, conforme já colocado, os índices migratórios entram em uma onda crescente. Vemos isso no gráfico a seguir.

GRÁFICO 2: Migrantes como uma porcentagem da população mundial - 1970-2020



Fonte: OIM (2024). Sistematização própria, mai. 2025.

Estes números, se observados dentro do total da população mundial, representam uma parcela pequena[17]. Entretanto, o fenômeno migratório tem sido usado como uma espécie de bode expiatório, dada a comoção que gera, discursos inflamados que motivam (prós e contras), interesses políticos e empresariais, tamanha a sua expressividade. É um artifício banal culpar imigrantes. O fenômeno tem grande força e apelo dentro do sistema capitalista, onde é instrumentalizado e manipulado. Após a década de 1970, os fluxos migratórios aumentam, dado o avanço do processo de globalização e todas as mudanças que ele traz, incluindo a mudança da direção dos fluxos: países centrais do Norte Global se tornam o destino de milhões de pessoas.

Desigualdades originadas do colonialismo, a intensificação do capital transnacional, aspectos etários da classe trabalhadora, com ênfase nos mais jovens, e a demanda por trabalho a baixo custo (e com parcos direitos) são elementos que fundamentam a mobilidade rumo ao Norte global (Previtali, Fagiani, Morais, 2023).

Então, para os países de destino, no Norte global, a gestão sobre os processos migratórios é fundamental, e tarefa elementar para atender aos seus padrões de desenvolvimento. Essa

[17] Entretanto, isso não permite nos determos em dados quantitativos ao abordarmos o tema das migrações internacionais, principalmente, devido a brutalidade que acomete a vida da classe trabalhadora que migra: debater migração é importante, porque não são números, são pessoas; um ou mil, é indiferente. Há razões e consequências nessa mobilidade que não podem ser relegadas ou observadas de forma unilateral.

gerência implica o estabelecimento de políticas e ações com caráter seletivo, em função de suas necessidades, indicando certo controle e manejo sobre a força de trabalho de trabalhadores migrantes, através de "[...] estratégias de desenvolvimento econômico e organização do mercado de trabalho" (Previtali, Fagiani, Morais, 2023, p. 2). Buscando corresponder a tais propósitos, o envolvimento do Banco Mundial com as migrações visa, ainda, "[...] melhor entender o crescimento da força de trabalho, a necessidade de se criar trabalhos, e sua relação com a migração" (WBG, 2016, p. xiv, tradução nossa).

"Migration and development: a role for the World Bank Group" (Migração e desenvolvimento: um papel para o Grupo Banco Mundial, tradução literal, grifo nosso) é o título do relatório de 2016 do Banco Mundial, elaborado a pedido dos diretores executivos da instituição para fornecer uma visão geral dos benefícios econômicos e desafios associados à migração. De acordo com o documento, pretendia-se intensificar o trabalho sobre migração, perscrutando pontos em que o Banco pode se inserir, ou se colocar como bastião para gerência e condução dos processos migratórios globais. Isto é, o Banco Mundial poderia e teria muito a contribuir com os processos migratórios, e dar continuidade ao projeto de expansão de suas áreas de atuação.

Segundo esse documento, os principais impulsionadores de movimentos migratórios são: a disparidade entre rendimentos, a desigualdade social, desequilíbrios demográficos, e nos últimos tempos, a mudança climática. Dentro dessa perspectiva, o relatório sublinha que para migrantes de países mais pobres a migração traz ganhos como aumento de renda e dos índices educacionais: "migrantes de países mais pobres, em média, tem experienciado um aumento de 15 vezes na renda, o dobro nas taxas de matrícula escolar, e uma redução em 16 vez na mortalidade infantil após mudarem para um país desenvolvido" (WBG, 2016, p. x, tradução nossa).

Mas não só imigrantes podem desfrutar de benesses advindas da migração, também os países de origem e de destino obtêm vantagens dos processos migratórios, de acordo com o relatório do Banco Mundial. Os primeiros se beneficiam com a redução dos índices de desemprego, a abertura de trabalhos mais produtivos e com melhores remunerações, a facilitação do comércio, investimentos e transferência de tecnologias e conhecimento. Já os países de destino têm aumentado sua oferta de força de trabalho, inovações e empreendimentos (sem contar as remessas enviadas pelos imigrantes, sobre as quais nos debruçaremos mais adiante). Percebemos aqui, um dos principais eixos da ideologia neoliberal: o gerencialismo. Nesse prisma, todos os problemas da sociedade capitalista são manejáveis, sendo uma questão de

boa ou má gerência. A ideia que transparece é a de que tudo pode ser resolvido com uma gestão mais eficiente dos recursos. Entretanto, com efeito, os resultados de uma boa gestão não alcançam a todos na sociedade de classes.

As benesses advindas das migrações parecem privilegiar, de forma geral, a todos de forma igual. Nos documentos do Banco Mundial afirma-se, por diversas vezes, que não são só os países do Norte que se beneficiariam desses processos. Para os países de origem, a emigração é algo positivo também pois pode 'desafogar' suas economias:

> Na ausência de emigração, prevê-se que os países de rendimento baixo e médio-baixo acrescentem 1,05 bilhões de pessoas às suas populações em idade ativa até 2050. É pouco provável que muitas destas economias cresçam a um ritmo suficientemente rápido para gerar os empregos necessários para absorver as suas populações jovens e em crescimento. Eles precisarão de mecanismos adicionais para aliviar as pressões sobre o mercado de trabalho e para oferecer aos seus jovens oportunidades de desenvolvimento (World Bank Group, 2023, p. 75, tradução nossa).

Vemos nos escritos do Banco, uma narrativa que reconhece riscos e custos nos processos migratórios, mas que são reduzidos diante dos possíveis benefícios advindos da chegada e da partida de migrantes no desenvolvimento econômico, desde que esses processos sejam regulados (ou controlados). No Relatório de Desenvolvimento Mundial de 2023, do Banco Mundial, é destacado que "a emigração pode apoiar a redução da pobreza e o desenvolvimento se for bem gerida" (WBG, 2023, p. 9). Ou nos termos do próprio relatório: "making migration better"[18] (WBG, 2023, p. 32).

Assim, teoricamente, a partir do exposto no relatório do Banco Mundial, parece que os processos migratórios, se regulados, representam algo bom para todos. Há custos e riscos, mas eles são pequenos e no fim compensam, para as nações abastadas. A ideia defendida parte do que o Banco Mundial entende como desenvolvimento, a saber: "[...] a capacidade aumentada de uma sociedade para gerar e distribuir riqueza, e algumas das suas condições fundamentais são enfatizadas" (Duncan, 2016, n.p). Ou seja, sociedades desenvolvidas são

[18] "Fazer a migração melhor" (tradução nossa). Optamos por apresentar o termo em sua versão original, pois ela nos remeteu ao *slogan* de campanha de Donald Trump em 2016, 2020 e 2024: "*Make America Great Again*" (fazer a América grande novamente, tradução nossa). Nos discursos e materiais do Banco Mundial percebemos certa 'preocupação' com as migrações, mas que não passam de demagogia. Em 2025, mais do que o seu habitual, Trump tem proposto ideias horrendas e proferido falas repugnantes no que diz respeito à migração. Contudo, ao acessarmos a aba do site do Banco Mundial destinada às migrações, em momento algum identificamos notícias, *briefs*, estudos ou qualquer forma de material que expresse desacordo ou repúdio contra qualquer ideia trumpista. O Banco segue propondo ideias e formas de 'aproveitar' as migrações. Nos discursos do Banco Mundial, há sempre uma mensagem dúbia que ao mesmo tempo que se coloca isenta e cordial, substancia o pensamento liberal e todo o desprezo que esse traz ao encarar a classe trabalhadora.

aquelas capazes de se reproduzirem e garantir que todos tenham acessos ao que ela produz. Poderia ser, mas em moldes capitalistas não é possível.

Na realidade cotidiana, vemos que, tanto as migrações são associadas a problemas (criminalidade, desemprego e outras desordens sociais - mas nada disso comprovado), quanto o contexto migratório da classe trabalhadora é árduo e desafortunado. Esse cenário desponta com a divisão internacional do trabalho, muito em função da hierarquização estabelecida entre as nações, e com a propriedade privada, que deixa trabalhadores em uma sinuca de bico, que não vender sua força de trabalho, nas condições do mercado. Essa conjuntura se acentua, em especial, quando a maior parte dos fluxos migratórios têm como destinos os chamados países desenvolvidos, que procuram de toda forma garantir que seus níveis de desenvolvimento se mantenham.

Para apreender o fenômeno migratório, o Banco Mundial, faz largo uso de relatórios e outros documentos, que apresentam uma retórica construída de forma naturalizar a ocorrência de tal fenômeno, apontando soluções que se dirigem a gerência dos problemas, sem indicar a indissociabilidade da estrutura capitalista da origem de tais movimentos. Fala-se em desafios e oportunidades, destacando a importância da boa gerência. Tudo se justifica pela busca do desenvolvimento, sendo constante ligação deste com as migrações, colocando-as como peça chave para o desenvolvimento de todos os envolvidos, como observados nos extratos elencados a seguir:

QUADRO 1: Extratos - Relação migração/desenvolvimento, nos documentos do Banco Mundial

EXTRATO	FONTE
"Deve incorporar todas as dimensões da mobilidade, capitalizar o atual potencial de desenvolvimento da migração".	*Policy Brief 10: Institutional frameworks and environmental mobility* - jan. 2018
"Este capital humano reforçado é um recurso valioso para o desenvolvimento regional e mundial".	*Policy Brief 7: Integration in host societies and development: adapting policy approaches to the new mobility* - mai. 2017
"Desenvolvimento mais estável e mutuamente benéfico para todos os atores na migração".	*Policy Brief 7: Integration in host societies and development: adapting policy approaches to the new mobility* - mai. 2017
"A migração é uma questão importante para muitas economias de acolhimento, especialmente para as economias avançadas".	*Policy Brief 1: Low-skilled labor migration: benefits outweigh costs in host economies* - dez. 2014
"A migração contribui substancialmente para o desenvolvimento econômico e a redução da pobreza".	*World Development Report* 2023: *Migrants, refugees, and societies* (p. xv)

"Os migrantes trazem frequentemente competências, dinamismo e recursos que reforçam as economias de destino".	*World Development Report* 2023: *Migrants, refugees, and societies* (p. xv)

Fonte: *Policies Briefs* e relatórios selecionados do Banco Mundial. Elaboração própria, mai. 2025.

Os documentos sugerem que migrações são processos que estimulam o dinamismo tanto dos países de destino, quanto dos de origem, além dos próprios migrantes, rendendo para todos ganhos e proveitos econômicos e sociais. Mas se observamos a realidade das migrações e das condições de vida e trabalho de imigrantes (trabalhos instáveis, ambientes insalubres, habitações inadequadas, discriminações) esse 'mundo das maravilhas' não é reproduzido na concretude da vida. O desenvolvimento, o que quer que isso venha a significar no entendimento dos 'pensadores' do Banco Mundial, não ocorre com equivalência entre centros e periferias do capitalismo, tampouco de forma justa, no mínimo. Isso revela o papel do Banco de recomendar soluções e mobilizar recursos para resolver os problemas que envolvem os movimentos migratórios, garantindo as prerrogativas do capital, ao propor abordagens sobre o fenômeno migratório, apesar da (pretensa) neutralidade assumida.

Nos termos do documento do Banco, tal desenvolvimento é alcançado partilhando a prosperidade. Contudo, tal partilha, equilíbrio ou balanceamento está fora do alcance em uma sociedade em moldes capitalistas, assentada na assimetria entre as classes e entre os países. Nos documentos do Banco, reconhece-se que as desigualdades estão longe de serem extintas e que por isso migrações estarão presentes de forma intensa no futuro próximo: "a persistência das diferenças de rendas e divergências demográficas entre países de alta renda e países em desenvolvimento, é provável que pressões migratórias continuem num futuro previsível" (WBG, 2016, p. 9). Ou seja, enquanto o capitalismo existir a desigualdade se mantém e migrantes ficam a mercê dos ditames do capital, quando não da própria sorte. Nisso, as hierarquias que sedimentam as desigualdades e a dependência da classe trabalhadora se robustecem, sobretudo nesse momento de financeirização do capital, quando este pode estar em todos os lugares e setores, e o trabalho está cada vez mais subsumido ao capital. E a postura do Banco Mundial segue apontando caminhos correlatos às necessidades do capital.

A existência de uma força de trabalho disponível é um fator crucial aos países centrais do capitalismo, tanto pela construção histórica, quanto pelo desenho futuro que se delineia. É destacado no relatório do Banco Mundial o processo de envelhecimento que a população dos países do Norte global vem passando, como podemos conferir no seguinte trecho:

> O envelhecimento da população produzirá grandes desequilíbrios no mercado de trabalho e pressões fiscais nos países de rendimento elevado, à medida que a base de tributação se reduz e o custo de cuidar dos idosos aumenta. Por outro lado, os países em desenvolvimento com grupos crescentes de jovens terão de criar um grande número de empregos para atingir os seus objectivos de redução da pobreza e de crescimento (WBG, 2016, p. x, tradução nossa).

A marcha deste envelhecimento populacional, segundo relatório do Banco Mundial tem feito despontar "tensões nas políticas públicas" (WBG, 2023, p. 72, tradução nossa). Ou seja, são revelados desequilíbrios que podem ser balanceados por imigrantes, que tornam possível a gerência desses processos de "forma privada e menos custosa possível" (Basso, 2017, p. 15). Aqui, vemos um destaque das migrações na ciranda capitalista, possivelmente o mais importante: o provimento de um vasto número de trabalhadores. No capitalismo globalizado vemos o processo geral de rebaixamento de salários: há sempre um trabalhador mais pobre, mais vulnerável, mais sujeito à exploração da sua força de trabalho.

É fundamental ao capital contar com uma quantidade expressiva de trabalhadores disponíveis para serem recrutados. Esse excedente populacional potencializa a acumulação de capital, revelando-se condição vital à acumulação ampliada (Marx, 2023). Não basta ao capitalismo ter trabalhadores, é preciso que a força de trabalho esteja acomodada de forma a atender aos parâmetros de acumulação capitalista.

A presença de imigrantes nos centros capitalistas tem tido significado ímpar no crescimento desses espaços. Países do Norte global, desde a década de 1970, têm se tornado destino de muitos fluxos migratórios da virada do século XX para o XXI, e o andar da carruagem indica que tal tendência deve se manter; assim como a imprescindibilidade da força de trabalho imigrante no desenvolvimento dessas nações. Podemos constatar estas colocações a partir dos documentos do Banco Mundial.

QUADRO 2: Extratos - Presença da força de trabalho imigrante em países do Norte global, em documentos do Banco Mundial

EXTRATO	FONTE
"Os migrantes pouco qualificados executam muitos trabalhos que os habitantes locais não estão dispostos a aceitar ou pelos quais pediriam salários superiores aos que os consumidores estão dispostos a pagar".	*World Development Report 2023: Migrants, refugees, and societies* (p.7)
"Em outras profissões, os trabalhadores migrantes são substitutos. A sua chegada aumenta a oferta de mão de obra, reduzindo assim os salários e os custos globais de produção".	*World Development Report 2023: Migrants, refugees, and societies* (p. 25)

"A rápida evolução demográfica está a tornar a migração cada vez mais necessária para os países de todos os níveis de rendimento. Os países de rendimento elevado estão a envelhecer rapidamente. O mesmo acontece com os países de rendimento médio, que estão a envelhecer antes de se tornarem ricos. A população dos países de baixo rendimento está a crescer, mas os jovens estão a entrar na força de trabalho sem as competências necessárias no mercado de trabalho global. Estas tendências vão desencadear uma competição global por trabalhadores".	*World Development Report 2023: Migrants, refugees, and societies* (p. xxiii)
"Migrantes contribuem para melhorar a competitividade das empresas, gerando assim oportunidades de emprego para os nativos".	*Policy brief 1: Low-skilled labor migration: benefits outweigh costs in host economies* - dez. 2014
"Os trabalhadores estrangeiros pouco qualificados contribuem para a criação de emprego para os nativos porque os recém-chegados reduzem o custo de produção".	*Policy brief 1: Low-skilled labor migration: benefits outweigh costs in host economies* - dez. 2014

Fonte: *Policies Briefs* e relatórios selecionados do Banco Mundial. Elaboração própria, mai. 2025.

A contemporaneidade dos trechos apresentados apontam o desempenho dos processos migratórios enquanto elementos estruturais e estruturantes da dinâmica capitalista. Seja em fins do século XIX e início do século XX[19], seja nos dias atuais, as migrações internacionais continuam exercendo um serviço vital para estabelecimento e consolidação a nível global do capitalismo: o fornecimento de força de trabalho. O rebaixamento dos salários oportunizado pelos movimentos migratórios atende às necessidades do atual estágio de desenvolvimento do capitalismo, dominado pelas finanças e em que a produção deve alcançar os mesmo patamares dos lucros obtidos nas atividades lucrativas e parasitárias. Segundo Antunes (2018), o processo de financeirização e mundialização da economia, colocou o capital financeiro a frente dos empreendimentos do capital, "subordinando a esfera produtiva e contaminando todas as suas práticas e os modos de gestão do trabalho" e a "hegemonia da 'lógica financeira' que, para além de sua dimensão econômica, atinge todos os âmbitos da vida social, dando um novo conteúdo aos modos de trabalho e de vida" (Antunes, 2018, n.p).

As proposições do Banco indicam a importância de se gerenciar as migrações, de modo que essa força de trabalho pode ser manejada. Isso sinaliza um controle sobre a classe trabalhadora, que tem no trabalho um eixo essencial de sua mobilidade. Ademais, evidenciam a atuação do Banco Mundial na estruturação capitalista e na defesa, e promoção, das premissas que validam esse modo de produção.

[19] Quando os deslocamentos, que tinham como epicentro a Europa, eram direcionados, em grande parte, para o continente americano, estabeleceram os alicerces do modo de produção capitalista na região.

Essa dinâmica cria uma competição internacional entre os trabalhadores, que também representa uma necessidade do sistema capitalista. A chegada de imigrantes, envolve, ainda, o dinamismo da própria classe trabalhadora, a interação entre a classe. Segundo Previtali, Fagiani e Morais (2023), a concorrência intraclasse trabalhadora concorre para a criação e manutenção do excedente de trabalhadores, o exército industrial de reserva, favorecendo e aprofundando o domínio sobre a classe.

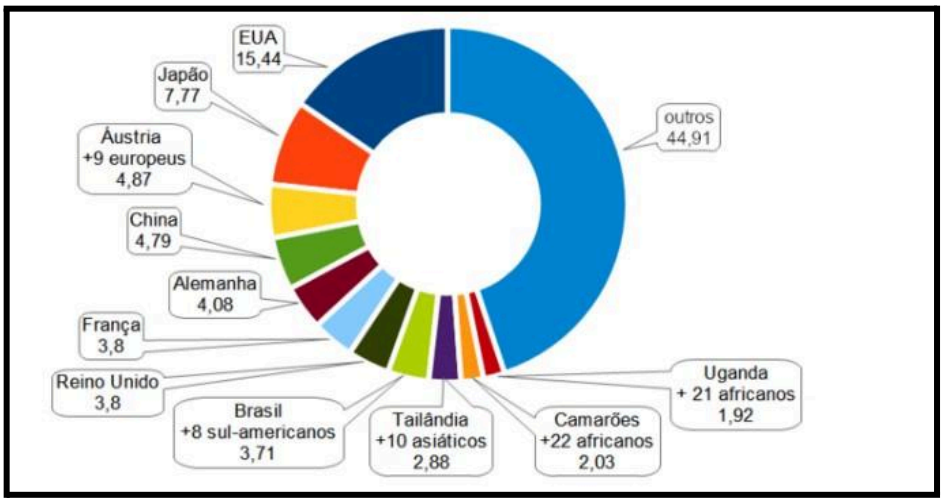
Esta reserva de trabalhadores influi nos movimentos gerais do salário e da demanda de trabalho. Imigrantes, principalmente aqueles com menos escolaridade, ocupam postos de trabalho que, via de regra, trabalhadores locais não se predispõem a ocupar; e estes trabalhos são marcados pela fragilização: ambientes precários, condições adversas e salários abaixo da média. Segundo Previtali, Fagiani e Morais (2023, p. 2), essa situação reforça a "exploração e dominação do capital que busca promover diferenças e hierarquias intraclasse trabalhadora a fim de diferenciar salários e condições de trabalho e, ao mesmo tempo, dificultar formas coletivas de resistências". Esse ambiente, nada amistoso, é um poderoso instrumento capitalista. Nos termos de Engels (2010, p. 118): "essa concorrência entre os trabalhadores, no entanto, é o que existe de pior nas atuais condições de vida do proletariado: constitui a arma mais eficiente da burguesia em luta contra ele".

O Banco Mundial em sua aproximação do fenômeno migratório, traz elementos que respaldam a manutenção da diferenciação entre a classe trabalhadora, assim como o subjugo da mesma aos ditames do capital. Nesse cenário, segundo o próprio, tem como funções diante dos processos migratórios (WBG, 2016, p. xi, tradução nossa):

> 1) financiamento de programas de migração;
> 2) abordagem dos factores fundamentais da migração;
> 3) maximizar os benefícios e gerir os riscos da migração nos países de origem e de acolhimento;
> 4) fornecer conhecimentos para políticas mais informadas e melhorar a percepção do público.

Tais ações, se encaixam dentro de estratégias que facilitam a tomada de decisões e condução dos processos pelos países do Norte global, dado que estes têm maior participação e influência junto ao Banco Mundial, em especial os EUA. O direito a voto no Banco está condicionado à colaboração financeira dos países membros, logo, quem pode colocar mais recursos, tem voto com maior peso. Se destacam os Estados Unidos, como principal financiador do Banco e com a maior porcentagem de votos, contribuindo a manutenção do projeto político estadunidense como guia, como podemos observar no gráfico abaixo:

GRÁFICO 3: Distribuição direitos de voto entre membros do Banco Mundial, em 2020



Fonte: Bailly, Rivié e Toussaint (2020).

Podemos depreender daí que as ações do Banco Mundial vão favorecer a reprodução da maquinaria capitalista, da qual ele faz parte, atrelada aos grandes centros de poder articuladores da ordem global, que perpetua as disparidades socioeconômicas. Nas palavras de Pereira (2009, p. 38): "a desigualdade de poder político e riqueza que caracteriza o sistema internacional se reflete no Banco Mundial, modelando a sua estrutura de tomada de decisão".

Os interesses que vão guiar as ações do Banco Mundial, no que diz respeito às migrações, são aqueles atrelados aos grandes centros de poder. A instituição (assim como as suas correlatas) moldam as respostas dos Estados e constroem discursos sobre a migração que a desvincula dos processos de desenvolvimento do capitalismo. Isso evidencia que a migração é um fenômeno diretamente ligado aos processos de desenvolvimento do próprio capitalismo, indicando que não se tratam de processos esporádicos, ou crises humanitárias

> trata-se, ademais, de um fenômeno que está longe de ser emergencial, embora seja muitas vezes enquadrado exatamente nessa falsa categoria de análise, qual seja, a emergência, que oculta suas causas de fundo permanentemente em ação (Basso, 2017, p. 14).

As 'soluções' apontadas pelo Banco Mundial[20], para uma melhor abordagem sobre a questão das migrações, trazem medidas que aprofundam as disparidades e mantém a classe trabalhadora sempre em um lugar de dependência e subalternidade. Com atuação, para além da esfera financeira, sendo um 'mentor' intelectual no capitalismo, o Banco assegura a preservação da doutrina neoliberal e de sua ideologia, pois "são os capitalistas e seus

[20] No terceiro capítulo observaremos as recomendações do BIRD para o trato das migrações.

intelectuais orgânicos que continuam comandando as instituições internacionais e estatais, propondo as formas políticas de intervenção pública" (Nakatani; Gomes, 2015, p. 249).

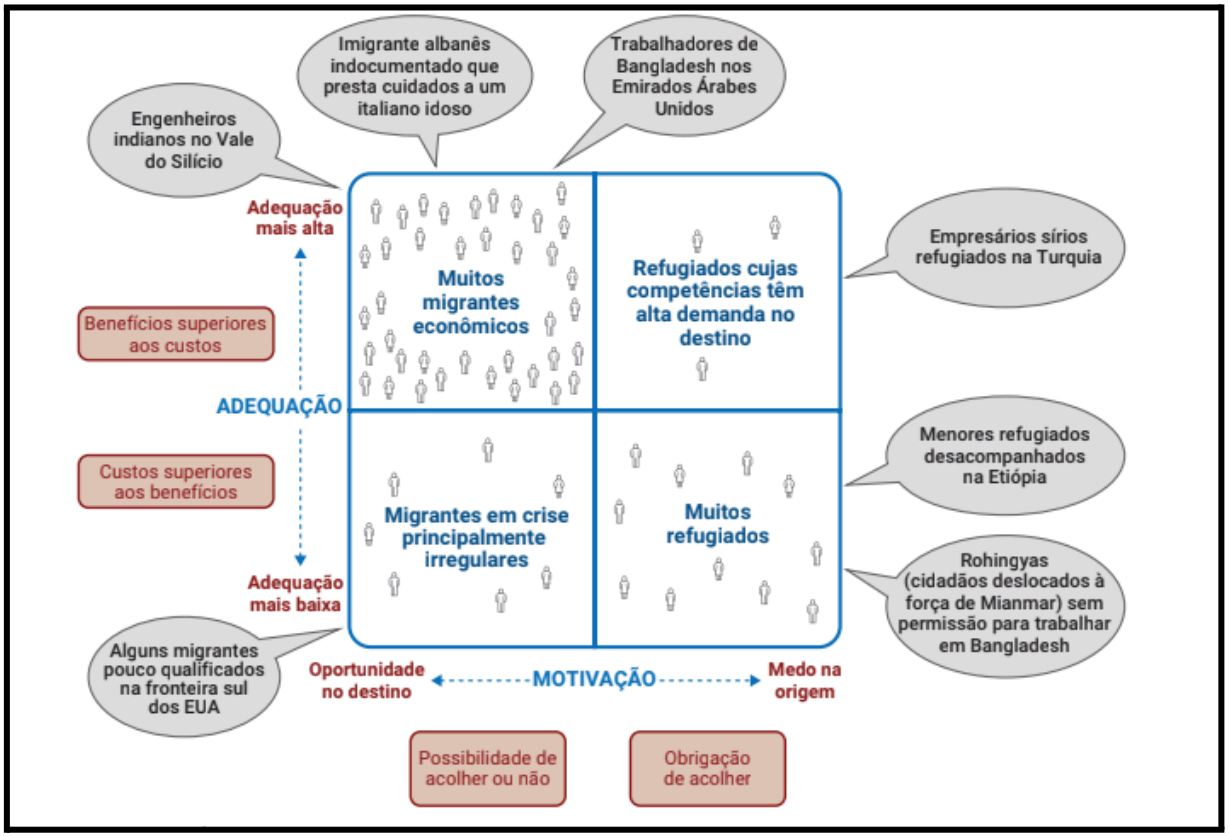
No material produzido pelo Banco vê-se a busca por remediar (não suprimir) as contradições do próprio sistema capitalista, destacando o papel de guia intelectual da instituição na dinâmica capitalista. Não à toa, como já mencionado, seu surgimento em um período em que o capitalismo "tropeçava" e seu papel estratégico dentro desse sistema, condizente com a atuação das instituições multilaterais no capitalismo:

> Ao longo de sua história, o capital soube se forjar de instrumentos e de instituições (ligadas essencialmente às intervenções do estado e à políticas dos Bancos Centrais) que permitiram "administrar" as crises e amortecer, em certa medida, seus efeitos mais devastadores - ao menos nos países do Norte -, mas sem que as reorganizações da dominação do capital chegassem a suprimir as contradições fundamentais do sistemas (Herrera, 2015, p. 8).

Há uma tentativa de 'humanizar' o capitalismo, com um discurso que enaltece o progresso e o desenvolvimento humanos e da sociedade, fazendo crer que com mudanças e reformas, o fim das mazelas sociais seja possível. Em outros documentos do Banco, como no Relatório de Desenvolvimento Mundial Anual de 2023, que teve como tema as migrações, também aparecem afirmações que apontam como as migrações contribuem para o desenvolvimento econômico e a mitigação da pobreza (apontados no quadro 1).

O Banco procura apresentar políticas que melhorem a gerência dessa mobilidade e destacar quadros vantajosos e indicar o que seria a "migração ideal". Assim, como o Banco defende e adota uma cartilha que reproduz a ideologia neoliberal e favorece a ampliação da acumulação, percebemos em suas proposições um caráter seletivo e arbitrário, e propostas que oportunizam práticas condizentes com a dinâmica capitalista. A lógica de gerência domina a abordagem da instituição sobre o fenômeno migratório. São identificadas situações e condições que são benéficas ou prejudiciais, no intuito de formatar o cenário 'perfeito' das migrações configurando o que seria a 'migração adequada' (termo do Bird), para os países do Norte global. Há também a indicação de ações para os Estados (essas serão apresentadas com maior profundidade no próximo capítulo). Para ilustrar tais afirmações, apresentamos a figura publicada no relatório de 2023.

FIGURA 1: Migração “adequada” de acordo com as matrizes apresentadas no relatório de 2023 do Banco Mundial



Fonte: WBG (2023). Sistematização própria, jun. 2025.

Na figura são apresentados quatro tipos de movimentos: 1) pessoas em busca de oportunidades, cujas competências correspondem às demandas dos países de destino - quadrante superior à esquerda; 2) pessoas que se movem devido a situações de perseguição e riscos às suas vidas e suas habilidades se encaixam nas necessidades de onde chegam - quadrante superior à direita; 3) pessoas que se movem devido a situações de perseguição e riscos às suas vidas e suas habilidades não enquadram exatamente com o que é preciso onde se encontram - quadrante inferior à direita; 4) pessoas em busca de oportunidades, mas com aptidões que não se harmonizam com o que é necessário nas sociedades de destino.

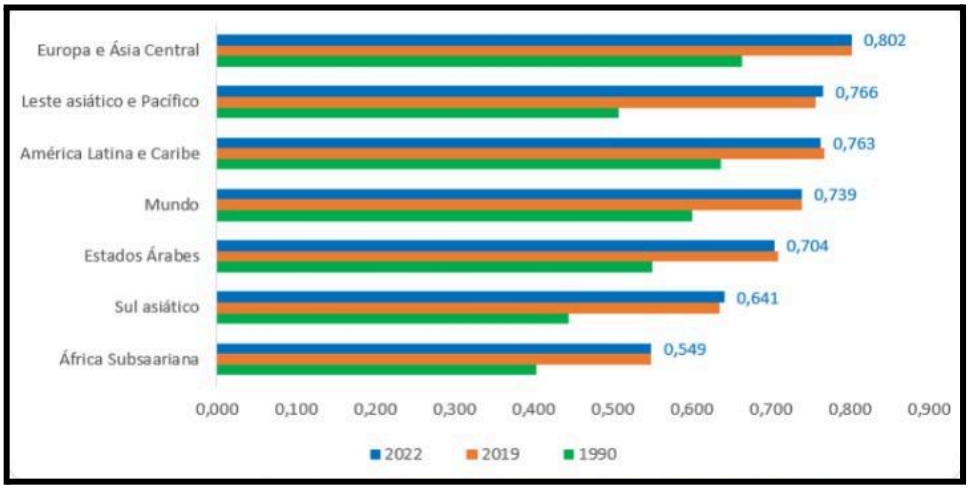
A partir da figura, vemos que um grande número de imigrantes econômicos leva vantagens aos países de destino, nomeadamente do Norte global[21], mesmo que representem alguns

[21] O que isso representa, em termos de vantagens, para países que estão fora do Norte global e que recebem imigrantes não é objeto desta matriz de análise proposta pelo Banco Mundial. Nos denota que o intento é, exatamente, justificar a regulação dos movimentos migratórios para os países centrais do capitalismo, e ao mesmo tempo criar uma situação na qual a condição de precariedade de muitos imigrantes está relacionada a seus status migratório. Ou seja, culpabilizar os indivíduos e isentar o modo de produção capitalista na criação da miséria. Parece que há a sugestão de que a migração irregular é uma escolha. O que não faria qualquer sentido, uma vez que, se a regularização está ligada a uma situação de trabalho com garantias de direitos e boas condições para sua realização, não encontraríamos imigrantes regularizados em postos de trabalhos rigorosos,

custos (que podem ser suplantados - ou até ignorados - dado o ganho que trazem, como já referido). De acordo com a figura, é importante que os migrantes se mostrem adequados à realidade e às necessidades da sociedade em que chegam, independente de seu *status* migratório, uma vez que isso demanda pequenos ajustes em políticas públicas (WBG, 2023). Ou seja, a migração é vista em termos de vantagens e desvantagens, como no mundo dos negócios. Mas na realidade, toda migração, qualificada ou não, regularizada ou não, é interessante e importante ao capital. O que percebemos, é que o Banco Mundial procura reforçar um apelo à ordem e a uma ideia de civilização organizada, em contraposição à barbárie - condizente com as ideias liberais que justificam a necessidade de manter os indivíduos sob controle através de pactos sociais. O Banco expressa o modelo de capitalismo organizado e humanizado.

No fim, com toda essa orientação a respeito de qual seria a 'melhor migração', vê-se que o desenvolvimento e as benesses advindas com as migrações, mais beneficiam aqueles que há muito já gozam de privilégios no sistema capitalista. O que ela representa para os demais Estados Nacionais, das periferias do capital, não tem muito impacto. Ao observarmos dados do ranking de Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), divulgado pela Organização das Nações Unidas (ONU), dos últimos 20 anos, notamos que o 'progresso' ocorreu, mas de forma desigual, com os países ricos se mantendo no topo e se distanciando das áreas empobrecidas.

GRÁFICO 4: Índice de Desenvolvimento Humano, por regiões e no mundo - 1990, 2019 e 2022

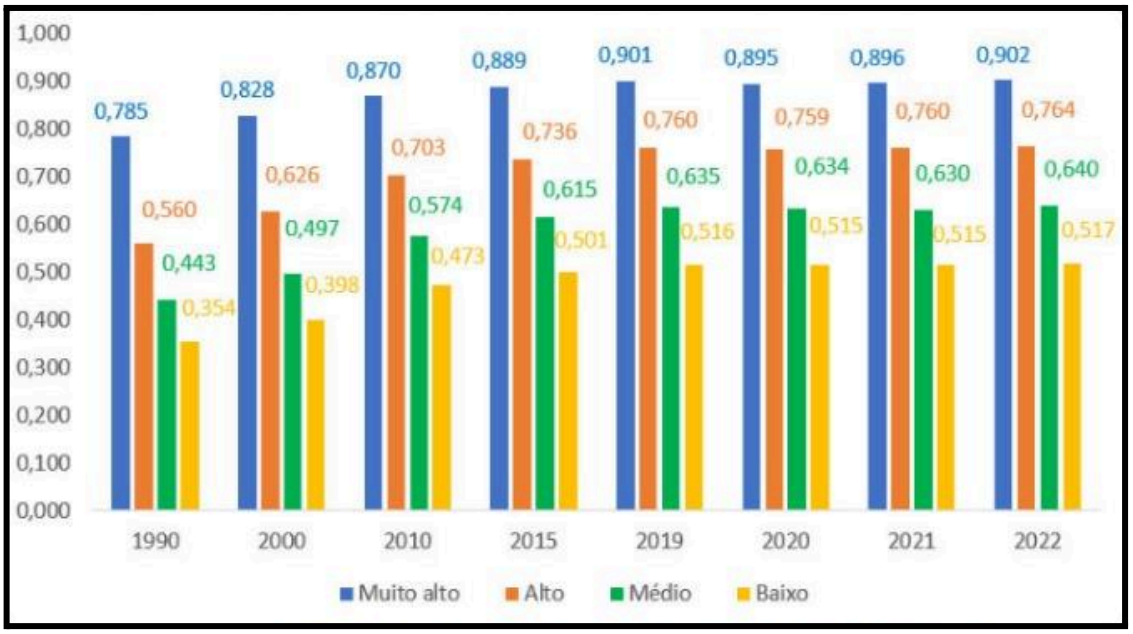


Fonte: Alves (2024). Sistematização própria, jun. 2025.

difíceis e rejeitados pelos nativos. Ou ainda, se um sujeito está em seu país natal em uma condição não favorável, seja de trabalho, seja de habitação, o que o levaria a procurar essa mesma condição em outro país, acrescido dos custos como o distanciamento familiar, solidão, gastos financeiros, discriminações etc?

A partir da década de 1990 o salto é mais expressivo, período em que a cartilha neoliberal, após o Consenso de Washington, passa a se efetivar por todo o canto e o discurso do combate à pobreza se torna mais forte. Países da América Latina e Caribe, Leste asiático e Pacífico, Sul asiático e África subsaariana tem suas taxas estagnadas, quando não com ligeiros recuos, e são os principais pontos de origem de fluxos migratórios, dos últimos 50 anos. E ainda, se comparados com dados gerais, seus índices estão entre os níveis médio e baixo, conforme apresentado no gráfico a seguir:

GRÁFICO 5: Índice de Desenvolvimento Humano, por nível de desenvolvimento - 1990 e 2022



Fonte: Alves (2024a). Sistematização própria, jun. 2025.

Comparando os dois gráficos vemos que índices que ultrapassam 0,8, ou seja muito alto, apenas em países da Europa e Ásia Central; os demais vê-se um distanciamento, em especial com os dados de 2022. É evidente, que a dinâmica de desenvolvimento é influenciada por inúmeros outros fatores, não é ditada única e exclusivamente por processos migratórios. Ademais, é um fenômeno difícil de se mensurar devido a condição de irregularidade em que muitos migrantes são colocados. Mas dada a expressividade dos movimentos migratórios no século XX, era de se esperar, caso a relação migração/ desenvolvimento proposta pelos intelectuais do Banco Mundial fosse factual, maior equilíbrio entre os países. O que vemos, é que o distanciamento se amplia: países ricos ficam mais ricos, e os empobrecidos quando não se mantêm como estão, apresentam taxas de crescimento tímidas ou até mesmo declinantes. Ou seja, as migrações se mostram fundamentais à estrutura de reprodução capitalista estando

“circunscritas aos interesses de mercado e de controle do trabalho em nível local e internacional" por meio de processos de “[...] promoção e seleção do trabalho migrante” (Previtali, Fagiani e Morais, 2023, p. 3).

A formatação de uma massa trabalhadora desimpedida e disponível para ser recrutada é um aspecto destacado do fenômeno migratório no capitalismo, mas um outro tópico que nos chama atenção, e que pudemos perceber, com certa constância, nos documentos do Banco Mundial analisados, diz respeito às transferências financeiras realizadas pelos migrantes, as remessas.

3.2 O ir e vir monetário: as remessas

Como temos observado, muito do que o Banco Mundial produz, defende e propaga sobre migrações está vinculado a benefícios econômicos. Discorremos sobre o mercado de trabalho e o desenvolvimento, e destacamos aqui um outro aspecto nesse campo: as remessas monetárias[22].

Dois pontos aparecem com frequência quando se trata de remessas, nos documentos analisados do Banco Mundial: 1) elas representam uma fonte estável de renda para as famílias dos migrantes; 2) governos devem se esforçar para facilitar os envios e baixar seus custos. Observemos alguns trechos que corroboram essas assertivas:

QUADRO 3: Extratos - Papel das remessas no fenômeno migratório, nos documentos do Banco Mundial

EXTRATO	FONTE
“As políticas nacionais devem também permitir que as remessas promovam respostas de adaptação”.	*Policy brief 10: Institutional frameworks and environmental mobility* - jan. 2018
“As famílias vulneráveis beneficiam de uma maior resiliência - por exemplo, através de transferências de remessas facilitadas”.	*Policy brief 6: Environmental change and human mobility: reducing vulnerability & increasing resilience* - fev. 2017
“As remessas são uma fonte estável de capital para as famílias em tempos de crise”.	*Policy brief 6: Environmental change and human mobility: reducing vulnerability & increasing resilience* - fev. 2017

[22] Desde 2023, alguns estados estadunidenses têm apresentado projetos ligados à taxação das remessas que imigrantes enviam às suas famílias. Agora, no primeiro semestre de 2025, o presidente Donald Trump, apresentou a proposta, a nível federal, de um imposto sobre essas remessas. Tal medida lesaria grupos já desfavorecidos e espoliados, uma vez que são imigrantes mais pobres, muitos em situação irregular, que mais utilizam essa forma de envio de dinheiro (Lopes, 2025). Essa não é a única indicação que observamos em documentos do Banco Mundial, e que temos visto na prática recentemente (em alguns casos, com sorte, apenas a tentativa). No próximo capítulo apresentaremos mais algumas.

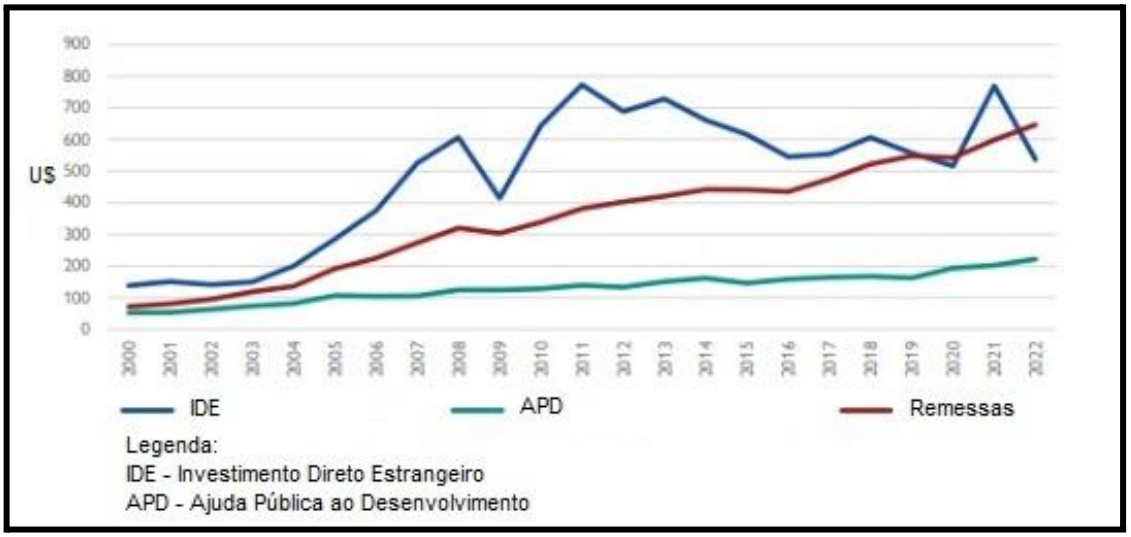
"As remessas são uma fonte estável de rendimento para as famílias dos migrantes, apoiando investimentos na educação das crianças, nos cuidados de saúde, na habitação e em atividades empresariais. Esses benefícios poderiam ser ampliados através da redução dos custos de envio das remessas".	*World Development Report* 2023: *Migrants, refugees, and societies* (p. 9)

Fonte: *Policies Briefs* e relatórios selecionados do Banco Mundial. Elaboração própria, mai. 2025.

Pelos relatos apontados, percebemos que na dinâmica migratória as remessas têm um papel singular. Elas representam uma estabilidade financeira para as famílias, que podem ampliar seu consumo, assim como 'investir' em melhorias para suas famílias: seja através da educação, capacitações ou até investimentos. Há uma insistência, ainda, na conexão entre o envio de remessas e resiliência. Isso nos remete a ideia de que remessas preparam migrantes e suas famílias para se adaptarem a qualquer situação, numa indicação de que, no capitalismo, o caminho para a salvação é o caminho que atravessa a economia, e de que a estabilidade evocada é temporária; as famílias devem estar sempre prontas para dias 'difíceis'

De acordo com o Relatório Mundial sobre Migrações de 2024 (OIM, 2024), as remessas internacionais tiveram um aumento de 650% entre 2000 e 2022, passando o envio de 128 bilhões para 831 bilhões de dólares. Chegaram a ultrapassar, em alguns momentos, os investimentos estrangeiros diretos no aumento do PIB dos países em desenvolvimento, segundo o mesmo relatório. Esse envio ocorreu sobretudo para países de renda baixa e média. O gráfico a seguir permite observar essa evolução.

GRÁFICO 6: Fluxo internacional de remessas de imigrantes para países de baixa e média renda - 2000-2022 (em bilhões de dólares)



Fonte: OIM (2024). Sistematização própria, jun. 2025.

Percebemos um crescimento das remessas na série histórica acima, saindo de pouco menos de US$100 bilhões em 2000 para US$599 e US$647 bilhões em 2021 e 2022, respectivamente. Os dados indicam que o montante que as remessas representam sempre tem sido maior que a ajuda pública ao desenvolvimento (APD) e em 2020 foi superior ao investimento direto estrangeiro (IDE) em alguns dos países de baixa e média renda. Nesse sentido, é interessante observarmos também os países que mais enviam e recebem remessas.

TABELA 1: Principais países receptores e emissores de remessa de imigrantes - 2010 e 2022 (em bilhões de dólares)

Países receptores de remessas				**Países emissores de remessas**			
2010		**2022**		**2010**		**2022**	
Índia	53.48	Índia	111.22	Estados Unidos	50.53	Estados Unidos	79.15
China	52.46	México	61.10	Arábia Saudita	27.07	Arábia Saudita	39.35
México	22.08	China	51.00	Rússia	21.45	Suíça	31.91
Filipinas	21.56	Filipinas	38.05	Suíça	18.51	Alemanha	25.60
França	19.90	França	30.04	Alemanha	14.68	China	18.26
Nigéria	19.75	Paquistão	29.87	Itália	12.88	Kuwait	17.74
Alemanha	12.79	Egito	28.33	França	12.03	Luxemburgo	15.51
Egito	12.45	Bangladesh	21.50	Kuwait	11.86	Holanda	15.41
Bélgica	10.99	Nigéria	20.13	Luxemburgo	10.66	França	14.44
Bangladesh	10.85	Alemanha	19.29	Emirados Árabes Unidos	10.57	Qatar	12.29

Fonte: OIM (2024). Sistematização própria, jun. 2025.

Os principais países que recebem as remessas têm sido os mesmos nos períodos observados, com os três primeiros se mantendo, apenas com a alteração de posição entre a China e o México. Uma diferença essencial tem sido o volumoso aumento dos valores representados: um aumento de mais de 100% nos casos indiano e mexicano. No caso chinês, vemos uma diminuição de 2,7%, mas que ainda mantêm a China no topo, o que pode ser atribuído à expansão chinesa no cenário internacional das últimas décadas. Com altos índices de emigração, a posição global da China mantém sua economia aquecida e próspera.

Quanto aos principais países emissores de remessas, os dois países que lideram a lista se mantêm, Estados Unidos e Arábia Saudita, com um aumento das remessas, embora não tão grande quanto dos receptores. Nos EUA, houve um aumento de 57%, e na Arábia Saudita, de 45%. O caso da Rússia nos parece *sui generis*. Desde a década de 1990, a Rússia tem se tornado um destino comum de imigração, chegando a fazer parte dos principais países que recebem imigrantes, e mantido suas taxas de imigração constantes. Sua ausência, em 2022, entre os mais destacado emissores de remessas pode ter sido impactada pelo confronto com a

Ucrânia, iniciado no mesmo ano[23]. Se torna singular, pois, em 2022, o governo russo, para sanar algumas adversidades advindas do conflito (em especial, estabilizar a economia e suprir a escassez de trabalhadores), tem buscado promover a migração para Rússia, facilitando os processos migratórios e oferecendo benefícios para atrair imigrantes (Monin, 2024). Isso significou um aumento do número de imigrantes na Rússia no mesmo ano[24], mas que não foi compatível com o aumento do envio de remessas. Não há indícios efetivos de que o conflito armado foi a única causa de tal afastamento, mas é fato que em um contexto bélico todos os setores são afetados, principalmente, dos países envolvidos diretamente.

Curioso, ainda, observar os casos da Alemanha e da França, que aparecem em todas as colunas. Tais países têm um histórico de serem países de imigração e emigração, com períodos marcantes de flexibilização de fronteiras, e fechamento das mesmas quando atingidos os propósitos a que se destinou a abertura. E, a partir dos dados, podemos depreender que tal tendência deve se manter vide o aumento indicado em todos os momentos, indicando a imprescindibilidade da força de trabalho imigrante em tais países.

A partir do exposto, entendemos que as remessas, apesar do montante considerável, não representam, nem revelam sintonia com a redução da pobreza e o desenvolvimento local. A maior parte dos países que recebem as remessas são países considerados não desenvolvidos ou em desenvolvimento, no horizonte capitalista. A razão central para isso, segundo Marte e Soares (2006) é que as remessas monetárias dificilmente tem propósito produtivo em uma ampla escala. Em geral, têm como destino a renda doméstica, despesas do cotidiano. A finalidade das remessas, segundo os autores, se concentra nos seguintes campos: a) negócios (pequenos estabelecimentos comerciais); b) investimentos financeiros, sobretudo aplicações em caderneta de poupança; c) quitação de dívidas; d) aquisição de imóveis, a casa própria; e) filantropia. Apenas "alguns economistas e agências multilaterais consideram que as remessas significam uma fonte estável de recursos e que, portanto, contribuem para a estabilidade econômica interna" (Martes; Soares, 2006, p. 50), como o Banco Mundial que atribui 'poderes' a remessas, como se fossem capazes de alterar permanentemente a vida da classe trabalhadora migrante e suas famílias.

---

[23] Apesar de desde meados da década de 2010, Rússia e Ucrânia já estarem em conflitos, em 2022 esses tomaram novas proporções bélicas e ampliaram os impactos, principalmente, sobre as nações envolvidas.

[24] Os dados completos podem ser observados no site: https://www.macrotrends.net/global-metrics/countries/rus/russia/net-migration. Para além de uma crescente imigração, também foi considerável o número de emigrantes que deixaram o território russo com a intensificação dos conflitos.

Ressaltamos aqui, que apesar do aspecto otimista e funcional das remessas, apontado nos documentos do Banco Mundial, é ocultada a realidade das condições de trabalho na qual as remessas são geradas (o trabalho dos imigrantes em condições precárias), assim como a situação socioeconômica dos lugares onde as remessas serão consumidas (Fleurima, 2021). No fenômeno migratório como um todo, há complexidade e nuances que precisam ser sublinhadas. Fleurima aponta que (2021, p. 16) "as remessas representam a forma concreta da articulação entre as questões sociais e econômicas distintas" e se revelam um "mecanismo de expansão do consumo das famílias de origem". E complementa:

> [...] aspectos sociais e simbólicos presentes no uso das remessas, além de sua dimensão estritamente econômica, atribuindo especial importância ao contexto social em que são recebidas remessas e o papel dos fatores socioculturais no comportamento econômico (Fleurima, 2021, p. 25).

O otimismo com o qual as remessas, o 'retorno' e 'benefícios' (temporários) vindos delas aparece, faz passar despercebidas as longas jornadas de trabalho, a privação de direitos, as penosas condições de habitação e outras dificuldades que imigrantes enfrentam em seu dia a dia. Entendemos então, que o BIRD, ao propagar esse otimismo cumpre uma função, na estrutura capitalista, de favorecimento da manutenção da alienação da classe trabalhadora. Ao difundir as oportunidades representadas pelas migrações, oportunidades de integração pelo consumo, vemos a difusão da ideologia neoliberal de 'cuide da sua própria vida', 'faça você mesmo', 'crie oportunidades para aumentar sua renda e mudar de vida'. Nisso, a classe trabalhadora vai buscar migrar para 'crescer na vida', ter acessos, comprar coisas (que embora sejam básicas, no capitalismo assumem a feição de privilégios), enfim, absorver e ser absorvida no *modus operandi* do capital.

Ao capitalismo, e países do seu centro, é interessante o "crescimento" da renda das famílias, uma vez que ele aumenta o nível de consumo delas e, logo, suas necessidades materiais também se ampliam, fomentando um contínuo ciclo de consumo. Da mesma forma subsidia novas migrações em busca de se alcançar e/ou manter os níveis agora conhecidos, indicando que a migração se torna uma estratégia de sobrevivência para muitas famílias (Fleurima, 2021).

Para os Estados nos países de origem, trazem aspectos positivos, pois constituem fonte de capitais e divisas com maior estabilidade que outros fluxos de capitais privados. Ademais, o aumento da renda tira algumas famílias da linha da pobreza e acaba por aliviar a tensão sobre o Estado (Fleurima, 2021). O direcionamento das remessas para "gastos" com educação em

muitas famílias, traz um potencial promissor visto que este é um setor chave para o desenvolvimento, em conjunto com outros setores.

O risco que envolve as remessas é que muitas famílias se tornam delas dependentes (Fleurima, 2021; Lima, Abraham, 2017), pois a estrutura em que vivem não permite seu desenvolvimento autônomo. Dessa forma, em períodos de crise a solução é encontrar novos destinos migratórios. Caso contrário, essa dependência se torna um obstáculo (Martine, 2005).

A defesa da redução dos custos das remessas para imigrantes, pelo Banco Mundial, se atrela à ideia de defesa da migração como fator chave para o desenvolvimento. A possibilidade do aumento da renda com o envio de remessas torna a migração um grande atrativo. Entretanto, para o Banco o custo dessas pode ser um impeditivo. O custo para envio de remessas é alto e famílias perdem uma parte importante de seus rendimentos. E mais, imigrantes são duplamente tributados: no país que vivem e mais os custos de envio. Segundo Martine (2005), faltam instituições financeiras que apresentem serviços que atendam as demandas dos migrantes, assim como governos não criam um ambiente favorável a esse setor.

Essa perspectiva sobre as remessas traz um apelo individual, que estimula uma visão apenas dos aspectos financeiros, como positivos dos processos migratórios. Mas esses não são os únicos elementos a partir dos quais o Banco Mundial ancora sua aproximação e participação nos processos migratórios. Também procura inspirar a gestão sobre migrações através de políticas sociais, sugerindo políticas que tenham como matéria as migrações. Para tanto, a participação dos Estados se faz primordial na condução dos processos migratórios - para o bom andamento dos negócios (capitalistas), assim podemos dizer. Uma vez que tanto o Banco Mundial quanto o Estado são instituições constituídas para preservação da ordem do capital. Posto isso, no capítulo seguinte nos debruçaremos sobre as recomendações políticas do Banco Mundial e o que é indicado para se pensar e efetivar políticas migratórias, a fim de se obter uma gerência eficaz das migrações, na ótica da instituição.

4. O lugar das políticas sociais na agenda do Banco Mundial

No pensamento marxista, o Estado é historicamente determinado e garante os interesses da classe dominante, a burguesia (Herrera, 2011). Com sua entrada na regulação das relações sociais capitalistas, percebe-se, também, o estabelecimento de uma ideologia jurídica que favorece a consolidação de um modo de vida e de produção que lhe é condizente (Furquim; Simões; Serafim, 2020). Um Estado burguês, para uma liberdade burguesa, para cidadãos burgueses. Tudo isso compete para que o modo de produção capitalista tenha suas prerrogativas garantidas: o emergente sujeito de direito é livre e assim o tem que ser, ao menos juridicamente (como o é na realidade), para vender sua força de trabalho e assim possibilitar a geração e extração da mais-valia, através da exploração capitalista.

Posto isso, vê-se que as ações do Estado vão ser ações pontuais e superficiais, de modo que não alterem o *status quo* verdadeiramente. Isto porque, qualquer mudança mais aguda implicaria na superação do sistema capitalista, logo o desmoronamento desse Estado. Marx ilustra esse quadro ao apontar a situação das crianças abandonadas na Prússia, no século XIX:

> Por que o rei da Prússia não determina a imediata educação de todas as crianças abandonadas? Sabe o 'prussiano' o que o rei da Prússia deveria determinar? Nada menos que a eliminação do proletariado. Para educar as crianças, é preciso alimentá-las e liberá-las da necessidade de trabalhar para viver. Alimentar e educar as crianças abandonadas, isto é, alimentar e educar todo o proletariado que está crescendo, significaria eliminar o proletariado e o pauperismo (Marx, 2011, p. 147).

Ou seja, se se dissolvem as disparidades do capitalismo de fato, o sistema perde sua razão de ser; e sabemos que este não é um de seus intentos. A ideologia jurídica instaurada favorece a classe dominante por gerar um ambiente ideológico que não apenas corrobora suas ações, como também, esconde suas artimanhas, isto é, "sua dominação de classe atrás de barreiras do Estado" (Pashukanis, 1989, p. 115). Assim, acredita-se na liberdade e igualdade vendidas pelo capitalismo; e essa crença se espalha e se solidifica através dos numerosos intermediários do capital.

O apoio que o capitalismo precisa, que o mercado livre precisa, é obtido através do conformismo dos participantes, da sociedade, às suas instituições (Prado, 2009). É preciso que todos abracem a mesma ideia, que haja algo comum a ser defendido ou combatido. Nisso, as instituições do capital vão atuar, influenciar e inspirar o combate a alguma mazela da sociedade, que será o pretexto da vez para justificar reformas, mudanças e qualquer outro feito que corresponda às demandas momentâneas do capital, ou seja, defender o que o capital precisa de forma despretensiosa.

Na década de 1990, de acordo com Pereira (2018), o Banco Mundial incorporou à agenda neoliberal o combate à pobreza. Nesse 'casamento' vê-se as ações do Banco impulsionando a reconfiguração de políticas sociais, com práticas seletivas e focalizadas. Os argumentos que sustentam suas ações, nesse sentido, são apoiados na ideia que associa o crescimento econômico à multiplicação de benefícios às sociedades, e mais, na defesa de desregulamentações e privatizações por parte do Banco (Perkins, 2005); que seriam a forma de se estimular o crescimento econômico. Justifica-se a expansão capitalista sob o pretexto de combate à pobreza. Quem vai se opor a isso? Assim, discursos e práticas que, em tese, são direcionadas ao combate à pobreza, com efeito favorecem o crescimento econômico capitalista. Justificam ações e reformas propostas por instituições multilaterais ou Estados poderosos para garantir suas prerrogativas, enquanto amplificam as expropriações sobre a classe trabalhadora[25].

O Banco Mundial, por meio de seus estudos, orienta e influencia políticas, como veremos adiante ao observarmos as orientações políticas, para gestão do fenômeno migratório, propostas pela mesma. Entretanto, Pereira (2018) ressalta que tais estudos deixam um aspecto duvidoso visto que suas pesquisas têm caráter normativo e não se submetem às regras do campo científico. Ao fim e ao cabo, para o autor, servem "para a instituição fazer proselitismo de sua agenda política" (Pereira, 2018, p. 3). As pesquisas do Banco trazem, embora não explicitamente (na maior parte das vezes), a garantia de perpetuação da estrutura do capitalismo, por meio de mecanismos aceitos e consolidados no Estado (burguês), como as políticas sociais. Reforçam que a instituição existe para assegurar a estabilidade e a perpetuação do capitalismo, assim como as políticas sociais que são reconfiguradas ou eliminadas a depender das condições do capital para mantê-las (em um formato universal, gratuita e de provisão estatal se tornam insustentáveis para o capital no neoliberalismo).

4.1 O Estado e as políticas sociais

O Estado, desde sempre, se mostra vital ao funcionamento capitalista: ele não só substituiu a ideologia religiosa feudal, como também camuflou/a a dominação burguesa (Pashukanis, 1989). Esse domínio, por sua vez, não se firma por si só, precisa de elementos que o sustentem. Pashukanis (1989), destaca que a dominação burguesa se alimenta da dependência dos governos dos bancos e da dependência da classe trabalhadora. A economia dita as regras

[25] Os caminhos desenhados para 'aliviar' a situação de pobreza, no fim, penalizam as pessoas empobrecidas, retirando seus direitos, dificultando seus acessos; ao passo que, privatizações e desregulamentações favorecem os grupos capitalistas. Concordamos, assim, com Wacquant quando este afirma que: "a guerra contra a pobreza é substituída por uma guerra contra os pobres" (2003, p. 9).

do jogo, e no fim das contas, a liberdade que se diz que existe é "[...] uma caricatura, um sucedâneo, uma alucinação provocada" (Vaneigem, 1998, p. 2).

No capitalismo contemporâneo, o Estado ainda tem desempenhado a função essencial de ser o "garantidor último, o socorrista de primeira hora, do processo de acumulação de capital" (Miranda; Carcanholo, 2020, p. 32). Assim, com o predomínio neoliberal, apesar da argumentação que advoga por um Estado Mínimo e descolado da esfera econômica, o que tem-se é um Estado forte, e pronto para entrar em ação quando requisitado: "[...] muito longe de um 'Estado mínimo', o Estado contemporâneo incide diretamente, e em grande escala, sobre o processo de acumulação de capital" (Miranda; Carcanholo, 2020, p. 26).

Harvey (2008) destaca que o neoliberalismo representa a reação burguesa. Afinada com essa ideia, Behring (2021) destaca que a ofensiva capitalista, nas décadas de 1960 e 1970, trouxe elementos que possibilitaram ao capitalismo recuperar seu fôlego, como: (contra)reformas do Estado, reestruturação produtiva e mundialização do capital. Essas 'soluções' do capital têm-se traduzido, na prática, em ataques bárbaros e destrutivos contra a classe trabalhadora por meios de políticas ultraliberais (Behring, 2021; Miranda; Carcanholo, 2020). A espoliação e a exploração se expandem de forma brutal, apagando até os traços da civilidade capitalista. Tomando em consideração situações que tem ocorrido com imigrantes, a partir do noticiário, vemos que o caminho ruma à barbárie. Percebemos isso nas manchetes apresentadas a seguir:

FIGURA 2: Noticiário - Situações brutais que imigrantes têm se defrontado[26]

Fonte: Portais de notícias Exame, G1, BBC, DW, Valor e Veja. Elaboração própria, jun. 2025.

[26] O *link* de acesso para as reportagens completas, das quais tais manchetes se referem, estão listadas no apêndice D, p. 149.

Essas barbaridades são fruto da relação entre o Estado e o capital. Com a primazia do atendimento das demandas do capital, seja com privatizações, seja com desregulamentações, percebemos o desprezo à proteção social e classe trabalhadora se vê em condição de desamparo. As alternativas que lhes aparecem não trazem grande conforto, antes ampliam sua tragédia. Segundo Mauriel (2009), é a arena internacional pautada na globalização financeira que tem ditado sobre as políticas sociais.

A relativa autonomia da esfera financeira e seu aumento sobre a produtiva, não fazem desaparecer a centralidade do trabalho, antes o intensificam e aumentam a exploração da força de trabalho (Dominzcak; Sabadini, 2013). Segundo Mello (2023), o Estado tem "papel central na produção e reciclagem do capital fictício" (p. 11). Nisso, a subsunção real do Estado ao capital se aprofunda. Assim, do "recrudescimento da voracidade do capital" e do seu "ímpeto espoliador sobre o trabalho e a natureza" (Mello, 2023, p. 8) na "busca incessante pela extração de mais-valia absoluta, relativa e extra" (Dominzcak; Sabadini, 2013, p. 137), emergem atrozes situações onde a classe trabalhadora é inserida, como as dispostas na figura 2, com tolerância dos Estados.

O advento da forma financeira do capital tem retirado do Estado seu lugar de provedor de serviços essenciais. Segundo, Oran (2023, p. 261): "a alocação de certa fração do produto social total para a reprodução social da classe trabalhadora é cada vez mais realizada pelos atores financeiros, não pelo Estado". Com a política econômica a nível global, as agências internacionais (FMI, Banco Mundial, OMC e outras) orientam as políticas sociais, incluindo as migratórias, dos países. Serviços básicos têm sido mercantilizados e seu acesso fica circunscrito a aqueles que podem pagar.

Ao reduzir o espaço do Estado às respostas para o pauperismo, transfere-se a culpa à classe trabalhadora da condição em que vivem. As causas da condição de miséria da classe trabalhadora é atribuída à própria classe, isentando os processos de consolidação do capitalismo de qualquer parcela de responsabilidade sobre o quadro em que se encontram os trabalhadores. Ao Estado cabe administrar, ou transferir a administração, dos 'problemas sociais'. São estabelecidos 'novos' pactos sociais que convergem interesses do Estado e do mercado (Behring; Boschetti, 2011). As ações do Estado vão "gerir/administrar o conflito de classes no mesmo passo em que interferiam diretamente na reprodução da força de trabalho e nas suas condições de oferta" (Behring, 2021, p. 252).

Observamos a gestão estatal da força de trabalho, de acordo com a organização do mercado. As políticas sociais têm tido atribuição ímpar nessa dinâmica. Desde sua generalização, nas

décadas de 1930 e 1940, têm representado substanciais mudanças nas condições de vida da classe trabalhadora, até algumas melhorias; contudo, acabam por favorecer o metabolismo social capitalista. Segundo Boschetti (2016), as políticas sociais até alteram o padrão de desigualdade, mas ela ainda se mantém. Alguns acessos se tornam mais próximos seja a serviços, seja a bens, mas ambos, no fim das contas, estão centrados no consumo, o que acaba por fortalecer o trajeto capitalista (assim como as remessas que permitem a integração via o consumo, como apontado no capítulo anterior).

Segundo Raichelis e Arregui (2021), o avanço das agressivas políticas neoliberais têm desmontado a proteção social evidenciando carências rudimentares. Nisso, os grupos mais atingidos são os segmentos que já convivem com situações de carências sociais, como é o caso de imigrantes. A globalização tem disseminado práticas predatórias com o intuito de maximizar lucros, independentes dos riscos sociais e humanos. A estrutural desigualdade do capitalismo se manifesta nesse cenário de forma brutal.

Nesse mundo globalizado, sob diretrizes neoliberais, as políticas sociais são adaptadas à nova conjuntura (Behring, 2021). Boschetti (2016), destaca que as políticas sociais são estratégias de hegemonia e imprimem uma direção intelectual e moral da classe que segura as rédeas da governabilidade. Dessa forma, determinam o padrão de proteção social que atende a um determinado projeto societário, consoante Netto (1999, p. 2-3), que define projetos societários como:

> projetos que apresentam uma imagem de sociedade a ser construída, que reclamam determinados valores para justificá-la e que privilegiam certos meios (materiais e culturais) para concretizá-la. Os projetos societários são projetos coletivos; mas seu traço peculiar reside no fato de se constituírem como projetos macroscópicos, como propostas para o conjunto da sociedade. Somente eles apresentam esta característica – os outros projetos coletivos (por exemplo, os projetos profissionais, de que trataremos adiante) não possuem este nível de amplitude e inclusividade. Em sociedades como a nossa, os projetos societários são, necessária e simultaneamente, projetos de classe, ainda que refratem mais ou menos fortemente determinações de outra natureza (culturais, de gênero, étnicas etc.). Efetivamente, as transformações em curso na ordem capitalista não reduziram a ponderação das classes sociais e do seu antagonismo na dinâmica da sociedade (...) Por isto mesmo, nos projetos societários (como, aliás, em qualquer projeto coletivo) há necessariamente uma dimensão política, que envolve relações de poder. É claro que esta dimensão não pode ser diretamente identificada com posicionamentos partidários, ainda que se considere que os partidos políticos sejam instituições indispensáveis e insubstituíveis para a organização democrática da vida social no capitalismo contemporâneo. A experiência histórica demonstra que, tendo sempre em seu núcleo a marca da classe social a cujos interesses essenciais respondem, os projetos societários constituem estruturas flexíveis e cambiantes: incorporam novas demandas e aspirações, transformam-se e se renovam conforme as conjunturas históricas e políticas. Enfim, compreende-se, sem grandes dificuldades, que a concorrência entre diferentes projetos societários é um fenômeno próprio da democracia política. Num contexto ditatorial, a vontade política da classe social que exerce o poder político vale-se, para a implementação do seu projeto societário, de mecanismos e dispositivos

> especialmente coercitivos e repressivos. É somente quando se conquistam e se garantem as liberdades políticas fundamentais (de expressão e manifestação do pensamento, de associação, de votar e ser votado etc.) que distintos projetos societários podem confrontar-se e disputar a adesão dos membros da sociedade. Todavia, também a experiência histórica demonstrou que, na ordem do capital, por razões econômico-sociais e culturais, mesmo num quadro de democracia política, os projetos societários que respondem aos interesses das classes trabalhadoras e subalternas sempre dispõem de condições menos favoráveis para enfrentar os projetos das classes proprietárias e politicamente dominantes.

Para consolidar um projeto societário todas as dimensões de um modo de produção devem seguir o mesmo compasso. Sob a égide neoliberal, as políticas sociais do século XXI, tem como marcas a restrição, a seletividade e a focalização (Behring; Boschetti, 2011). O mote do discurso é o 'combate à pobreza'. Discurso esse que é infiltrado e aceito pela sociedade. Tal "bandeira" já vinha sendo destacada e "preconizada" por McNamara, quando de sua gestão à frente do Banco Mundial, conforme referimos no capítulo 2, nas décadas de 1960 e 1970, principalmente. Na década de 1990, o avanço neoliberal veio firmando e expandindo essas ideias, e ditando as regras sobre as políticas sociais.

Segundo Behring (2021), as políticas sociais participam do movimento do capital como um todo, sendo uma "mediação na sociedade capitalista e envolve as necessidades reais da força de trabalho e sua reprodução, numa articulação entre economia e política, entre estrutura e consciência" (p. 258). A universalização é questionada no projeto neoliberal que apresenta reformas que correspondem às necessidades do processo de acumulação, e não a mudanças profundas. Há um uso ideológico do termo reforma que convence e assevera tanto a necessidade, quanto a urgência das reformas (Behring, 2021). O dicionário Aurélio, traz as seguintes definições para o termo reforma:

> 1) Ato ou efeito de reformar, de atribuir uma forma melhor, de corrigir; 2) Nova organização, nova forma: reforma política, reforma na saúde; 3) Tornar algo novo; fazer uma renovação; remodelação: reforma do vestuário, da casa (REFORMA, 2025).

No nível da aparência o argumento é trazer melhoras, mudanças; mas o que fica 'por baixo dos panos' é quem realmente se beneficiará das melhoras. As políticas sociais estão nessa seara de modo a condescender com essas reformas e reforçar a alienação, deixando transparecer uma ação potencialmente positiva, que o termo carrega. As políticas sociais são os principais alvos das reformas neoliberais do Estado. Deste modo, vemos que as políticas sociais no capitalismo tem um caráter contraditório, devido a sua multicausalidade e multifuncionalidade (Behring; Boschetti, 2011): amenizam a condição de vida de

trabalhadores e impõem limites ao capital, mas também, levam ganhos às elites capitalistas ao permitirem que o capitalismo continue operando e regulando.

As políticas públicas são um campo de contradições e, também, esfera da luta de classes, assim, as políticas sociais que perpassam esse espaço, igualmente, trazem essas características. A política social aparece no "processo histórico típico da sociedade burguesa" e "é produto da luta de classes, se articula ao processo de acumulação como mecanismo de gestão da força de trabalho e reprodução ampliada do capital" (Behring, 2021, p. 253). Aqui também se inserem as políticas migratórias.

Mas antes de nos voltarmos às políticas migratórias, convém sublinhar que as políticas sociais devem ser observadas dentro da totalidade, a partir de uma perspectiva dialética. Dado que, não se resumem a um aspecto 'economicista', como única e exclusivamente uma forma de produzir e reproduzir a força de trabalho ou instrumento da classe dominante; tampouco somente através de um cariz político, das posições tomadas pelas forças políticas ou um árbitro neutro nas disputas de classes (Behring; Boschetti, 2011; Gough, 1979). Muitos direitos são conquistas de lutas da classe trabalhadora, assim como, as políticas sociais têm garantido a vida de muitos (por exemplo, imigrantes que muitas vezes vivem em locais de completa privação de direitos). O Estado e suas políticas são instituições e arenas de processamento da luta de classes e, como tal, repletas de contradições. Desconsiderar tais aspectos é uma ação injusta e cruel com a classe trabalhadora, embora esta esteja, contemporaneamente, mais fragilizada nesta luta. Behring e Boschetti (2011), destacam a importância de, ao se analisar políticas sociais, se considerar a natureza do capitalismo e o papel do Estado e das classes.

4.2 As políticas migratórias no horizonte neoliberal

O processo de chegada de imigrantes em um novo território e sua integração envolve inúmeras camadas. A inserção em, e o acesso a, serviços sociais se mostra um meio de participar da sociedade em que chegam, mas isso não ocorre de forma simples na prática. Diante disso, torna-se instigante a reflexão a respeito da atenção dispensada a imigrantes nos territórios em que chegam, em especial por parte do poder público. Nos documentos que observamos do Banco Mundial, em vários momentos há menção a parcerias: muitas privadas, mas também há o reconhecimento de que sem a participação dos Estados, dos governos, a gestão da migração não é possível. Na visão do Banco Mundial, tanto o mercado, quanto o governo devem atuar nessa área. Destacamos alguns trechos em que o Banco Mundial, em

seus documentos, chama a atenção para a importância da ação e do envolvimento dos Estados no trato das questões migratórias.

QUADRO 4: Extratos - Participação dos Estados na gerência das migrações, nos documentos do Banco Mundial

EXTRATO	FONTE
"Os migrantes têm necessidades específicas cujos suportes dependem da ação do Estado".	*Policy Brief 18: The empowerment of migrant workers in a precarious situation: the role of labor inspection* - jul. 2022
"Compromissos críticos por parte dos Estados no sentido de trabalharem em colaboração para melhorar as respostas aos movimentos transfronteiriços, voluntários ou forçados".	*Policy Brief 11: The Global Compacts and Environmental Drivers of Migration* - jul. 2018
"Os Estados podem defender a soberania nacional ao mesmo tempo que exaltam os benefícios da responsabilidade partilhada na gestão da migração, um processo que atravessa as fronteiras nacionais".	*Policy Brief 11: The Global Compacts and Environmental Drivers of Migration* - jul. 2018
"Os quadros institucionais podem ser conceituados como regras e normas que se situam num espectro entre o mais formal (como as constituições e as políticas) e o mais informal".	*Policy Brief 10: Institutional frameworks and environmental mobility* - jan. 2018
"Os Estados precisam de desenvolver estratégias para explorar novas vias de financiamento em matéria de mobilidade".	*Policy Brief 10: Institutional frameworks and environmental mobility* - jan. 2018
"Liderança favorável à imigração, investimentos em políticas e programas para gerir a migração no melhor interesse dos seus cidadãos e da sociedade".	*Policy Brief 2: Host society integration* - abr. 2016

Fonte: *Policies Briefs* selecionados do Banco Mundial. Elaboração própria, jun. 2025.

Percebemos que, no fim das contas, a participação do Estado se dá de forma a garantir e assegurar a circulação da força de trabalho e sua reprodução, atuando nos setores e momentos em que o mercado se isenta (ou não se interessa, ou não vê a possibilidades de ganhos atrativos). Um Estado que concretiza a ideologia neoliberal de gestão dos 'problemas' e contribui com a formatação de uma força de trabalho adequada aos merados. Então, como já foi colocado, não há Estado mínimo, há um Estado ideal (aos interesses do capital): o Estado neoliberal[27].

No neoliberalismo, as políticas sociais também trazem um conteúdo permeado pela individualidade, preconizada na era neoliberal. De acordo com Behring (2021, p. 253): "[..]

[27] Partimos da compreensão de Estado Social de Boschetti (2016), que se refere a "regulação estatal das relações econômicas e sociais no capitalismo, que tem nas políticas sociais uma determinação central" (p. 23). Segundo a autora, a categoria não confere ao Estado um caráter anticapitalista, ou indica intenção de "socializar a riqueza por meio de políticas sociais" (p. 24).

políticas sociais com eixo no empoderamento, no fortalecimento da resiliência, na vigilância social, na inclusão e tantas outras criações e marcas da *novilíngua* e das medidas concretas de uma proteção social à imagem e semelhança do neoliberalismo" (grifos nossos). Demonstrando uma força ideológica que penetra nos indivíduos estabelecendo, ao mesmo tempo, o senso comum e uma coletividade sem amparo.

Percebemos que, as ideias do Banco Mundial para gestão das migrações se encaixam nestes parâmetros, quando nos deparamos com recomendações para os Estados, quanto às migrações, que sugerem ações como: a) conceber programas eficazes de migração laboral que permitam aos agregados familiares vulneráveis criar resiliência e adaptar-se às condições em mudança; b) facilitar as transferências de remessas para as famílias migrantes, a fim de garantir uma maior resiliência (Martin; Bergmann, 2017).

Quando se considera a mobilidade humana é preciso ter em conta a complexidade de componentes envolvidos: acolhimento, convivência, acesso a direitos (Melo, 2021). Com o neoliberalismo, tudo (de ruim) se exponencia. Seja os arrochos por parte do Estado - a austeridade -, seja a brutalidade com que é atingida a classe trabalhadora (como ilustrado anteriormente). Entretanto, o discurso é de abertura. Mas essa abertura acontece quando necessário e de forma restrita e circunscrita.

De tempos em tempos, acompanhamos mudanças nas políticas migratórias dos diferentes países. Essa dinâmica, e essas alterações, categorizam, selecionam e dividem os indivíduos, pois as políticas não atendem ou atendem de forma igual toda a classe trabalhadora: o país de origem, aspectos étnico-raciais, entre outros, delineiam as políticas migratórias - tópico que abordaremos no capítulo seguinte. Assim, apesar da defesa da expansão das fronteiras, desde fins da década de 2000, observamos o endurecimento das políticas migratórias por parte dos países do Norte global (como ocorre com as políticas públicas e sociais, de forma geral, em períodos de recessão capitalista). Acompanhamos essa dinâmica com certa frequência no noticiário cotidiano. Para tanto, apresentamos alguns exemplos na figura que se segue.

FIGURA 3: Noticiário - Restrições migratórias

Fonte: MSF, Brado Jornal, Portal G1, Diário de Notícias e ONU Brasil. Elaboração própria, jun. 2025.

Essas ações têm ligação direta com as demandas dos mercados financeiros e com o funcionamento capitalista. As pessoas não são irregulares ou têm *status* irregular; elas são inseridas nesta condição de acordo com a dinâmica levada em prática pelo capital. Práticas que passam a vigorar em momentos em que o capital precisa se reerguer ou se reorganizar. Essa movimentação do capital desemboca, de tempos em tempos, em crises econômicas (Miranda; Carcanholo, 2020). Para que isso não se torne uma constante, a dinâmica do capital passa por certas alterações.

Apesar da crise ter caráter econômico, supostamente um campo separado da política, é ao Estado que se recorre para a recomposição das perdas do capital. Como referido no primeiro capítulo, o Estado é um elemento fundamental do processo de acumulação capitalista. Quando o capital constante ultrapassa o variável, observa-se a alteração da composição orgânica do capital, que tende a resultar na queda na taxa de lucro (Marx, 2017). O aumento do capital constante sobre o variável traz a queda das taxas médias de lucros, a taxa de lucros de todos os capitalistas e, daí, a necessidade de diminuir o uso da força de trabalho e/ou o de aumentar a sua exploração. Isso é feito com o intuito de ampliar lucros, mas as limitações e contradições inerentes ao capitalismo estorvam tal situação. O próprio capital se coloca em apuros, mas é o Estado que o socorre, através dos mecanismos que lhes são legítimos (ou legitimados), uma vez que ele não está separado do processo de acumulação necessário para o

capitalismo se reproduzir. Marx (2017), já apontava essa tendência do capital e as possíveis formas de recuperação utilizadas.

As contra-tendências sinalizadas por Marx (2017) que possibilitam a reorganização do capital se dão através de reformas, que facultam: o aumento do grau de exploração do trabalho, a ampliação da superpopulação relativa, a redução salarial, o barateamento dos elementos do capital constante, o comércio exterior (mercado mundial) e o aumento do capital acionário. As guerras também compõem esse 'rol contra-arrestante'[28]; assim, levando em conta o cenário global de 2025, podemos depreender que o capitalismo está vivendo um período de perturbação tremendo.

A imigração se insere nesse contexto, ao proporcionar, em especial o aumento do grau de exploração do trabalho, com a ampliação da superpopulação relativa e o barateamento dos salários. Essa parte da classe trabalhadora com ocupação irregular, dado que imigrantes tem ocupado os postos de trabalho mais desprotegidos, proporciona um

> depósito inesgotável de força de trabalho disponível. Sua condição de vida cai abaixo do nível médio normal da classe trabalhadora, e é precisamente isso que torna uma base ampla para a exploração do capital (Marx, 2023, p. 718).

A presença de trabalhadores 'dispostos' a aceitarem trabalhos em condições inadequadas, permite que o custo da força de trabalho seja rebaixado. Esse processo foi ampliado com as desregulamentações no mundo do trabalho.

Enfim, tudo isso ocorre de forma a privilegiar o capital e priorizar investimentos. Segundo Behring (2021, p. 252), trata-se de "respostas burguesas operacionalizadas pelo Estado". As reformas necessárias vão impactar as condições de vida da classe trabalhadora e vemos grande 'aceitação' por parte dos governos, visto que estes se vêem coagidos a ceder as prerrogativas do capital, em especial devido a dívida pública.

Segundo Mauriel (2009), o poder das finanças foi constituído sob o endividamento dos governos. Menéndez (2024), destaca que a dívida pública é uma das "principais alavancas da acumulação de capital (…) sendo um dispositivo para subjugar indivíduos e regiões inteiras" (p. 1). Isso se converte em retrocessos de certas conquistas da classe trabalhadora, quando o

[28] Nesse prisma, levando em consideração a intensificação dos conflitos em 2025, podemos depreender que o capitalismo está passando por uma fase de perturbação tremenda. Destacamos aí, como exemplos o confronto entre Rússia e Ucrânia, mas principalmente os ataques israelenses, aliado dos Estados Unidos, contra a população de Gaza, do Irã e do Iêmen. Com objetivos explícitos de converter todo o território palestino em mais um espaço para aplicação da pragmática neoliberal, seja na busca de fontes de petróleo e gás natural, seja nos devaneios megalomaníacos de Trump (que manifestou a intenção de criar um *resort* no território), ou ainda, seja nas pretensões racistas de Netanyahu, de conquistar todo o território, promovendo um genocídio étnico.

orçamento é desviado para o pagamento da dívida. Mauriel salienta a existência da "indústria da dívida" (2009, p. 48). As políticas têm seus recursos encolhidos, o que rebate no atendimento à população. Assim, as políticas se tornam seletivas, residuais e focalizadas, correspondendo às requisições neoliberais e acabam por ter essa sua "nova" configuração justificada.

Dessa forma, governos ficam à disposição dos mercados. E assim o devem ser, como explícito nos seguintes trechos, do relatório do Banco Mundial de 2018, *Moving for prosperity: global migration and labor markets* (Mudança em busca de prosperidade: migração global e mercados de trabalho, tradução nossa): "as políticas governamentais deveriam confiar mais nos mecanismos de mercado" (WBG, 2018, p. 33); e ainda: "os governos não devem lutar contra os mercados de trabalho, mas sim trabalhar com eles" (WBG, 2018, p. 26). Entendemos, então, que as recomendações políticas do BIRD, conforme observado no apresentado, correspondem à agenda neoliberal ao resguardar a primazia do mercado. No fim das contas, o termo recomendação mais é um eufemismo, dada a obrigação de acatar as proposições do Banco Mundial, devido à relação hierárquica internacional, atrelada à dívida de muitos países periféricos do capitalismo. Agradar a César é a ordem do dia.

Também a disparidade social é levada em consideração na realização de reformas e políticas: embora não ideais, trazem a possibilidade de sobrevivência à classe trabalhadora. Políticas sociais são importantes para a manutenção da classe trabalhadora dentro do arquétipo capitalista. Assim, pensar políticas migratórias e suas potencialidades (enquanto políticas sociais) significa apreender seus diferentes níveis e as diversas lógicas socioeconômicas, segundo Melo (2021). A seguir, apresentamos algumas das recomendações do Banco Mundial, referentes aos processos migratórios, que indicam sua harmonia com o receituário neoliberal.

4. 3 Recomendações do Banco Mundial para gestão das migrações

Nos documentos do Banco Mundial fica patente que, como já indicamos, é importante, ou antes, é imprescindível a participação dos Estados na gerência dos processos migratórios. Estados, no plural, porque é destacada a importância de uma coordenação política global, em níveis regional, bilateral ou multilateral, de acordo com o relatório de 2018 (WBG, 2018). E mais, segundo os documentos, é preciso que haja "vontade política dos Estados" (Faraday, 2022). Essa indicação revela uma estratégia, pois torna possível atribuir, única e exclusivamente, ao campo da política a responsabilidade por eventuais crises e outras

atribulações socioeconômicas, jamais ao mercado, muito menos o capitalismo - mais uma vez correspondendo à racionalidade neoliberal. Segundo Keller e Keller (2020, p. 46), a ideologia neoliberal atribui "nomes impróprios (às crises econômicas) como forma de preservação do que se tornou indizível (o capitalismo)".

As recomendações políticas do Banco Mundial abarcam eixos, que, de forma geral, entendemos estar em harmonia com as demandas do capital. Percebemos que têm como fim a manutenção da ideia do trabalho como finalidade primeira e última da existência humana, mas um trabalho sob moldes capitalistas: estranhado e voltado ao consumo. Assim, há o fomento dos mercados de trabalho, por meio de uma retórica que fortalece a individualidade neoliberal.

Dentre os assuntos que aparecem como centrais nas orientações do Banco Mundial, para gerência das migrações, destacamos os seguintes - que envolvem a participação do Estado e cuja aplicação se daria através de políticas sociais: garantias para os imigrantes, integração, regularização, produção de conhecimento e pesquisas, causas das migrações, educação, setor privado, mercado capitalista, consultoria, finanças e apoio a população nativa[29].

Levando em consideração os antecedentes e o perfil liberal do Banco Mundial, uma recomendação (que foi encontrada em apenas um documento dos que analisamos, no *policy brief* 14) em um primeiro momento desperta surpresa. Trata-se da orientação que sugere "facilitar a sindicalização"[30]. A postura antissindical neoliberal (vertente intrínseca na lógica do Banco Mundial) é conhecida, por isso a surpresa. Mas, logo vê-se os termos dessa facilitação. A indicação é para que essa sindicalização seja realizada "sem qualquer influência política" (o susto inicial se dissipa e tudo 'faz sentido'). Tal fato demonstra a preocupação em cooptação dos sindicatos por parte do capital e esvaziamento do sentido político das relações sociais, evidenciando a, suposta, separação entre os ambientes político e econômico, público e privado - pleiteada pelos neoliberais. Com isso, é favorecida a perspectiva individual liberal, na qual cada indivíduo deve perseguir seus interesses, cabendo ao Estado regular o "bem" comum. Nesse ambiente, Antunes (2018) sublinha a emergência do sindicalismo de empresa, uma

> tendência, desenvolvida a partir do toyotismo e da acumulação flexível, que consiste em reduzir o sindicato ao âmbito exclusivamente empresarial (...) de perfil patronal, mais vulnerável e vinculado ao capital e às suas corporações (Antunes, 2018, n.p.).

---

[29] Recomendações que contemplam esses tópicos estão apresentadas, em quadros, juntamente com os argumentos que as respaldam, na visão dos pensadores do Banco Mundial, no apêndice C, a partir da p. 143.

[30] Recomendação nº 1, apêndice C, p. 143.

Os sindicatos têm adotado posturas defensivas, a fim de manterem um mínimo de direitos à classe trabalhadora (Antunes, 2007). Essa, por sua vez, fragmentada e dividida, devido às novas formas de gestão do trabalho, tem sua organização dificultada. Antunes (2007), destaca que os novos padrões de gestão da força de trabalho, são acompanhados por novos padrões em seu envolvimento também. A classe trabalhadora, nos dias atuais, apresenta uma complexa heterogeneidade, que frustra a consciência e o reconhecimento da classe. Quando nos voltamos à parte migrante da classe trabalhadora, nos deparamos com elementos étnicos e raciais que, no mundo capitalista, são instrumentalizados de forma a ampliar a separação da classe trabalhadora. O estímulo ao 'nós *versus* eles' faz parte da agenda neoliberal. E, com os sindicatos sob tutela, fica mais fácil manter a classe trabalhadora sob domínio.

No fim das contas, a ideia é produzir aversão ao outro para legitimar interferências, naturalizar disparidades; e até, criar teorias absurdas[31] que vão embasar o capitalismo. Nesse sentido, sobre imigrantes são atribuídas culpas e responsabilidades que não lhes pertencem: corroem a cultura nacional, ameaçam a ordem pública e à segurança, não facilitam o contato interétnico, geram distúrbios econômicos (Vertovec, 2011; Mügge; Haar, 2016; Schönwälder, 2010). Os Estados neoliberais, parte do conjunto de instituições necessárias para garantir a continuidade da produção e reprodução da acumulação capitalista, desenham o senso comum (o manipulam) e reforçam o domínio burguês sobre a sociedade. Assim, criam e perpetuam uma cultura política que justifica e respalda suas políticas e suas instituições (Vertovec, 2011). Com isso, o mundo do trabalho segue enraizado na lógica do capital e a classe trabalhadora tem suas condições de vida e trabalho cada vez mais penosas e espoliadas. Para os que migram, a situação se intensifica: à exploração do trabalho se soma a xenofobia e as condições de vida em ambientes frágeis.

Recentes estimativas da Organização Internacional do Trabalho (OIT), apontam que migrantes representam 4,7% da força de trabalho em 2022, um total de 167,7 milhões de migrantes (sendo 102,7 milhões de homens, e 64,9 milhões, mulheres). Isso representa um aumento em torno de 30 milhões de trabalhadores nesse segmento na última década. A maior parte - 68,4%, 114,7 milhões - está concentrada em países de alta renda, seguido por países de

[31] Desde a época das, chamadas, grandes navegações, o colonizador europeu se fez valer de ideias e de uma ciência forjada e usurpada que justificasse os crimes que foram cometidos em nome de uma suposta civilização, como se o europeu estivesse levando algum bem aos povos nativos dos locais em que chegavam. A criação de um discurso que respaldasse as predatórias ações dos colonizadores, atendia às aspirações capitalistas. Ao romper com o pensamento medieval, que atribuía ao sobrenatural e divino as causas das mazelas de uns, e benesses de outros, o capitalismo precisava que também o subjugo dos povos locais fosse fundamentado. Dessa forma, as teorias que apresentaram uma superioridade biológica de uns povos (europeus) em detrimento de outros (africanos, asiáticos, sul americanos) encontraram campo próspero para florescer. Essa 'ciência capitalista' dava suporte à exploração da força de trabalho e a saques (não apenas em aspectos concretos, como também imateriais: culturas, crenças, costumes, línguas) (Elpídio, 2020).

renda média alta - 17,4%, 29,2 milhões (ILO, 2024). Entre os migrantes a maior parte se encontra empregada (155,6 milhões). O número de desempregados é de 12,1 milhões, número maior que o entre os não-migrantes. Como sabido, migrantes enfrentam condições mais penosas e dificultadas ao conseguirem um emprego, mas também quanto às propriedades desse emprego, ocupando postos onde há mais informalidade, flexibilidade das condições laborais etc. A tabela a seguir traz alguns dados comparativos entre migrantes e não-migrantes.

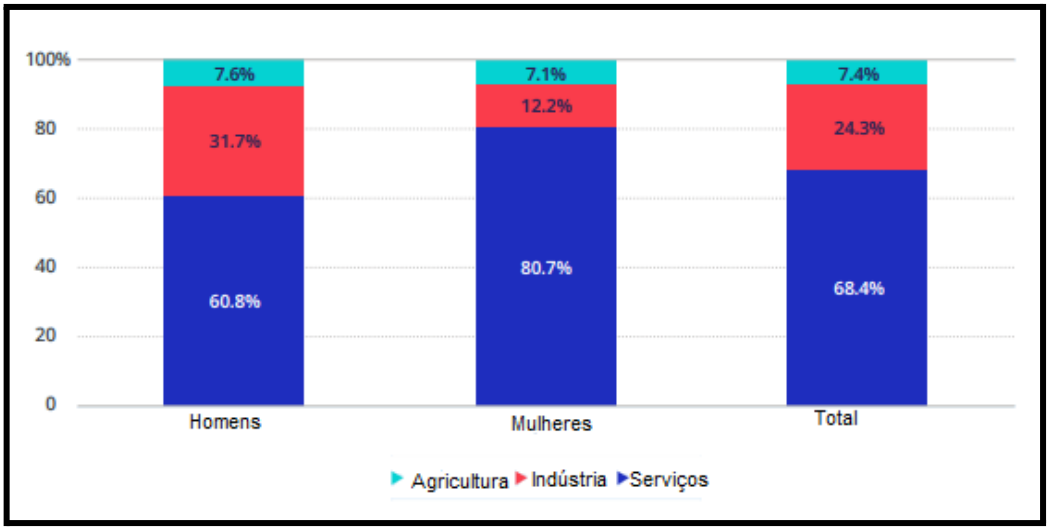
TABELA 2: Situação de empregabilidade de migrantes e não-migrantes - 2022

	Taxa de desemprego	**Presença no setor de serviços**
Migrantes	7,2%	68,4%
Não-migrantes	5,2%	51,5%

Fonte: ILO (2024). Elaboração própria, jul. 2025.

É comum atribuir-se ao *status* migratório irregular o fundamento para a ocupação de postos de trabalho precarizados, a maior parte concentrado no setor de serviços, onde estão muitos migrantes conforme observado na tabela acima. Mas mesmo entre imigrantes com *status* migratório regular, as ocupações de migrantes são aquelas que nativos dispensam, explicitamente, posto nos documentos do Banco Mundial. Barreiras linguísticas, não reconhecimento de qualificação e discriminação são elementos que contribuem para a alocação de migrantes nesses espaços. A forma como as migrações ocorrem no capitalismo, também, é determinante para condicionar migrantes nos números apresentados na tabela acima. Para tanto, vemos que migrantes se distribuem em setores 'chave' para a economia capitalista. O relatório da OIT apresenta a seguinte distribuição.

GRÁFICO 7: Distribuição de migrantes empregados por sexo e setor econômico - 2022



Fonte: ILO (2024). Elaboração própria, jul. 2025.

Essa distribuição faz parte da estrutura do capital ao permitir que se disponha de um exército industrial de reserva que entrega o trabalho de forma mais barata e eficiente, explicitando que esses fluxos são de certa forma, rastreados (Huws, 2012), ou seja, há controle sobre o ir e vir das pessoas. A presença de mulheres em maior número no setor de serviços, se deve ao direcionamento de sua ocupação aos trabalhos relacionados ao cuidado. Como já colocado em nosso trabalho, migrantes são demandados para cuidar de uma população envelhecida, quando esta necessita de maior dedicação. Huws (2012), destaca que essa estrutura que condiciona o trabalho não surge do dia para a noite. Constantes organizações e reorganizações são necessárias para que se chegue a um nível adequado à fase de acumulação que o capitalismo se encontra, como discorremos no primeiro capítulo.

Os fenômenos no capitalismo são desdobramentos das estruturas e dos processos necessários à produção e reprodução de sua acumulação, apesar de na aparência serem apresentados como descolados da essência de tal modo de produção. Migrações na aparência passam a ideia de ações escolhidas pelos indivíduos para conquistarem melhores condições de vida, 'para crescer na vida'. Ou seja, o fator central tem aspecto econômico, mas de uma forma descolada do todo social, da totalidade do modo de produção capitalista. Mas o que de fato motiva esses fenômenos (independente de como serão categorizados: deslocamento forçado, refúgio, migrante econômico etc) são os desdobramentos da intrincada relação entre capital e trabalho.

Nos documentos do BIRD, admite-se que a busca por renda é o que motiva a maior parte das migrações. Pessoas em dificuldades financeiras para se sustentarem (e suas famílias), partem em busca de reverter essa situação. Sugere-se, então, que os governos criem políticas que abordem as causas "estruturais da pobreza"[32], no sentido de que as vulnerabilidades que forçam as migrações sejam superadas, logo os deslocamentos desnecessários. Mas não só os países de origem, também os países de destino devem se envolver e colaborar. Entretanto, a causa estrutural, no nosso entendimento, não é apontada.

Isenta-se o modo produção capitalista da criação e promoção de estruturas e mecanismos que mantém a classe trabalhadora em situações em que, às vezes, migrar é a opção[33]. A ideia que fazem ecoar é que o capitalismo pode ser melhorado, no sentido de ser possível uma vida sem pobreza, e que os 'problemas sociais' são anomalias. E, como seria possível alcançar tal

[32] Recomendação nº 2, apêndice C, p. 143.

[33] Indicamos que 'às vezes' migrar é uma opção, porque nem todos podem migrar. Há os que estão em situação tão miserável que tampouco podem pensar nessa possibilidade, em função dos custos que isso carrega. Essa eventualidade carrega também um traço fundamental das migrações no capitalismo, que é a seletividade. Homens, jovens e solteiros, de países periféricos, representam o perfil dos migrantes.

melhora? Nos textos do Banco Mundial, seguindo a lógica do capital, a resposta é uníssona: trabalhando! Basta que cada um faça sua parte, é o mantra que fazem ecoar.

QUADRO 5: Extratos - Trabalho como via para melhorias, nos documentos do Banco Mundial

EXTRATO	FONTE
"Experiência profissional no estrangeiro pode resultar em melhorias significativas no capital humano do migrante, o que pode aumentar o potencial de desenvolvimento do seu país de origem".	*Policy Brief 4: Managing return migration for development* - abr, 2016
"A oferta de formação aos trabalhadores migrantes pode não só ajudar os migrantes a construir percursos profissionais, como também facilitar o seu regresso aos países de origem".	*Policy Brief 1: Low-skilled labor migration: benefits outweigh costs in host economies* - dez. 2014
"Mobilidade e trabalho digno que reflitam as realidades demográficas e do mercado de trabalho, otimizem as oportunidades de educação e defendam o direito à vida familiar".	*Policy Brief 14: The empowerment of migrant workers in a precarious situation* - mai. 2021
"A competição global por talentos nos convida a focar no trabalho, tanto como medida pessoal de integração bem-sucedida quanto como vetor de desenvolvimento".	*Policy Brief 7: Integration in host societies and development: adapting policy approaches to the new mobility* - mai. 2017

Fonte: *Policies Briefs* selecionados do Banco Mundial. Elaboração própria, jul. 2025.

Percebemos a partir desses trechos, que o pensamento capitalista é reforçado com afinco: trabalhar e ir atrás de seus interesses, pode trazer os benefícios almejados individualmente, que ao fim beneficiam o bem geral - seguindo a premissa liberal (levando em conta a diferença de renda abismal que separa a classe que trabalha e produz, a classe trabalhadora, do grupo dos mais ricos do mundo, o 1%, concluímos que trabalhar não é exatamente sinônimo de ter uma vida plena, ou superar a pobreza, no capitalismo).

As migrações se mostram um caminho viável para tanto, visto que há outros locais com 'melhores oportunidades'. Entretanto, mais uma vez, é preconizada uma narrativa unilateral e traiçoeira que esconde os custos reais desses processos, e que os benefícios são para poucos. Mas para os ideólogos do Banco Mundial, como já sinalizamos, as migrações são capazes de fomentar o crescimento, o desenvolvimento. Destaca-se que tais propósitos podem ser alcançados se tais movimentações forem reguladas.

Segundo as orientações do Banco Mundial, migrações regulares trazem mais benefícios para todos. Nesse sentido, é recomendado aos Estados que desenvolvam políticas que facilitem a regularização tanto de migrantes que estão com *status* migratório irregular, quanto dos que

acabam de chegar[34]. Atreladas a essas, devem estar políticas que promovam a integração dos imigrantes ao novo local[35]. Para tanto, as sugestões são: aulas de idiomas, cursos de capacitação[36] e acesso a serviços sociais e culturais[37]. Os documentos do BIRD destacam que com tais políticas, os imigrantes podem melhor se adaptarem, e ainda, pode-se alcançar trabalhadores mais qualificados e capacitados, o que pode trazer um aumento expressivo na produtividade do país.

A qualificação dos trabalhadores é um elemento chave, também, nas recomendações para se pensar políticas migratórias. Seja investindo mais na educação das crianças migrantes[38] (que segundo os documentos, exigem mais do sistema de ensino), seja estabelecendo acordos com universidades para facilitar a circulação de mão de obra qualificada[39]. Dessa circulação, inclusive, há muito proveito a partir da diversidade que ela proporciona[40]. Essa seria fonte de inovações e investimentos que aumentariam a produtividade e os lucros (mais uma vez).

Vemos que a produtividade é um conceito central e fim máximo das recomendações. Assim, não é de estranhar a veemente recomendação para que o mercado seja ouvido na formulação das políticas[41]. Tal fato, condiz com o pensamento neoliberal que prioriza e protege o mercado[42].

Observando o histórico neoliberal, vemos que as políticas que seguem tais diretrizes acabam por acarretar em sacrifícios para a classe trabalhadora e enormes ganhos para as elites. Isso porque redundam em privatizações e outras formas de gerência do trabalho que tem por objetivo, única e exclusivamente, a obtenção (e/ou) ampliação de lucros.

No relatório *Moving for prosperity: global migration and labor markets*, de 2018, é indicado a implementação de "regimes fiscais para regular os fluxos migratórios", e essa implementação pode ser feita através de "imposto adicional sobre o rendimento, de uma taxa

---

[34] Recomendações nº 3 e 4, apêndice C, p. 143.
[35] Recomendações nº 5 e 6, apêndice C, p. 144.
[36]Recomendação nº 7, apêndice C, p. 144.
[37]Recomendação nº 8, apêndice C, p.144.
[38] Recomendação nº 9, apêndice C, p. 144.
[39] Recomendação nº 10, apêndice C, p.144.
[40] Recomendação nº 11, apêndice C, p. 144.
[41] Recomendação nº 12, apêndice C, p. 145.
[42] No ano corrente, temos mais um exemplo explícito (mais um de muitas coisas que temos observado em nossas análises) de como o mercado se aproveita de aspectos que têm relação, de alguma forma, com o fenômeno migratório. De acordo com matéria de 'O Globo', sob a gestão Trump, e sua política de deportações em massa, empresas têm lucrado com essas expatriações: os espaços em que os imigrantes ficam detidos pertencem a empresas privadas, que cobram altos custos para manutenção dessas pessoas. O número de contratos dessas com o governo estadunidense tem crescido, e com a contínua promessa de Trump de 'caça aos imigrantes', devem manter 'prósperos' estes negócios. Matéria completa disponível em: https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2025/05/28/deportacoes-viram-negocio-lucrativo-sob-trump-e-movimentam-bilhoes-nos-eua-diz-jornal.ghtml.

de visto ou mesmo de um sistema de leilão de vistos" (p. 20-21)[43]. Em 2025, sob o governo de Donald Trump, vimos o surgimento dos '*Gold Cards*' (cartões dourados, tradução literal). Trata-se de vistos que darão direito à cidadania estadunidense e que serão vendidos por US$5 milhões, sob o pretexto de atrair mão de obra qualificada (ICL, 2025). Essa é uma medida que cerceia a possibilidade da classe trabalhadora de buscar novas condições de vida em outros espaços, uma vez que se mostra possível apenas para pessoas, bastante, enriquecidas. E mais uma vez, uma medida indicada pelo Banco Mundial, que anos após vemos sua aplicação. O discurso usado é aquele que demonstra preocupação com os imigrantes de forma a promover sua regularização, que por esse caminho têm melhores acessos (como se a situação de irregularidade fosse uma escolha; os absurdos surpreendem da pior forma).

A migração regulada encontra amparo nas justificativas de fazer valer os direitos dos imigrantes, garantir-lhes cidadania, integrá-los à sociedade como sujeitos com direitos e deveres. Assegurar direitos, informar deveres[44], faz parte de uma retórica "civilizatória", mas que no fim fica mesmo para demonstrar eloquência. No dia a dia, migrantes têm seus direitos violados seja nos trajetos, seja nos países de destino. A própria noção de cidadania, desde os tempos antigos, tem sido um elemento de discriminação e regulação de poder político e econômico, definindo quem pertende ou não a um Estado e territótio; quem tem acesso ou não aos direitos assegurados pelos pactos constitucionais dos países.

Ainda, sob o argumento de fazer valer o direito dos migrantes, destaca-se o papel das inspeções laborais como forma de proteção aos migrantes[45]. A convenção 81, da OIT, que trata da inspeção do Trabalho na Indústria e no Comércio, destaca que o objetivo das inspeções é "assegurar a aplicação das disposições legais relativas às condições de trabalho e à proteção dos trabalhadores no exercício da profissão" (ILO, 1947). A inspeção do trabalho teria, então, como foco a proteção dos direitos dos trabalhadores e o estabelecimento de um ambiente de trabalho seguro. Se pensarmos em imigrantes, se torna uma situação bem complexa. Não é difícil encontrarmos situações em que imigrantes estão trabalhando em condições abomináveis. Então, a que (quem) as inspeções servem?

Cardoso e Lage (2005), destacam que um elemento central que permeia as inspeções do trabalho é a efetividade da lei. Isso significa que elas verificam a "vigência real no cotidiano das relações de trabalho" (Cardoso; Lage, 2005, p. 452), com o intuito de reduzir a ilegalidade, conduzindo trabalhadores ao trabalho regulado. Contudo, o cumprimento da lei

[43] Recomendação nº 13, apêndice C, p. 145.
[44] Recomendação nº 14, apêndice C, p. 145.
[45] Recomendação nº 15, apêndice C, p. 145.

passa pelo crivo dos empregadores que o fazem a partir de uma avaliação de custo-benefício: muitas vezes, a sanção imposta pela violação do legislado (por exemplo, a manutenção de um funcionário imigrante sem contrato de trabalho e/ou com *status* migratório irregular) não representa um grande 'prejuízo', valendo o risco de se manter um trabalhador em condições instáveis. Com imigrantes, percebemos que para os empregadores a manutenção de trabalhadores em condições irregulares 'compensa', pois pagam um baixo salário, a trabalhadores que trabalham por muito tempo, em jornadas extensas. Os números de empregabilidade do setor informal confirmam essa tendência. Inclusive, é relevante na e para dinâmica capitalista a existência de um vasto número de trabalhadores informais e flexíveis (como os imigrantes, principalmente no setor de serviços, conforme já ilustrado).

A proposta do Banco Mundial, mais uma vez, traz a roupagem de um conto da carochinha. Propõem a intensificação da inspeção a fim de assegurar a regulação do trabalho decente[46], mas suas práticas, a valer, carregam uma pragmática que fomenta cada vez mais as incertezas da classe trabalhadora. A formalidade da regulação do trabalho, é contradita pela exorbitante flexibilidade das práticas atuais (Cardoso, Lage, 2005).

As inspeções do trabalho têm a função de fiscalizar, mas também de orientar empregadores e trabalhadores. A barreira linguística sempre é citada quando se envolve o tema migração, na área que for. Para imigrantes a compreensão de informações pode ser um momento confuso. E, se identificam alguma transgressão ou abuso em seus ambientes de trabalho, como denunciar? Seja a dificuldade com o idioma, seja o temor de comparecer frente a uma autoridade com um *status* migratório irregular, e correr o risco da deportação, imigrantes se vêem em uma sinuca de bico. As inspeções não lhes parece algo viável.

Tudo isso acaba por adequar a classe trabalhadora migrante às prerrogativas do capital, mantendo-a em perpétua dependência. A migração é vista em termos de vantagens e desvantagens[47], via de regra, econômicas e em especial para os países centrais do capital, não como uma possibilidade de trocas e convivência. Mas nem o poderiam. Levando em consideração que os movimentos migratórios no capitalismo não são movimentos genuínos, ou seja, as pessoas não migram por livre e espontânea vontade, e sim são coagidas por forças abstratas e concretas da estrutura desse sistema, como esperar que tais movimentos atendam a um propósito social que não o aumento da extração da mais-valia?

---

[46] Pelo que temos observado nos documentos do Banco Mundial, a referência de trabalho decente corresponde a definição da OIT, segundo a qual o trabalho decente é o "trabalho produtivo e de qualidade, em condições de liberdade, equidade, segurança e dignidade humanas, sendo considerado condição fundamental para a superação da pobreza, a redução das desigualdades sociais, a garantia da governabilidade democrática e o desenvolvimento sustentável" (OIT, s.d).

[47] Recomendação nº 16, apêndice C, p. 146.

Com essas recomendações que favorecem o desenvolvimento do capitalismo e conformam a classe trabalhadora as necessidades do capital, o Banco Mundial também muito se beneficia. A realização das recomendações passa por investimentos e consultorias, duas áreas nas quais o BIRD se coloca como promissor. O investimento ocorre por meio de empréstimos aos Estados, que seriam fornecidos pelo Banco Mundial, que além do retorno financeiro, mantêm a dependência dos Estados-clientes. Ou seja, indicam como e onde investir, ao mesmo tempo em que se colocam como intermediário desses investimentos. Para tanto, evidenciam que: "os quadros institucionais devem ter como objetivo capitalizar o potencial de desenvolvimento existente da migração (Bergmann; Martin, 2018, n.p)".

Ainda sobre aspectos mais diretamente financeiros, há relevância de políticas que favoreçam o envio de remessas[48], assim como da educação financeira - a ser fornecida pelo Banco Mundial, por meio de consultorias.

Quanto a essa consultoria o Banco se põe como *expert* em demandas socioeconômicas, tais como o combate à pobreza, como já colocado. Consultoria essa estimulada com a adesão do setor privado[49]. O setor privado é apresentado como eficiente e capaz, endossando o coro neoliberal que defende a primazia da iniciativa privada em detrimento da ação estatal. A ideia da gestão empresarial segue marcando o passo.

Mas esse envolvimento do setor privado, visa também fortalecer empresários e a economia locais[50]. E, ainda nesse contexto, demonstra a importância de pensar as políticas migratórias, sem se esquecer dos trabalhadores locais, da economia local[51]. A argumentação sempre envolve o bem-estar dos imigrantes e sua introdução no circuito regular de trabalho. Contudo, as próprias empresas dos países receptores de imigração são as que mais se beneficiam da força de trabalho imigrante, regularizada ou não. Assim como, trabalhadores nativos, mesmo que passem por alguma mudança em seus postos de trabalho, tem larga vantagem sobre imigrantes. O Banco Mundial segue com a retórica que os processos migratórios trazem benefícios mútuos e análogos a todos os envolvidos. Mas tudo o que é proposto beneficia, quase que exclusivamente, os países de destino: imigrantes continuam com trabalhos ruins e em seus países de origem permanecem as condições que os levaram a migrar.

As recomendações políticas do Banco Mundial seguem a cartilha neoliberal e o mesmo se coloca disposto a facilitar a realização das mesmas, seja através dos empréstimos ou fornecendo consultorias, conforme pontuado. Assim, o BIRD se (auto)enquadra como ponto

---

[48] Recomendação nº 17, apêndice C, p. 146.
[49] Recomendação nº 18, apêndice C, p. 146.
[50] Recomendação nº 19, apêndice C, p. 146.
[51] Recomendação nº 20, apêndice C, p. 147.

de ajuda e suporte para e nos processos migratórios. Se coloca como uma possível fonte de conhecimento para fornecer 'apoio' aos Estados, que precisarem. Para tanto, defende que tem realizado estudos e têm material que podem fundamentar decisões políticas, ressaltando a importância dos mesmos. Aliás, quando propõem que os Estados invistam mais em pesquisas e estudos sobre migração e sobre a população migrante[52], as justificativas são para que com isso se entenda melhor o fenômeno, e que se formulem políticas que sejam mais eficazes e eficientes.

Para que seja alcançada uma gestão eficiente dos processos migratórios, e quando falam em eficiente significa contribuir com a economia e alavancagem das economias centrais do capital, é ressaltado a importância do planejamento e como esse deveria envolver imigrantes[53]. Com efeito, ouvir e dar voz a imigrantes é fundamental e permite que se conheçam de fato duas demandas. Mas, bem sabemos, que dada a discrepância de forças e as hierarquizações no sistema capitalista, imigrantes se vêem em um beco sem saída, que não seja conformarem-se com o pouco que lhes é oferecido.

No relatório *Migrants, refugees, and societies* (Migrantes, refugiados e sociedades, tradução nossa) (WBG, 2023), aparecem, de forma sintetizada, muitas das propostas políticas sugeridas sobre as migrações que temos observado. Em um quadro[54], são indicadas o que cada participante envolvido nos processos migratórios deve fazer, cada um com sua tarefa. Percebemos que, de modo geral, como temos exposto, o objetivo é gerenciar e ordenar tais processos de forma a melhor adequá-los ao funcionamento capitalista. Nesse cenário, o Banco Mundial se coloca como um maestro que rege uma orquestra em perfeita sintonia, conduzindo cada componente. Contudo, essa perfeita sintonia não é observada no cotidiano das relações sociais capitalistas, tampouco nos processos migratórios. Assim, percebemos que o funcionamento das instituições da sociedade capitalista, como o Banco Mundial, promovem as condições necessárias à produção e reprodução da acumulação, das elevadas taxas de lucro. Tudo isso visa garantir uma estrutura política e jurídica que respalde as demandas do capital, enquanto encobre as explorações. O caráter contraditório das políticas sociais no capitalismo reforçam e sustentam esse sistema. Assim, ao mesmo tempo que as políticas favorecem o capitalismo, se mostram também indispensáveis para a sobrevivência da classe trabalhadora - esteja ela em deslocamento ou não.

---

[52] Recomendação nº 21, apêndice C, p. 147.
[53] Recomendações nº 22, 23 e 24, apêndice C, p. 147-148.
[54] Apresentado no anexo 1, p. 161.

Inspirar políticas migratórias que tem como finalidade atender as demandas do mercado revela uma performance que corresponde ao olhar que o Banco tem sobre quem migra: uma força de trabalho que se move. Trata-se de uma ótica que foca no indivíduo e suas habilidades (ou ausência delas), visando apenas o que se pode extrair (ou antes usurpar, pois o capitalismo toma a vida das pessoas) para obter lucros, enquanto fomenta a competição dentro da classe trabalhadora, a fragmentando cada vez mais, e tonifica a alienação. Assim, o BIRD também se esmera em abordar questões relacionadas aos migrantes, e em suas orientações também se dirige a essas pessoas mostrando sua "preocupação" com as mesmas, frisando o caráter individual dos processos migratórios.

5. Imigrantes: úteis, mas não benquistos

A complexidade e a intensidade das migrações apontam uma tendência que vai se manter e, provavelmente, se amplificar, dado que a globalização e os imperativos neoliberais têm ampliado as expropriações sobre a classe trabalhadora, forçando-a a ir em busca de meios para se sustentar. No capitalismo, a fim de tirar o máximo de proveito desse fenômeno, toda a estrutura desse modo de produção se move no sentido de promover e absorver os deslocamentos populacionais, de acordo com as necessidades do capital. O Banco Mundial, parte dessa estrutura, ao abordar questões referentes aos fluxos migratórios sob uma perspectiva econômica, resumindo-os a busca por renda, assim como ao propor políticas que tem como escopo atender as demandas do mercado de trabalho, revela, na nossa compreensão, seu entendimento não só sobre o fenômeno em sim, mas também sobre as pessoas que migram, que seriam uma força de trabalho que se desloca espacialmente.

Constatamos tal fato, a partir do que temos observado nos documentos que analisamos da instituição, a respeito de sua percepção sobre os fenômenos migratórios e de suas proposições políticas para a área das migrações. Tem sobressaído que o abastecimento e o fomento do mercado de trabalho tem sido o objetivo mor. Então, percebemos que as causas, as motivações, os objetivos e as orientações sobre o fenômeno que o Banco apresenta, têm como objeto (e objetivo) o atendimento das premissas do capital, contribuindo com a manutenção da dependência da classe trabalhadora.

Como já referido, o BIRD cumpre, também, um papel intelectual na dinâmica capitalista e reforça, nesse plano, o funcionamento próprio da lógica da acumulação capitalista em tempos de dominância do capital portador de juros, especulativo e parasitário. Robustecer, e manter, a alienação da classe trabalhadora é tarefa basilar no capitalismo e as operações do Banco expressam essa lógica.

Suas orientações carregam um discurso que demonstra preocupação com o bem-estar da classe trabalhadora, no caso aqui representada pelos trabalhadores que migram, mas no fundo apenas tem a intenção de substanciar a exploração das elites capitalistas sobre as massas trabalhadoras, e favorecer o controle sobre essas, recomendando ações políticas (como vimos no capítulo anterior) que permitem maior - e melhor - manejo sobre as movimentações de trabalhadores.

Vemos aí a relação entre discurso e prática social, entendendo o discurso como um "modo de ação historicamente situado" (Resende; Ramalho, 2006, p. 25). O que o BIRD traz em suas orientações, tem por objetivo manter girando a máquina capitalista, da qual é parte da engrenagem. A adesão e a promoção do discurso de combate à pobreza pelo Banco Mundial,

como já referido no segundo capítulo, correspondeu a uma necessidade de expansão das atividades da instituição para acompanhar o compasso do capitalismo em dada conjuntura. A partir daquele momento, na década de 1970, atuar apenas como um agente econômico não mais seria suficiente. Assim, o Banco Mundial expandiu suas atividades para corresponder à acumulação capitalista.

Resende e Ramalho (2006), destacam que o discurso é um "elemento da vida social interconectado dialeticamente a outros elementos" (p. 26). Ele não é/está isolado. Carrega, transmite e constroi valores, ideias, formas de pensar e agir; é um "modo de ação historicamente situado que tanto é constituído socialmente como também é constitutivo de identidades sociais, relações sociais e sistemas de conhecimento e crença" (Resende; Ramalho, 2006, p. 26).

Nas orientações do BIRD podemos perceber a naturalização das atividades capitalistas, assim como dos seus desdobramentos. Dessa forma, a naturalização da pobreza e das desigualdades sociais aparecem como elementos inerentes à vida em sociedade. Resta aos indivíduos compreenderem essa situação e fazerem o que podem para tentar escapar de tais atribulações. Reforça-se a ideia de que a ação de cada um contribui com o bem geral. Há a propagação de discursos particulares como sendo universais, sempre desvinculando o funcionamento capitalista da criação de tais infortúnios. Segundo Mauriel (2009, p. 55):

> No contexto contemporâneo (...) recomendações dos organismos multilaterais e agências internacionais (...) instituem uma regulação que remete ao controle de indivíduos (hábitos, comportamentos, ganhos de renda, etc.), com a cidadania sendo percebida como dotação de determinados *status* individuais (consumidor, civil, etc.), e a justiça social definida pela ideia de aumento de liberdades e promoção de capacidades (...) reifica a globalização financeira (...) A pobreza, então, aparece como inevitável e parte integrante dos processos sociais de modo que combatê-la (ou administrá-la) implica a manutenção de expansão capitalista em curso sob hegemonia norte-americana.

Para escapar da pobreza, o trabalho se mostra essencial, e em tempos liberais de flexibilizações trabalhistas, o incentivo se direciona ao empreendedorismo. Com o neoliberalismo o apelo ao empreendedorismo se destaca e estimula a classe trabalhadora a buscar sua qualificação[55] e/ou capacitação e a trabalharem por conta própria, o famoso 'ser patrão de si mesmo'; e assim alcançar (supostamente) o bem-geral. Nos documentos do Banco Mundial que analisamos, observamos o aceno ao empreendedorismo e a busca pela capacitação como aspectos fundamentais dos processos migratórios, associando tais elementos ao êxito no mundo capitalista, ao enriquecimento do capital humano, conceito que

[55] Quando falamos em qualificação nos referimos a indivíduos com ensino superior/ ensino terciário.

em breve nos deteremos. Percebemos, ainda, como reforçam uma perspectiva individual ao destacar a capacidade de adaptabilidade dos migrantes, ignorando que essa 'adaptabilidade' na verdade mais significa sacrifício, visto que a condição da classe trabalhadora não deixa muitas alternativas que não se encaixar, se adaptar, onde e como puder.

No intuito de se evidenciar o caráter individual dos processos migratórios, a partir da perspectiva do capital, o triunfo em um processo migratório é alcançado com uma alta porcentagem de características peculiares de alguns migrantes, quase que heroicas, ao embarcarem em suas jornadas rumos a outros locais. O êxito é alcançado por quem empreende, quem tem arrojo, quem resiste, quem é resiliente. Nesse sentido, vemos, com certa frequência, nos documentos do BIRD, quase que, uma ode a resiliência - termo da moda do mundo neoliberal. A seguir destacamos alguns segmentos que trazem tal chamado.

QUADRO 6: Extratos - Relação migrações/ resiliência, nos documentos do Banco Mundial

EXTRATO	FONTE
"Reforçar a colaboração entre os atores humanitários e de desenvolvimento para abordar a resiliência e as capacidades de resposta a longo prazo".	*Policy Brief* 11: *The global compacts and environmental drivers of migration,* jul. 2018.
"Os quadros institucionais nacionais e internacionais precisam incorporar a mobilidade de forma mais abrangente nas respostas de adaptação para lidar com a vulnerabilidade e promover a resiliência".	*Policy Brief* 10: *Institutional frameworks and environmental mobility*, jan. 2018.
"Os níveis pré-existentes de vulnerabilidade e resiliência nas famílias e comunidades são fatores importantes para explicar os determinantes e os resultados da mobilidade humana no contexto das alterações ambientais".	*Policy Brief 6: Environmental change and human mobility: reducing vulnerability and increasing resilience*, fev. 2017.
"Uma estratégia de gestão de riscos domésticos e comunitários que desenvolve a resiliência, proporcionando fontes de rendimento diversificadas".	*Policy Brief 6: Environmental change and human mobility: reducing vulnerability and increasing resilience*, fev. 2017.

Fonte: *Policies Briefs* selecionados do Banco Mundial. Elaboração própria, ago. 2025.

Vemos nos segmentos apontados a atribuição de um caráter positivo das migrações em estimular o desenvolvimento da resiliência nos indivíduos, no sentido de colaborar com uma prática social assentada na, alegada, independência e na liberdade dos sujeitos, conforme a retórica neoliberal. A intenção é incitar e enaltecer um espírito bravio e audacioso de pessoas 'dispostas' a buscarem melhorias para suas vidas, não importa o que isso custe. Assim, prevalece a crença que é por livre vontade que uma migração ocorre, sem outros determinantes. Enquanto isso, pensamento e práticas capitalistas seguem seu rumo, ilesos. Segundo Santos (2018, p, 74), sob a perspectiva da Escola de Chicago, "[... a migração é explicada como a liberdade do trabalhador em busca do direito por melhores condições de

vida", única e tão somente. O foco é a formação de sujeitos fortes e adaptáveis; mas com sujeitos fortes e adaptáveis querem dizer sujeitos que se adequam a qualquer forma de empregabilidade, inclusive, as instáveis do 'novo mundo do trabalho'.

A importância dessa construção discursiva é evitar a desarticulação do senso comum formado, destacando assim o discurso como um regulador das relações sociais (Resende; Ramalho, 2006), "explicando e justificando assimetrias no sistema internacional" (Mauriel, 2009, p. 44). A imagem resguardada é a de que não são as contradições inerentes do capitalismo que produzem as desigualdades que impelem as migrações, mas sim, que são as pessoas as responsáveis pela sua condição de pobreza, e talvez, da sua fortuna. Ademais, mantém-se a dissimulação sobre a liberdade no capitalismo, de que os indivíduos estão sendo donos de seus destinos. Para Sayad (1998, p. 240), sendo uma:

> força de trabalho importada, o imigrante só pode ser utilizado com a condição (...) de que se crie e se mantenha a ilusão de que não está sendo usado apenas para o proveito (exclusivo) daquele ou daqueles que o utilizam (o patrão, a economia, a sociedade ou o país de imigração), e sim que 'está se usando' (no sentido de servir e de ser útil) a si mesmo e para si mesmo ao estar sendo utilizado: com efeito, ele não estava, antes, 'desempregado' em sua terra, antes de emigrar da sua casa, antes de encontrar na imigração o trabalho no qual está sendo utilizado, é verdade, no qual ele pede ou se oferece para ser utilizado, mas que lhe permite igualmente 'usar-se'.

Ao tratar das migrações, o Banco Mundial traz um discurso com apelo humanitário, que se compadece dos infortúnios das pessoas que migram. Contudo, o que é sugerido para a gestão das migrações visa incentivar a integração dos imigrantes nas sociedades em que chegam, através de meios que asseguram as prerrogativas do mercado, 'encaixando' os imigrantes em um sistema pré-estabelecido, e mantendo sua condição de dependência dos detentores dos meios de produção. Nessa lógica, os migrantes apenas estão em circulação para prover os mercados de trabalho, logo, para colaborar com a acumulação de riquezas no capitalismo. A integração através do mercado de trabalho é a forma mais viável - na verdade, a ideal - na perspectiva do BIRD. Nos fragmentos a seguir reparamos como a integração tem como fim fomentar a economia, atestando como as migrações estão inseridas na estrutura do capitalismo.

QUADRO 7: Extratos - Relação fomento da economia/ integração, nos documentos do Banco Mundial

EXTRATO	FONTE
"A regularização dos migrantes que residem há algum tempo num país, contribuindo assim para a economia e fazendo parte do tecido social, deve ser um elemento-chave da integração".	*Policy Brief* 14*: The empowerment of migrant workers in a precarious situation* - mai. 2021

"A integração econômica e social dos migrantes nas comunidades de acolhimento permite-lhes quebrar estereótipos, demonstrando aos seus vizinhos e colegas de trabalho o quanto contribuem social e economicamente para a sociedade de acolhimento"	*Policy Brief* 14*: The empowerment of migrant workers in a precarious situation* - mai. 2021
"A concorrência global por talentos convida-nos a concentrar-nos no trabalho, tanto como medida pessoal de integração bem-sucedida como vetor de desenvolvimento".	*Policy Brief 7: Integration in host societies and development: adapting policy approaches to the new mobility* - mai. 2017
"A política de integração precisa refletir essa nova realidade competitiva."	*Policy Brief 7: Integration in host societies and development: adapting policy approaches to the new mobility* - mai. 2017
"Aqui, consideraremos principalmente os aspectos econômicos da integração, incluindo o emprego ou a propriedade de empresas e os conhecimentos, competências e valores adquiridos através dessas atividades".	*Policy Brief 2: Host society integration* - abri. 2016
"Uma integração econômica bem-sucedida requer uma adequação entre as preferências linguísticas e educacionais do empregador e as características do capital humano do migrante.".	*Policy Brief 2: Host society integration* - abri. 2016

Fonte: *Policies Briefs* selecionados do Banco Mundial. Elaboração própria, ago. 2025.

Esses fragmentos indicam que abastecer o mercado é importante para suprir demandas do mundo globalizado (notadamente aquelas que permitem ampliar os lucros), ao mesmo tempo em que reforçam como justificativa para as migrações razões econômicas individuais (buscar trabalho, aumentar renda, melhorar condições materiais de vida). A questão é tratada como algo do âmbito do indivíduo, e não a forma como o sistema capitalista cria, fomenta, gere, opera e manipula as relações sociais que estão no cerne dessa mobilidade. Atribui-se aos indivíduos um feitio econômico, sendo esse o único objetivo das migrações. Essa formatação coincide com a racionalidade vinda com o advento do modo de produção que traz a burguesia à sua frente. Os indivíduos foram transformados em força de trabalho a ser explorada e passou-se a imperar a "razão do lucro" (Basso, 2013, p. 95). O trabalho, que favorece a produção capitalista, tem sido o propósito da atividade humana. Assim como, sua ausência, a falta do trabalho, significa uma vida de carestia, uma vida à margem, uma não-vida:

> [...] é a centralidade do trabalho produtivo e seu envolvimento com aquele que trabalha que permitem o nascimento do homem moderno como *homo oeconomicus*, ou seja, o homem do trabalho e da produção (...) marcado pelo sofrimento do trabalho e pela escassez das coisas. Dessa forma, ele precisa sempre produzir mais, em sua luta contra essa escassez, na tentativa de superação de sua condição finita (Candiotto, 2021, p. 93).

A agenda do Banco Mundial é direcionada à contribuição da formatação da força de trabalho, atendendo aos pré-requisitos neoliberais: uma massa trabalhadora ancorada na individualidade, na flexibilidade e na ilusão de sua liberdade para desenhar seu destino através de ações empreendedoras.

5.1 O capital humano

A partir da centralidade do trabalho no modo de produção capitalista, observamos que o enfoque do BIRD sobre imigrantes os supõe como força de trabalho, enquanto categoria, isto é, uma mercadoria pronta para ser explorada. A força de trabalho em tempos de aprimoramento e elitização de vocabulário - prática recorrente neoliberal - também é denominada 'capital humano', expressão cujo emprego é constante nos documentos do Banco Mundial. Capital humano, é definido como: "conhecimento, competências e saúde que as pessoas acumulam ao longo da vida." (WBG, 2021, p. 1, tradução nossa); e esse seria capaz de contribuir com a redução da pobreza.

> A saúde e a educação das pessoas têm um valor intrínseco inegável, e o capital humano também permite que as pessoas realizem o seu potencial como membros produtivos da sociedade. Mais capital humano está associado a maiores rendimentos para as pessoas, maior rendimento para os países e maior coesão nas sociedades. É um motor central do crescimento sustentável e da redução da pobreza (WBG, 2021, p. 1, tradução nossa).

Essas concepções são a base do *The Human Capital Project* (Projeto Capital Humano, tradução literal), do Banco Mundial. Esse projeto é concebido como um "esforço global para acelerar mais e melhores investimentos nas pessoas para uma maior equidade e crescimento econômico" (WBG, s/d, n.p). Tais propósitos convergem com as ideias do Banco sobre as migrações, enquanto potenciais fomentadores e estimuladores do desenvolvimento tanto dos indivíduos, quanto dos países envolvidos nos processos migratórios. No quadro a seguir vemos como o 'capital humano' se relaciona com as migrações, a partir da concepção do Banco Mundial.

QUADRO 8: Extratos - Relação capital humano/ migrações, nos documentos do Banco Mundial

EXTRATO	FONTE
"No entanto, o potencial de emigrar, que nem sempre será concretizado, pode aumentar a procura por ensino superior, aumentando assim o capital humano e resultando em um 'ganho de cérebros'".	Relatório *Leveraging economic migration for development: A briefing for the World Bank Board*, 2019 (p. 20)
"O sucesso final e as contribuições gerais dos imigrantes, tanto pouco qualificados como altamente qualificados, dependem do grau em que eles e os seus	Relatório *Moving for prosperity: global migration and labor markets*, 2018 (p. 22)

empregadores investem nessas competências específicas do local e no capital humano.”	
“Com o tempo, porém, os ganhos dos migrantes aumentam à medida que adquirem capital humano dentro e fora do trabalho, e a correspondência entre as suas competências e atributos e as necessidades da economia do destino se fortalece”.	*World Development Report* 2023: *Migrants, refugees, and societies* (p. 99)
“O nosso interesse, então, está nos fatores que facilitam o emprego dos migrantes em instituições da sociedade de acolhimento que valorizam o seu capital humano, de modo a incorporar a forma como organizações competentes são geridas e organizadas de acordo com o Estado de direito e com mecanismos eficazes de responsabilização. É este tipo de capital humano que, aplicado nas instituições do país de origem, pode ajudar a aumentar as suas perspectivas de desenvolvimento”.	*Policy Brief 2: Host society integration,* abr. 2016
“A integração econômica bem-sucedida requer uma adequação entre as preferências de idioma e educação do empregador e as características do capital humano do migrante”.	*Policy Brief 2: Host society integration,* abr. 2016
“Apoio geral à mobilidade para cargos temporários qualificados no estrangeiro, como parte de uma filosofia de manter o capital humano elevado e obter um ganho real de cérebros através da circulação internacional”.	*Policy Brief 3: Country of origin support for immigrant integration,* abr. 2016

Fonte: *Policies Briefs* e relatórios selecionados do Banco Mundial. Elaboração própria, ago. 2025.

Percebemos pelos extratos que a formação e o aperfeiçoamento do capital humano seria uma das grandes vantagens dos processos migratórios. Não discordamos que a mobilidade humana favorece e possibilita trocas, interações e aproximações que enriquecem a vida humana através do contato de diferentes hábitos, diferentes conhecimentos, diferente culturas (que se retroalimentam continuamente, uma vez que a cultura não é estática). O que para nós é contestável, é a forma como a mobilidade ocorre no capitalismo, onde a prioridade é a ampliação da acumulação e as estratégias utilizadas para promover essa ideia são repletas de perversidade. Há uma lógica que atravessa todas as dimensões da vida na sociedade capitalista, a lógica do lucro, que confere esse caráter perverso. Tudo isso é endossado pelo Banco Mundial através de suas orientações sobre o fenômeno, apesar do léxico amistoso.

Assim, ao destacar a importância do ‘capital humano’ vemos, explicitamente, a ação do Banco Mundial na maquinaria capitalista e sua harmonia com o pensamento neoliberal, demonstrando que a medida que os processos de produção, reprodução e acumulação do capital mudam, toda sua estrutura o acompanha e também passa por alterações (como já referimos, que o Banco Mundial na década de 1970 passou a ampliar suas áreas de atuação).

As mudanças no capitalismo, via de regra, começam após período de crise. Dessa forma, Rodrik (1998), destaca que a cada crise tem-se uma nova geração de modelos econômicos, e o que vem de 'novo' é apenas o velho capitalismo buscando se recuperar e se manter, com novos nomes.

A ideia de capital humano corresponde, segundo Candiotto (2021), à economização da vida, que nos últimos decênios tem demandado um sujeito determinado. Essa lógica, inserida na dinâmica neoliberal, reforça a responsabilização sobre o indivíduo, por seu sucesso ou por seu fracasso. Ela produz e inculca no trabalhador a imagem dele como um produtor de capital, como uma empresa, sendo preciso estar constantemente investindo em si, a fim de "capitalizar-se permanentemente" (Candiotto, 2021, p. 96). Que compatibiliza com o que é expresso nos documentos do Banco Mundial ao relacionar as migrações com o capital humano, com a necessidade de se qualificar, capacitar, empreender. Essa performance coage a classe trabalhadora e estabelece

> uma normalização assujeitadora (...) da governamentalidade neoliberal: a exigência da constante mobilidade dos indivíduos e populações em direção da melhoria contínua, do aprimoramento e adaptação de suas faculdades cognitivas, físicas e emocionais (Candiotto, 2021, p. 98).

A partir da ideia de capital humano vemos uma triagem entre trabalhadores migrantes, ressaltando os que têm mais qualificações e habilidades, e diferenciando os desejados dos indesejados. No caso das migrações, Candiotto (2021), coloca de forma explícita como são entendidas: migração boa e migração ruim. Na prática cotidiana, temos visto que a migração boa é aquela de indivíduos qualificados, branca e que têm capital humano; já a má é a que traz migrantes das periferias do capitalismo, com pouca ou nenhuma habilitação educacional.

> A lógica neoliberal do capital humano é biopolítica, porque aprecia os indivíduos que assumem riscos elevados, em seu autoinvestimento, ao mesmo tempo que abandona ao seu próprio destino aqueles que arriscam tudo, inclusive as próprias vidas, em busca de sobrevivência (...) é valorizado o risco, mas não qualquer risco; incentivada a mobilidade, mas não toda mobilidade (Candiotto, 2021, p. 98).

Nisso percebemos a regulação e controle sobre as migrações. Mas essa regulação se dá de forma diferente, e com mais vigor, sobre a 'má migração' (Candiotto, 2021). A regulamentação da sociedade do Estado de direito, cria um aparato jurídico que categoriza os migrantes, apartando-os do tecido social e contribuindo para sua marginalização e, consequente, aprofundamento da exploração da sua força de trabalho. A categorização se soma à ideia de capital humano e estabelece uma diferenciação entre os migrantes desejados e os não desejados.

Essa categorização tende a legitimar a marginalização e, ainda, despolitiza a questão, reduzindo-a a um aspecto técnico, ligado a 'terminologia' a ser utilizada. Contudo, a partir do enquadramento do indivíduo, em uma ou outra categoria, ele terá um tratamento correspondente ao quadro em que foi colocado (Silva; Alves, 2017).

Ao observar a situação em que vivem, nos países do centro capitalista, os trabalhadores provenientes de nações de baixa e média renda, para além do que apresentamos na figura 2, identificamos um outro elemento que atua no processo de separação e seleção dos migrantes: o racismo. É possível perceber que, mesmo aqueles que possuem algum capital humano (nos padrões neoliberais) passam por dificuldades. Fica, então, evidente que por mais que as migrações sejam justificadas, pelo BIRD e pelo senso comum, a partir de parâmetros econômicos e/ou técnicos, outros elementos configuram o caráter seletivo das migrações no capitalismo. Sublinhamos, nessa lógica, o elemento étnico-racial.

5.2 O crivo étnico-racial

Apesar da seleção, ao capitalismo interessa toda a classe trabalhadora. Cada fração dessa tem uma função a cumprir nesse modo de produção e o tratamento dispensado a cada uma delas, passa não apenas pelo crivo da classe, mas também pelo crivo étnico-racial de forma concomitante. E os rebatimentos se dão de forma desigual. As condições de exploração da classe trabalhadora são mediadas por fatores de classe, raça/etnia e gênero[56] (Ferreira, 2024). Migrantes dos centros capitalistas são estimados; os das periferias do capital, mas com alguma qualificação e regularizados, têm alguns direitos; já os imigrantes indocumentados, de países de baixa e média renda, enfrentam inúmeras normativas e barreiras (objetivas e subjetivas) que se alteram com frequência, ampliando sua condição de insegurança em aspectos variados. Esse grupo, no fim, têm sua força de trabalho utilizada intensivamente em escala mundial na atual fase do regime de acumulação, e está "sujeito a todas as formas de exploração, piores horários, ritmos pesados, péssimas condições de trabalho e baixa remuneração" (Villen, 2018, p. 157).

Para esses, o tratamento legal tem um perfil de emergência (Villen, 2015). Seu 'acolhimento' urgente ocorre em condições críticas, fazendo com que sua condição emergencial se torne algo duradouro, devido a falta de estruturas que garantam uma integração que atenda as

[56] Nos documentos que analisamos do Banco Mundial, são apresentadas estatísticas a respeito da participação feminina nos movimentos obrigatórios, mas essa presença não é um tema aprofundado. Entretanto, compreendemos que as opressões se dão de forma diferenciada, e que o domínio sobre as mulheres, negras com ainda maior diferenciação, é uma "expressão ostensiva do domínio econômico" (Davis, 2016, p. 20), na sociedade capitalista patriarcal. Para essa pesquisa, optamos por não incluir no nosso objeto de pesquisa o debate de gênero nesse momento, mas mantendo o caminho aberto para futuras pesquisas.

necessidades dessa população (Ferreira, 2024). O que aparece como algo isolado, na verdade é permanente, visto que a razão de ser da mobilidade desses trabalhadores é a condição antagônica entre capital e trabalho, e a manutenção desses em posição miserável, uma propriedade essencial ao modo de reprodução capitalista (Silva; Alves, 2017). Assim, a condição se mantém e trabalhadores são coagidos a migrarem como podem (não como querem). Ademais, esse caráter 'emergencial permanente', possibilita a legitimação do estado de exceção a todo o tempo, garantindo maior controle e vigilância (e punição) sobre a classe trabalhadora. É conhecida a crença na eficiência do discurso punitivo (Silva; Alves, 2017). Assim, a distinção dos imigrantes, com base em critérios étnicos-raciais (apesar de justificado por um aparato técnico-jurídico, supostamente neutro), normaliza violações de direitos, e tem respaldo institucional social e legal, segundo Silva e Alves (2017).

Para além da triagem nas fronteiras, onde a seleção para entrada ou não em um território passa por critérios regulamentados, é no mercado de trabalho que o racismo se materializa (Villen, 2015). Aqui, observamos aqueles cuja exploração atinge com maior profundidade: os indocumentados. São objeto do racismo institucional, manifesto no mercado de trabalho, pois as condições de trabalho a que estão sujeitos e a invisibilidade por parte do Estado assumem proporções trágicas.

São em grande maioria provenientes de países periféricos do capitalismo e integram a classe trabalhadora em suas camadas mais rebaixadas. São os 'preferidos' para o favorecimento da reprodução e perpetuação do capitalismo, visto que, "prestam serviço às ambições de crescimento e desenvolvimento dos países" (Silva; Alves, 2017, p. 114), a baixo custo e de qualquer forma, sendo "protótipos do trabalhador flexível" (Basso *apud* Villen, 2018, p. 157: modelo buscado, a partir da década de 1970, com as alterações no mundo do trabalho.

Essa conjuntura faz parte do "movimento de rebaixamento determinado pelo racismo no mercado de trabalho"(Villen, 2015, p. 129), que oportuniza a exploração. Esse rebaixamento entra na esteira de mecanismos que justificam a diminuição de uns frente a outros, de forma a naturalizar seu subjugo, favorecendo a reprodução capitalista. A manutenção desses trabalhadores indocumentados, não regularizados e no mercado de trabalho informal cumpre o papel de reduzir o custo da força de trabalho (Silva; Alves, 2017). Segundo, Carcanholo e Sabadini (2011, p. 142-143), no trabalho informal estão "mecanismos que facilitam a superexploração dos trabalhadores assalariados ao favorecer a determinação do salário por baixo do valor da força de trabalho". Para os empresários capitalistas ganha-se por todos os lados, seja com a possibilidade de pagar menos que o necessário à subsistência dos

trabalhadores regularizados, seja extraindo toda a capacidade laboral daqueles em situação informal, alcançando, assim, o aumento do volume total de seus lucros.

Para o capitalismo é importante que sejam produzidos e reproduzidos discursos que povoem o imaginário social com ideias que mantenham ocultas suas reais intenções e táticas de operação. São instrumentos potentes que carregam relações socioculturais e de classes sociais bem definidos e que vão contribuir com a construção de imagens sobre os outros (Ramos, 2020). Segundo Ramos (2020, p. 77), "discursos e preconceitos racistas enraizados no imaginário social" têm como alvo as classes subalternizadas.

Essa criação do outro como um inimigo, favorece a continuação do sistema capitalista ao fomentar a concorrência entre os trabalhadores. No caso das migrações, o encontro entre trabalhadores poderia ter um impacto imenso em prol da classe, mas o mesmo não ocorre justamente porque a competição entre os trabalhadores estorva sua união. Segundo Villen (2015), o mercado de trabalho une trabalhadores diferentes, mas também os separa devido a sua estrutura racializada.

Percebemos nisso que migrantes se tornam um bode expiatório, sobre o qual se atribui culpas por toda e qualquer mazela que atinja a sociedade em que estão, e com isso evita-se que seja perscrutado o caminho que revela as causas profundas e reais dos problemas sociais (Silva; Alves, 2017). Sayad (1979, p. 34, tradução nossa), destaca que esse "desconhecimento da verdade assegura o bom funcionamento dos mecanismos de reprodução e perpetuação de todas as formas de dominação", que em conjunto garantem a existência do modo de produção capitalista.

A ideia do capital humano e a defesa de se buscar capacitação e formação que percebemos nos documentos do Banco Mundial pretendem se justificar em um âmbito neutro: a qualificação. Como se a alocação de imigrantes das periferias do capitalismo em empregos como menor remuneração fosse devido a sua falta de instrução, não por questões étnico-raciais. Todavia, mesmos imigrantes com qualificação, com o suposto capital humano, a depender de sua origem, tem sua entrada e/ou permanência balizada pela cor e pela raça. Segundo Ramos (2020, p. 81), são considerados "como *outsider*, visto assim, a partir do que foi analisado, e não como um profissional (...), com formação e qualificação. Dotado de um passado, com suas origens, costumes e práticas, mas visto como um inferiorizado, provisório e ameaçador". Não se trata de um professor, um eletricista ou um enfermeiro, a depender de sua origem ele é um imigrante que vai 'roubar o emprego', antes de ser um profissional, antes de um ser uma pessoa. Corroborando essa ideia, Basso (2013, p. 95, grifo do autor) ressalta

que: "[...] nada mais útil quanto a divisão organizada, a concorrência assídua e, mais ainda, o choque aberto de trabalhadores de diversas 'raças' e nacionalidades".

A promoção do "nós *versus* eles" é reforçado pelo racismo institucional que através de organizações, administrações e políticas dão azo a práticas discriminatórias, seletivas e repressivas. Podemos perceber a anuência com o racismo institucional, por parte do BIRD, quando observamos que a fomentação do mercado de trabalho é uma constante em seus documentos. Não se questiona a formatação do trabalho no modo de produção capitalista: as extensas horas, a ausência de proteção trabalhista, a fragilidade dos vínculos laborais. Muito menos nota-se que há uma padrão de ocupação étnico-racial nesses espaços. Defende-se a diversidade, a cooperação, sob a justificativa de se ampliar a produtividade. E isso, sempre sob padrões neoliberais que cooptam as lutas da classe trabalhadora sob novos e refinados nomes (se for um estrangeirismo melhor ainda). O espírito é "dar com uma mão, e retirar com a outra" (se é que se dá alguma coisa). A retórica apresentada pelo Banco Mundial é bastante descolada da realidade das migrações internacionais, que podemos acompanhar sem grandes esforços.

Vemos o estabelecimento de uma "hierarquia racial-nacional no mercado de trabalho" (Basso, 2013, p. 86). A força de trabalho dos imigrantes não se equipara a da população nativa, mesmo entre imigrantes qualificados. Entre esses, inclusive, muitas vezes acontece de empregarem sua força de trabalho em espaços que não correspondem às suas qualificações (Antunes, 2018).

Esse aspecto é essencial para se manter a usurpação do trabalho. No capitalismo, as migrações têm implicação com mercado de trabalho (Ramos, 2020). No fim das contas, apesar de toda distinção criada e estimulada, o modo de produção capitalista quer todos os migrantes, mas não de forma igual. O importante, para o capital, e seus aliados, é ter disponível uma massa de trabalhadores apta a ser recrutada, sempre que preciso.

> O sonho dos poderes europeus constituídos não é (...) a expulsão em massa dos imigrantes. Para as empresas e os Estados europeus, tal perspectiva seria um pesadelo, devido à crescente contribuição que as imigrantes e os imigrantes dão enquanto trabalhadores à produção agrícola e manufatureira, e aos serviços substitutivos do *welfare* prestados às pessoas, e devido à contribuição que os imigrantes dão enquanto reprodutores da via ao crescimento demográfico das nações europeias. O sonho dos poderes constituídos europeus é poder dispor de modo ilimitado, mutante com o mudar das conjunturas, de uma enorme quantidade de *gastarbeiter*, *guetworkers*, trabalhadores temporariamente hóspedes: uma força de trabalho *just in time*, vinculada, sem nenhuma liberdade de circulação, sem nenhum direito permanente, sem sindicato, sem família. (Basso, 2013, p. 95-96, grifos do autor).

O elemento racial sempre é usado com o intuito de rebaixamento, e é base da produção da clandestinidade.

5.3 Produção da clandestinidade

No documento *Policy Note* 15 (Crépeau; Vezmar, 2021), o debate se dá em torno de que termos devem ser utilizados para se referir aos imigrantes. Parte-se do óbvio (ao menos, no nosso entendimento) de afirmar que "ninguém é ilegal". A justificativa do documento é: a palavra ilegal contribui para criminalização de imigrantes. Ao fim, o documento conclui que deve-se optar pelos termos indocumentado ou irregular, antes, ainda, preferindo o uso da expressão em situação irregular, acenando para o fato de que não são os indivíduos e sim as situações que são inadequadas.

O cerne da questão, no nosso ver, é que 'esquece-se' (não à toa) de se apontar que são os Estados, que atendem às demandas capitalistas, que criam as situações irregulares ou privam de documentos os imigrantes ao estabelecerem uma legislação que condiciona e controla a mobilidade, pautada em interesses escusos da classe a qual está atrelado. Depende do Estado a permissão para entrada ou permanência em um território, pois é ele que cria os critérios que vão habilitar tais condições. Segundo Silva e Alves (2017, p. 117):

> [...] a culpa da situação de irregularidade em diversas circunstâncias não é do migrante, já que há poucas vantagens em se estar irregular (...) sua inserção no quadro da ilegalidade se deve muitas vezes à insuficiência do Estado receptor, que não permite que o indivíduo resolva sua situação por meios legais, ao adotar uma política migratória restritiva.

Os relatórios do Banco Mundial, que selecionamos para realizar nossa pesquisa, apresentam variadas categorias de migrantes e suas definições[57]. Essa diferenciação, em dados momentos, sinalizam que alguns grupos de imigrantes demandariam mais cuidados que outros. Contudo, ignora-se que a condição de migrante de todos faz parte e tem origem nos mesmos princípios, a saber: os desdobramentos da relação capital/ trabalho, o aprofundamento da dependência da classe trabalhadora, a intensificação das expropriações sobre essa e a ampliação da assimetria entre os Estados com a globalização.

Migrantes, refugiados, deslocados etc., nenhum goza de mais 'regalias' que o outro. Independente do motivo pelo qual migraram, sua condição de dependência da venda da força de trabalho para sobreviver os coloca, implacavelmente, em condições suscetíveis a abusos e

[57] Um quadro com a relação das categorias apresentadas e suas devidas definições, extraídas dos relatórios que analisamos do Banco Mundial, pode ser encontrado, no apêndice E, página 151.

explorações. No fim das contas, a distinção entre desejados e indesejados mais tem um cariz ideológico, que cria estereótipos e reforça o racismo.

Nos documentos que analisamos do Banco Mundial, não encontramos discursos, abertamente, contra imigrantes ou contra imigrações. Antes, como já posto, as migrações são entendidas como algo benéfico por estimular o desenvolvimento (nos padrões capitalistas) tanto para os indivíduos, quanto para os países envolvidos. A migração irregular sim, que constitui um 'problema' nesses documentos, pois ela permite que imigrantes sejam explorados, façam a mobilidade através de meios arriscados etc. No entanto, sabemos que a existência desses imigrantes irregulares é fundamental para o curso de crescimento e fortalecimento dos países centrais do capitalismo. Assim, ao abordar o fenômeno migratório sob uma ótica individualista, enquadra-se a irregularidade como uma condição que os sujeitos 'escolhem', não que lhes é imposta. Então, percebemos que existem omissões do Banco Mundial que fazem parte de uma estratégia fetichista, ao mascararem as reais razões dos fluxos migratórios no capitalismo.

Por mais que o BIRD busque se isentar, ou passar uma imagem de 'bom moço', as ações do Estado a que está atrelado escancaram suas reais intenções. Estados que seguem suas coordenadas na elaboração e execução de políticas, projetos e programas. Assim, percebemos que tudo o que é proposto em suas orientações tem rebatimentos funestos sobre a classe trabalhadora migrante. Com efeito, toda classe trabalhadora é acometida, pois trabalhadores não migrantes também têm suas vidas alteradas, mas não pela chegada de imigrantes, e sim pela estrutura das relações sociais nas quais todos estão imbricados. É a totalidade, na perspectiva marxista, que atinge e é atingida na dinâmica capitalista. Basso (2013, p. 96-97, grifos do autor), destaca que:

> políticas migratórias, por mais que se dirijam formalmente a uma só parte do mundo do trabalho, não são políticas setoriais; são, de fato, parte integrante das políticas gerais com as quais os Estados e os mercados definem uma modalidade do uso e da exploração do trabalho, exatamente <u>em geral</u>, isto é, na sua totalidade (...) efeitos sobre <u>a inteira vida social</u>, mesmo fora do mundo do trabalho assalariado.

Assim, por mais que se busque culpar imigrantes por distúrbios sócio-econômicos, é o *modus operandi* capitalista, como sempre o tem sido desde seu surgimento, o motor das discrepâncias entre as classes, uma vez que é sobre esse princípio que o capitalismo se assenta.

No caso dos indocumentados, a "irregularidade forçada" (Basso, 2013, p. 89), visto que é produzida por legislações restritivas, obriga-os a vender sua força de trabalho abaixo do preço. Ela é a força de trabalho perseguida pelas empresas capitalistas pois o trabalho vivo

regulamentado “custa muito, tem muitos direitos, muita rigidez, muitas garantias, muito poder de interdição, um excessivo reconhecimento social” (Basso, 2013, p. 94). Então, são modificações que envolvem todo o sistema capitalista, não um ponto de vista individual, que permite o aumento da produtividade, com a extração da mais-valia relativa de modo que o processo de exploração se mantenha encoberto, uma vez que “a mais-valia relativa ocorre sem que o processo seja diretamente sensível para o trabalhador” (Carcanholo; Sabadini, 2011, p. 141). Isso é possível pois as alterações ocorrem em “setores que produzem os bens de consumo dos trabalhadores ou os insumos e os meios de produção necessários” (Carcanholo; Sabadini, 2011, p. 139). Isto é, setores estratégicos, onde estão alocados muitos migrantes em situação irregular, a exemplo da indústria e da agricultura (Basso, 2013).

Os planos jurídico e simbólico do capital atuam de forma a fragilizar a existência dos trabalhadores imigrantes e manter a vigilância e controle sobre os mesmos. Busca-se, segundo Basso, eximir o Estado e a economia de mercado de serem os causadores de crises que têm efeitos avassaladores sobre a classe trabalhadora, ao mesmo tempo em que se fortalece a centralização do poder através de políticas migratórias repressivas (Basso, 2013). Segundo Reding (2019, p. 10), existem “maneiras multifacetadas pelas quais o Estado-nação reproduz a exclusão de não-nacionais em vários níveis sociais, jurídicos e institucionais”.

Basso (2013) destaca que as instituições financeiras centralizam o poder em suas mãos, logo, a proximidade destas com os Estados, faz com que as ações desses estejam em permanente afinidade com o mercado mundial. A globalização financeira que trouxe essa proximidade característica tem feito disparar crises e a pobreza, indicando a longevidade dos processos migratórios no capitalismo, regulamentados ou não, qualificados ou não. De acordo com Basso (2013, p. 111), as “necessidades estruturais de longo prazo da força de trabalho imigrante de baixa ou alta qualificação nos países ocidentais, que tendem a tornar tais imigrações sempre mais definitivas”.

A busca pela aquisição de ou enriquecimento do capital humano, assim como a estada em um país desenvolvido, incitam a busca pelo nivelamento entre trabalhadores, e entre os países, transmitindo a ideia que pode gerar benefícios e crescimento para indivíduos e nações, como podemos ver nos extratos que seguem.

QUADRO 9: Extratos - Vantagens para migrantes ao passarem por um país desenvolvido, nos documentos do Banco Mundial

EXTRATO	FONTE
“Valor do capital humano aprimorado dos repatriados”.	*Policy Brief* 4*: Managing return migration for development* - abr. 2016

"Regressarem às suas casas com maior resiliência, não procurarão migrar para outro lugar".	*Policy Brief* 11*: The global compacts and environmental drivers of migration,* jul. 2018.
"Apenas um dos aspectos da diáspora, o seu capital humano e os benefícios para o desenvolvimento que pode produzir através da migração de regresso e da reintegração".	*Policy Brief* 4*: Managing return migration for development* - abr. 2016
"O capital social da diáspora (...) pode contribuir para as relações comerciais, empresariais e de investimento entre o país de origem e o estrangeiro"	*Policy Brief* 4*: Managing return migration for development* - abr. 2016

Fonte: *Policies Briefs* selecionados do Banco Mundial. Elaboração própria, ago. 2025.

É como se os imigrantes retornassem para seus países 'melhorados', algo que segmenta a classe trabalhadora e tonifica o racismo. A ideia é que o contato, temporário, com uma 'civilização' (supostamente) superior (dentro da matriz branca e ocidental)[58], seja algo profícuo. Até, o é: traz bastante lucros, mas para as empresas ligadas ao capital. Para os imigrantes, o limbo. A perspectiva sobre estes assume um caráter paternalista, que mantém sob auspícios do capital a mobilidade da classe trabalhadora, que ocorre de forma limitada e controlada, ao passo que a movimentação de capital se intensifica livremente (Villen, 2018), indicando serem duas partes de um mesmo movimento, o movimento do capital, mas com a submissão de uma parte em detrimento da outra. Segundo Ferraz:

> A expansão em grande escala das transações financeiras e o incremento das novas tecnologias da informação e comunicação possibilitaram ao capital uma mobilidade sem precedentes. O capital não tem nacionalidade e não se fixa em territórios, mas necessita de uma força de trabalho cada vez mais barata, controlável, desorganizada e que não esteja sujeita aos mecanismos de controle das relações entre capital e trabalho ainda existentes nos Estados nacionais. Nenhum sujeito cumpre melhor esse papel que o imigrante. E cumpre duplamente. Primeiro porque está sujeito aos vínculos precários de trabalho, tem dificuldade para se organizar e não existe legalmente. Empregadores e Estado não precisam se responsabilizar por sua existência. O provimento de políticas sociais e o cumprimento da legislação trabalhista dizem respeito apenas aos cidadãos de cada país, aos demais, o limbo. Segundo porque mesmo que esse imigrante consiga tornar - se um cidadão ou ter sua existência reconhecida legalmente, ele tem sido responsabilizado pelo desemprego em massa e pela profunda crise que atinge as economias nacionais tanto pelos capitalistas quanto pelos trabalhadores, especialmente na Europa e nos Estados Unidos. Os verdadeiros responsáveis pela crise, os grandes

[58] Clóvis Moura (2020) aponta que o racismo moderno veio com o capitalismo. Assim, segundo o autor, ele é definido como "formas de justificar a dominação de um povo, nação ou classe sobre outra, invocando argumentos 'científicos' (...) O racismo é um multiplicador ideológico que se nutre das ambições políticas e expansionistas das nações dominadoras e serve-lhe como arma de combate e de justificativa para os crimes cometidos em nome do direito biológico, psicológico e cultural de 'raças eleitas'" (p.2). E mais, "determinados contextos políticos e momentos históricos o racismo adquire tanta vitalidade e se desenvolve com tanta agressividade: ele não é uma conclusão tirada dos dados da ciência, de acordo com pesquisas de laboratório que comprovem a superioridade de um grupo étnico sobre outro, mas uma ideologia deliberadamente montada para justificar a expansão dos grupos de nações dominadoras sobre aquelas áreas por eles dominadas ou a dominar." (p. 1). Bom, em tempos liberais vemos a ampliação explícita da xenofobia, tanto da parte da população, quanto da parte de grupos partidários, de extrema-direita muitos deles, fazendo uso político da temática das migrações, um uso político da vida de pessoas que se veem obrigadas a migrarem.

> capitalistas do mundo inteiro, encontraram o seu bode expiatório e os representantes políticos de seus interesses os acusam sem tréguas (Ferraz, 2016, p. 4).

No segundo capítulo, apontamos a preocupação expressa nos documentos do BIRD a respeito da necessidade, não longínqua, dos países do centro capitalista de trabalhadores para os cuidados de suas populações envelhecidas, dadas suas baixas demográficas. Quem vai cumprir tal função? Imigrantes, e em condições longe de serem a ideais. Esses deverão abrir mão de suas vidas em seus países por terem as condições de vida e trabalho de sua classe expropriadas. São, assim, forçados a buscar meios de sobrevivência em outros locais, pois seus países têm sofrido com os avanços predatórios e colonizadores. Ou seja, o que temos observado, segundo Basso (2013, p. 102) é o "recrutamento de trabalhadores" pautado no "abuso e (na) brutalidade", com aval do Estado. Bom para os detentores da propriedade privada; catastrófico para a classe trabalhadora. Capitalismo puro e simples.

A divisão internacional do trabalho fortalece a hierarquização entre os países, demarcando posições. Os processos migratórios favorecem a materialização desse cenário. Segundo Sayad (1998), ser imigrante é "uma condição social" (p. 243), que tem a mesma marca que é "atribuída a seu país na escala internacional dos estatutos e das posições políticas, econômicas, culturais, etc." (p. 241). Mais diretamente: "um imigrante não é apenas o indivíduo que é; ele é também, através de sua pessoa e pelo modo como foi produzido como imigrante, o seu país" (Sayad, 1998, p. 241). Encontramos nos documentos, que analisamos do BIRD, assertivas que vão ao encontro dessa ideia, dessa equalização do imigrante com seu país natal.

QUADRO 10: Extratos - Equalização de imigrantes com seus países de origem, nos documentos do Banco Mundial

EXTRATO	FONTE
"Por fim, os emigrantes bem integrados promovem uma imagem positiva do país de origem".	*Policy Brief* 3*: Country of origin support for immigrant integration,* abr. 2016
"A sua influência política pode influenciar a geopolítica em geral, enquanto os migrantes que não se integram bem não conseguem participar plenamente em atividades de desenvolvimento nem servir como embaixadores respeitados dos seus países de origem, porque muitas vezes enfrentam desprezo ou mesmo hostilidade na sociedade de acolhimento.".	*Policy Brief* 3*: Country of origin support for immigrant integration,* abr. 2016

Fonte: *Policies Briefs* selecionados do Banco Mundial. Elaboração própria, ago. 2025.

Esses segmentos, seguindo o ritmo do pensamento do Banco Mundial sobre as migrações, relacionam a 'boa integração' à participação na sociedade que os 'acolhe'. Contudo, sabemos,

e temos observado, que tal integração só se torna possível aos imigrantes com *status* regular, e que foram aprovados no 'processo seletivo migratório': "o imigrante só tem 'existência' (oficial) na medida em que possui uma habitação e um empregador" (Sayad, 1998, p. 74). Aos demais, resta a invisibilidade e uma classificação de indivíduos de 'segunda classe', reforçando a segmentação da classe trabalhadora a partir de convenções racistas. Miggiano (2009, n.p, tradução nossa) aponta que estão "dentro da fronteira, mas ainda fora dos limites da cidadania e da visibilidade". E essa situação garante a perpetuação da desigualdade.

A produção das desigualdades e, com os imigrantes, da clandestinidade traz a marca de sua imprescindibilidade ao funcionamento capitalista que se ampara na hierarquização entre países. Essa conjuntura faz parte da racionalidade política e econômica neoliberal (Villen, 2018). Estados-nação do centro capitalista comandam e gerem os processos migratórios, inclusive, o que Villen (2018) se refere como circuitos de migração indocumentada. Sayad (1998) tonifica essa ideia ao destacar que há um sistema de convenções e controle da força de trabalho imigrante que tem o "controle exercido desde o ponto de partida até a possibilidade que mantém de mandar o imigrante embora" (p. 237). Vemos, então, que projetos (neo)colonizadores seguem ditando a tônica do capitalismo em sua atual fase. De acordo com Reding (2019, p. 31), o neocolonialismo presente nos processos migratórios se caracteriza pelo "domínio do subalterno através de um sistema de imigração cuidadosamente projetado".

O expansionismo capitalista busca novas formas de acumulação e está intimamente relacionado com o capital financeiro, sendo essa relação situada "no centro da própria constituição do capitalismo atual, associado a um crescimento desmesurado da especulação financeira" (Sabadini; Campos, 2021, p. 23). Captar os processos migratórios, suas nuances, implica apreender de forma adequada como o capitalismo se configura e age na busca pela "produção e apropriação de excedente sob a forma de mais-valia" (Sabadini; Campos, 2021, p. 23).

As finanças têm o poder de unificar as demandas do capital e cooptar de forma coerente as classes em jogo. A tônica do jogo capitalista traz uma série de alterações que visam a ampliação de seus domínios para a expansão dos mercados para fazer circular o excedente de mercadorias e o acúmulo de capital. Então, toda sua estrutura é mobilizada para esse fim. O Banco Mundial vem cumprindo sua função, sendo um financiador de projetos, que garantem o domínio capitalista, e um articulador intelectual, maquiando os reais propósitos do capital com discursos humanitários, resilientes e, principalmente, motivadores. Com as mudanças iniciadas na década de 1970, o capitalismo trouxe uma nova dinâmica, e o Banco Mundial o

acompanhou, com a integração do ‘combate à pobreza’ em suas atividades e discursos. Nada fica para trás. Nas palavras de Sabadini e Campos (2021, p. 48):

> [...] característica marcante do capitalismo é revolucionar constantemente suas forças produtivas, inovando, transformando, modificando intensamente todo seu entorno, quer seja ele produtivo, de gestão, de organização, de comercialização. Ele só faz isso porque busca produzir incessantemente riqueza sob a forma de mais-valia.

Assim, pode-se alterar a maneira que o capitalismo produz e se apropria da mais-valia, mas sua dependência da classe trabalhadora para tais fins é inexorável. Imigrantes, em *status* regular ou não, bem-vindos ou não, são fundamentais ao enriquecimento do capital. Têm sido responsabilizados e culpados por distúrbios sociais e de abusarem de benefícios do governo, mas sua imprescindibilidade às economias centrais do capital não os deixam passar despercebidos, mesmo que, simultaneamente, tenham suas demandas invisibilizadas e suas existências negadas. É uma situação paradoxal, que nos deixa com inúmeros questionamentos, caso as migrações fossem realmente produto da livre escolha dos indivíduos: o que levaria alguém a atravessar um oceano no leme de um navio? Quem optaria por uma vida de medo e insegurança, se privando de um passeio no parque ou uma consulta médica por medo de deportação? Como pode um imigrante que sofre as mais brutais explorações ser um aproveitador? Tais situações no senso comum e na mídia produzem estereótipos e estigmatizam migrantes e dão lugar a um fenômeno raro, ilustrado na figura a seguir:

FIGURA 4: O imigrante de Schrödinger[59]

Fonte: Twitter Memes comunistas expropriados, 2023[60].

[59] O termo vem ‘emprestado’ da “teoria desenvolvida pelo físico austríaco Erwin Schrödinger, a partir de uma experiência aplicada a um gato em 1937, que acabou por cunhar um novo conceito que levava o seu sobrenome. Simplificando ao máximo as conclusões, demonstrava que, aplicando as leis da física quântica, o gato podia estar vivo e morto ao mesmo tempo. Décadas depois, a teoria tornou-se uma expressão cotidiana para descrever situações a priori contraditórias, mas que coexistem” (Gerehou, 2019, n.p, tradução nossa).

[60] Twitter: @ memesexpropriados. Disponível em: https://x.com/memexpropriados/status/1652685705254952961?t=Ukk_D6f3MtUde52iOk94wQ&s=19. Acesso em: 17 ago. 2025.

Como isso é possível? Na (ir)racionalidade do capital, acompanhada de seus absurdos, é perfeitamente plausível. Nessa esteira, o discurso e o envolvimento do Banco Mundial com as migrações procuram eximir o capital e suas elites na perpetuação da brutalidade contra povos diversos, em um sentido de “fiz a minha parte”, ou “lavo as minhas mãos”, ao reproduzirem retóricas e estimularem práticas que mantém o abuso sobre a classe trabalhadora e reduzem os movimentos migratórios as escolhas individuais que dependem das qualidades dos indivíduos.

6. Considerações finais

Os movimentos da economia capitalista têm repercussões que mobilizam processos migratórios (Sayad, 1998). Na era globalizada o ato de migrar ocorre de forma frequente e tem motivações variadas. Mas ao fim, muitos desses movimentos visam a manutenção da acumulação capitalista, no formato em que ela ocorre no contexto correspondente. E toda a estrutura capitalista concorre para tal fim.

Nosso estudo teve como objeto a ótica do Banco Mundial sobre as migrações internacionais. Após observarmos como o Banco Mundial tem circundado o fenômeno migratório, percebemos que as variadas motivações para migrações não só tem como causa as contradições do sistema capitalista, mas como os resultados delas têm o próprio sistema como beneficiário. Isso porque, o Banco Mundial em seu envolvimento com os processos migratórios, traz a baila fatores que permitem ao capitalismo manter sua hegemonia através da ampliação da obtenção de lucros, motivo para o qual foi criado. Constatamos isso ao fazermos a identificação de temas que apareciam mais repetidamente nas orientações do Banco Mundial, à medida que avançávamos nossas leituras. Assim, concluímos que as operações do Banco Mundial expressam a lógica da acumulação capitalista em tempos de dominância do capital portador de juros estando, desde sempre, em consonância com a ideologia neolibeal. Vemos um reforço das estratégias fetichistas. Por meio de sua influência no cenário global, garante a concretização de seus interesses das burguesias centrais do capitalismo (principalmente os EUA), isto é, dos interesses do capital.

Identificamos eixos que correspondiam a uma perspectiva econômica, já tendo indícios da ótica do Banco Mundial sobre o fenômeno das migrações. Fatores como desenvolvimento, remessas, causas das migrações, ideia das migrações como movimentos livres, regularização, consultoria, finanças, educação e gerência sobre as migrações por meio de políticas migratórias, são apresentados a partir de uma ótica econômica. É como se a falta de renda, a busca por renda e a ampliação da renda fossem os únicos elementos envolvidos nas dinâmicas migratórias. De fato, nos tempos atuais, sob a justificativa da busca de se garantir condições para reprodução da vida, as pessoas são coagidas a se deslocarem. Mas existem outras camadas nos movimentos migratórios, que ficam ocultas nas relações. Migrações são processos complexos e envolvem inúmeras camadas (Amelina, 2022): não são distorções ou casos isolados, fazem parte de uma história mais ampla (Sassen, 2013).

O desenvolvimento é dos aspectos que mais aparece nos documentos do Banco Mundial como principal benefício das migrações, conforme apuramos no quadro 1. De acordo com

esses documentos o desenvolvimento seria possível para todos os envolvidos nos processos migratórios (países e indivíduos), mas na realidade não é o que acompanhamos: países ricos ficam mais ricos, e os países empobrecidos, mais empobrecidos e dependentes - o mesmo para a classe trabalhadora. Obviamente, outros fatores entram na matemática do desenvolvimento, mas o BIRD apresenta as migrações como um elemento extremamente potente para tal fim, com retornos imediatos. Como já apontamos, até poderiam ser, mas jamais no capitalismo onde antes de serem um benefício, estão inseridas na lógica da acumulação do capital.

Portanto, conforme apuramos, não causa espanto que as orientações, e as atividades, do Banco Mundial buscam resguardar a essência capitalista. Desde seu surgimento, com os propósitos que lhe colocaram, se mostrou mais que um agente econômico, sendo também, um verdadeiro ator político. Ele é parte da estrutura de proteção do capital criada pelas elites capitalistas, após a II Guerra Mundial, para estabilizar o sistema econômica e politicamente. Com a reordenação capitalista a partir dos anos 1970, esse seu feitio político ficou mais evidente. Nos dias atuais, sua influência e importância no jogo capitalista se mantém e se revigoram de tal modo que, o Banco se coloca como um potente consultor e agente para assuntos migratórios, respaldado pelo conhecimento obtido através de suas pesquisas, projetos e atuação nos mais diferentes cantos do planeta. Não à toa a recomendação para investimentos em pesquisas e a ampliação da produção de conhecimento pelo Banco sobre o fenômeno das migrações, conforme ilustramos em nossa introdução, e a indicação da busca por consultoria junto ao BIRD ou a iniciativa privada, como vimos junto às recomendações políticas. O Banco se coloca como um baluarte na gerência de processos migratórios.

A questão que se coloca, é que esse conhecimento é parcial e superficial por se tratarem de pesquisas encomendadas e feitas pelo e para o Banco, respondendo aquilo que o Banco quer 'ouvir'. Assim, a partir da sua inserção em um espaço de influência e poder, o Banco assume um lugar de mentor intelectual, que lhe garante prerrogativas para inspirar e influenciar políticas migratórias (quando na verdade é a coação produzida, principalmente devido à dívida pública, que estabelece políticas e ações nos países com os quais firma 'negócios').

A aproximação do Banco ao fenômeno das migrações internacionais atende a agenda capitalista, ao fazer ecoar uma retórica que privilegia e endossa a busca por melhorias de renda como causa e objetivo de tal fenômeno, avaliando as migrações em termos de vantagens e desvantagens econômicas. Isto é, se a migração com determinado perfil apresenta a possibilidade de crescimento econômico ela é bem-vinda, as fronteiras devem estar abertas a

ela, assim como ter uma legislação que contemple e atenda essa demanda. Contudo, esconde-se que, na verdade, toda imigração é interessante e importante ao capitalismo, inclusive aquela que ocorre fora dos circuitos oficiais.

Identificamos que as orientações do Banco Mundial sobre as migrações trazem aspectos que indicam estratégias de controle sobre a classe trabalhadora, como a defesa das garantias das necessidades do mercado seja por meio de uma formação (tanto de crianças migrantes, quanto em capacitações para adultos) correlata a tais necessidades, seja por meios do estímulo ao empreendedorismo, formando uma massa de trabalhadora que desonera o empresariado. Essas questões reforçam uma estrutura que garante a valorização do capital por meio da adequação da força de trabalho. Adequação para os países centrais do capital.

A observância do que o Banco Mundial sugere sobre os processos migratórios, sobre a gerência dos mesmos e sobre a necessidade de sua regularização, se volta para o atendimento dos países de alta renda, países do Norte (EUA e Europa). Na figura 1, onde apresentamos o que seria para o Banco Mundial a migração 'adequada', é o que seria adequado para esses países. Uma migração que com eles colabore. Tais países têm suas prerrogativas garantidas devido a sua participação no Banco Mundial - participação condicionada a colaboração financeira: quem paga mais, pode mais. O BIRD é um instrumento do capital para o capital.

Apontam, de forma geral, que a relação com o mercado de trabalho é o elemento chave para a gestão dos processos migratórios. A recomendação política nº 8, no apêndice D, aponta a importância do acesso a serviços sociais e culturais, mas a finalidade desses, seria facilitar a interação no mercado de trabalho dos imigrantes. Dessa forma, destacam que as políticas de migrações devem considerar as necessidades dos mercados.

As orientações do Banco Mundial sobre as migrações que observamos reforçam esse caráter. Em especial, quando constatamos que a maior parte delas tem como finalidade alimentar e/ou estimular o mercado de trabalho, conforme vimos no quadro 2, que traz trechos da presença de trabalhadores imigrantes em países do Norte global. Também vimos o quanto o trabalho imigrante vem sendo e será ainda mais demandado para atender e cuidar da população envelhecida dos países de alta renda. Mais uma vez, migrantes reduzidos a uma força de trabalho que se desloca.

Os novos parâmetros vindos com a reestruturação e flexibilização do mundo do trabalho, têm ditado a tônica da argumentação do Banco Mundial em seus documentos. A partir desses parâmetros observamos que os elementos que o Banco Mundial traz em suas orientações

correspondem às necessidades do capital em sua fase atual. Advoga-se e busca-se justificar as premissas da racionalidade neoliberal: o indivíduo em busca de 'crescer na vida', deve ir em busca de seu sucesso, e para tanto se capacitar, empreender, migrar, enfim, fazer suas escolhas. Esse pensamento contribui com a formatação da classe trabalhadora. Confisca-se da classe trabalhadora migrante todo seu potencial enquanto ser humano genérico, enxergando-os como uma mercadoria que se desloca, a mercadoria força de trabalho, tão cara para o capital. Trabalhar e consumir no capitalismo são o sentido e o propósito da vida.

Até mesmo, a defesa de políticas de imigração com foco na educação de crianças imigrantes, no fim tem como intuito a formação e formatação de uma massa trabalhadora que no futuro (talvez não tão distante) estará apta a ser explorada, como posto na recomendação nº 9, no quadro apêndice D. Ou seja, a educação é uma potência para se formar trabalhadores para o capital.

Também às remessas é atribuída tamanha potencialidade. Percebemos que essas possibilitam melhoras, modestas, na vida das pessoas que migram, não melhorias estruturais. Mas para o capital, o retorno é mais palpável, pois elas contribuem com uma ampliação do consumo, e reforçam a alienação. Nas orientações do Banco Mundial o envio de remessas é visto com bastante otimismo, apontando a necessidade de se criarem políticas que facilitem essas transferências. A euforia em torno das remessas favorece a criação da ilusão de que os retornos com processos migratórios é vantajoso para a classe trabalhadora: é, mas em um aspecto individual que ignora a condição da classe como um todo. Assim, a busca por esse retorno se torna uma aspiração, produzida.

A busca por melhores condições de vida, dada a vivência em um ambiente não favorável em seus países de origem, é o que origina a maior parte das migrações, na ótica do Banco Mundial. Isso atribui a tais movimentos um sentido individual de pessoas que 'querem' viver melhor. Toda a estrutura que cria e alimenta o pauperismo é ignorada. Ao atribuir esse caráter individual às migrações e às pessoas que migram, estimula-se o empreendedorismo que atende aos parâmetros postos em cena com as alterações do mundo do trabalho na década de 1970, permitindo formar uma massa trabalhadora disponível para ser explorada. Assim, a atenção, estatal ou privada, sobre esta parte da classe trabalhadora fica a cargo da própria ou ao 'Deus-dará'.

O trabalho sem vínculos é rotineiro entre imigrantes. Ademais, nesse 'cada um por si', a rivalidade entre os trabalhadores se acirra; se vêm de fora, é mais um argumento a ser instrumentalizado em benefício das necessidades do capital. Assim, entendemos que o que

observamos nos documentos do Banco Mundial nos permite concluir que suas orientações, ao inspirarem formas de manejo dos processos migratório, acabam por oportunizar uma forma de controle sobre a classe trabalhadora, estando essa sob vigilância e sendo encaixada onde é preciso.

Se, na ótica do BIRD, para a classe trabalhadora, migrar representa a possibilidade de melhorar sua vida; para empresários e elites, as migrações correspondem à oportunidade de acesso a uma mão de obra barata e que pouco contesta, devido ao temor da deportação. Nos documentos que observamos do BIRD, por exemplo, reconhece-se que as inspeções do trabalho, que poderiam contribuir com trabalhadores imigrantes, pouco fazem por isso. O retorno econômico das migrações para o capital é veementemente defendido e estimulado, como por exemplo, quando sublinham a importância de capitalizar com as redes de diáspora.

E ainda, a abordagem em termos de vantagens e desvantagens, se associa a uma perspectiva de gerência empresarial dos fluxos migratórios, no qual devem ser avaliados os custos e os ganhos de tais processos. O que se é constantemente afirmado nos documentos que analisamos do BIRD é que, via de regra, as migrações trazem mais vantagens que 'prejuízos'. E, mesmo que os custos superem os ganhos, a longo prazo, e em uma perspectiva mais ampla, isso é superado. Mas custos e ganhos sempre considerando o lado do capital. Os custos, ou antes, as perdas que um processo migratório, sob auspício do capital, gera para a classe trabalhadora são ignorados.

As políticas e ações sugeridas são indicações que, ao mesmo tempo em que demandam a ação estatal, apontam que sua interferência deve ser limitada: o mercado é quem deve estabelecer as regras, a partir de suas necessidades. Nada mais de acordo com as premissas neoliberais.

Aos Estados, cabe a missão de facilitar a legislação que torna possível as (supostas) decisões dos indivíduos de migrar. E, como as ações sugeridas seguem o receituário neoliberal, vão promover processos migratórios marcados pela seletividade, discriminação e violência. Segundo Basso (2013, p. 90), não se trata de "políticas contra imigração", e sim "políticas contra os imigrantes", das periferias do capitalismo. Dada a relação de dependência em função da dívida, principalmente, os Estados ficam submissos às vontades do Banco Mundial e acabam por cooperar com a brutalidade do capital.

Assim, as recomendações políticas do Banco Mundial se referem a um cenário no qual os Estados seriam os únicos responsáveis pela obstrução das fronteiras, ao mesmo tempo que sugere que essa área deve ter sua atuação, conforme recomendação nº 4, no apêndice C. Essa

separação aparente (Estado/capital; política/economia) é fulcral ao bom andamento capitalista, pois além de ocultar que a dominação e as expropriações ocorrem para além da esfera econômica, responsabiliza unicamente governos pelas mazelas e adversidades que atingem e que originam os fluxos migratórios. Se torna uma questão de má ou boa gerência. A solução: ouvir os *experts,* do Banco Mundial. Ou seja, o capitalismo cria o 'problema', e oferece a 'resolução'. E ainda, abre-se espaço para o setor privado, com a desresponsabilização do Estado pelo atendimento às pessoas migrantes.

Fica oculto que tais governos estão presos e atrelados às exigências do Banco Mundial devido a hierarquização entre as nações, a divisão internacional do trabalho e, com grande potência, a dívida pública. Aliás, isso reforça que a própria instituição obtém vantagens, como gostam de dizer, com as orientações que fazem sobre o tema das migrações. Isso porque, para que suas orientações sejam postas em práticas há a demanda de financiamento e empréstimos, que serão obtidos junto ao Banco. Curioso que o Banco se coloca como consultor financeiro também, inclusive propondo políticas que estimulam a educação financeira (como aparece na recomendação política nº 17, do apêndice C), e o resultado disso: 100% de aproveitamento para o BIRD.

A perversidade de tudo isso é que a retórica humanizada do Banco Mundial tem rebatimentos crueis sobre a classe trabalhadora que migra. O discurso cordial do BIRD não corresponde ao cotidiano de milhões de migrantes das periferias do capitalismo. Antes, ele é correlato a formação jurídica capitalista, e traz argumentos óbvios quando se trata da defesa de imigrantes como direitos humanos, uma repetição de bordões. Fala-se em lutar e defender uma migração regulada, como se migrar de modo irregular fosse uma escolha, e não a única via encontrada por muitos; via essa, como já apontamos, construída e mantida com bastante afinco pelos agentes do capitalismo (seus governos, suas empresas, suas instituições, etc). Tudo não passa de uma "armadilha liberal (...) que fortalece a acumulação" (Behring, 2021, p. 269).

Tudo isso, indica o perfil das migrações no capitalismo que objetivamente fazem circular a força de trabalho e amplificam a reserva de trabalhadores pronta a ser explorada; enquanto subjetivamente é estabelecido no senso comum uma ideia que responsabiliza os indivíduos e os governos pelos 'infortúnios da vida'.

O discurso demagógico do Banco Mundial, pautado na idealização da globalização, do mundo sem fronteiras, antes reflete e faz ecoar um devaneio: que no capitalismo é possível viver bem e livremente. Até o é, para os que dominam os meios de produção e que acreditam que

acumular é sinônimo de uma vida boa. À classe trabalhadora migrante, as possibilidades que em um primeiro momento se mostram esperançosas, na prática arruínam sonhos e expectativas. Nem sempre o que se espera se alcança quando se migra. Nakatani (2020, p. 46), coloca que temos observado "agudas tentativas de fuga das piores condições de vida vivenciadas nas regiões mais pobres do mundo, em busca de melhores condições nas regiões mais prósperas, às vezes infrutíferas, muitas vezes recompensadas com prisões e até com as mortes". Como já foi posto em poesia: ao que se retira resta uma vida severina[61].

Notamos nos documentos um forte apelo à individualidade, a defesa de ações empreendedoras, o trato dos imigrantes como heróis, que se arriscam em busca do famoso 'crescer na vida'. A presença constante da palavra resiliência (ela apareceu 68 vezes no total dos documentos que analisamos), foi vista com bastante preocupação. Ela atribui aos indivíduos responsabilidades que estão além de suas existências, e isenta a ação do capital na criação das desigualdades que condicionam e coagem os fluxos migratórios.

Outro elemento que nos chamou a atenção durante o contato e exame das orientações do Banco Mundial, foi a atualidade prática de ideias, postas nos documentos, que temos observado no ano de 2025. Fomos surpreendidos e da pior maneira. Aquilo que em um momento de leitura parecia um absurdo, mostrou-se completamente viável em um modo de produção que tem zero zelo pelos indivíduos. Citamos em nosso trabalho a pretensão de Donald Trump de vender vistos para entrada nos Estados Unidos, pensamento apresentado no relatório de 2018 do Banco Mundial. Inclusive, no corrente ano, frente às atrocidades proferidas por Donald Trump contra imigrantes, o Banco não tem se pronunciado. Não faz parte dos propósitos dessa pesquisa, mas realizamos acesso a rede social *Instagram* do Banco Mundial, e não identificamos nenhuma denúncia ou repúdio às falas do presidente estadunidense, até o mês de setembro de 2025. Na rede social citada, o Banco segue promovendo seus projetos na área das migrações, apresentando seus resultados positivos, mas que não correspondem à realidade, onde vemos sem grandes dificuldades a situação catastrófica em que imigrantes estão sendo colocados.

Com isso, confirmamos que o Banco Mundial, intrínseco a estrutura do capitalismo, colabora e corrobora com a construção de estratégias que mantêm a classe trabalhadora sob controle (no nosso trabalho focamos na parte da classe trabalhadora que migra), ao mesmo tempo em que favorece a ampliação dos ganhos para as camadas ligadas ao capital. Há, ainda, o reforço

[61] Em "Morte de vida severina", João Cabral de Melo Neto retrata a trajetória de um retirante nordestino, do Sertão, rumo ao litoral em busca de uma vida melhor. No caminho, encontra outros retirantes e compartilham uma série de dificuldades e infortúnios.

da dependência da classe trabalhadora da venda de sua força de trabalho para sobreviver, através de indicações e discursos que solidificam a alienação. Transmitem à classe trabalhadora que a venda da força de trabalho, com bom grado, é o único caminho possível para se alcançar o êxito - êxito nos padrões burgueses, ligado ao consumo. O mundo das aparências é o que se mostra vitorioso. As ações políticas recomendadas, assim como as próprias políticas indicadas, reforçam esse caráter.

A leitura dos documentos do Banco Mundial, nos parece um conto de fadas: há um discurso com zelo pelo social e de que basta o querer para que sejam alcançados os desejos. Os discursos apresentados em seus relatórios e *papers* trazem propostas com tom reformista e uma realidade duvidosa, pois os resultados apontados, as melhorias que estampam suas páginas, são contraditas pela realidade da classe trabalhadora, que tem tido suas condições de vida ainda mais exploradas e dificultadas. As disparidades gritantes do mundo real denunciam que o que está legislado ou proposto, está longe de ser garantido. E ainda, escondem que as desigualdades sócio-econômicas são advindas do modo de produção capitalista, logo superá-las, implicaria a superação deste sistema.

As políticas neoliberais têm indicado que a barbárie é o destino da humanidade. Assim, a busca por novos caminhos se faz condição urgente: "As condições concretas do desenvolvimento das formações sociais capitalistas no estágio atual colocam não só o debate, mas também a busca de alternativas e opções como questões inadiáveis" (Nakatani, 2020, p. 22). Nesse quadro, de destruição social, humana e ambiental, percebemos que a mobilidade se mantém e tende a aumentar. Mas talvez isso traga alguma faísca de esperança.

Por mais que as condições dos trabalhadores migrantes configurem um ambiente de extrema incerteza, e a organização destes é dificultada, a imagem de um mundo global, de uma classe trabalhadora global, deixa um lampejo de transformação social. A proximidade entre trabalhadores, oportunizada pelas migrações, traz um potencial para a percepção de que a classe trabalhadora é explorada, não importa onde esteja. Isso, pode conduzir ao reconhecimento dos verdadeiros antagonismos sociais e ao fortalecimento da solidariedade entre os trabalhadores (Basso, 2015). De acordo com Antunes (2018, n.p):

> Com a expansão do capital em escala planetária e a nova forma assumida pela divisão internacional do trabalho, as respostas do movimento dos trabalhadores assumem cada vez mais um sentido totalizante. A transnacionalização do capital e do seu sistema produtivo, com a difusão das novas cadeias geradoras de valor, obriga ainda mais os sindicatos a desenvolverem formas internacionais de ação, solidariedade e confrontação.

O entendimento de seu lugar nas relações sociais capitalistas e o desvelamento da tirania do capital são fundamentais elementos para romper com os grilhões do capital. Segundo Sayad (1979, p. 36, tradução nossa), “imigrantes não podem ter ilusões sobre os efeitos ocultos, nem sobre os fins últimos da ação de que são objeto”. Antunes (2018), destaca que imigrantes tem se juntado a grupos historicamente oprimidos (mulheres, negros) na luta por direitos e de suas necessidades. Segundo o autor, já que se “aventuraram” de forma perigosa e custosa, deixando suas vidas para trás, apenas a sobrevivência não pode contentá-los.

Behring (2021, p. 267), coloca que “[...] os contornos da luta por direitos têm potencial explosivo e podem apontar para horizontes que colocam em xeque os limites da emancipação política”. Emancipação essa, que é garantida na sociedade burguesa para alguns, mas que para a classe trabalhadora pouca serventia tem. Deste modo, é importante entender os conflitos que envolvem as relações sociais em menor e maior escala. A autora destaca que a “dimensão internacional (...) processo dialético e permanente seria impensável isolado em um só país” (Berging, 2021, p. 266). Assim, o que seria impensável em um cenário de um capitalismo voraz, que tende a anular sonhos e esperança, tem se mostrado palpável e realizável com as migrações internacionais. Em Maio de 68, os jovens franceses já declaravam a importância de se demandar o impossível. A História nos lembra que somos os sujeitos que a constroem.

REFERÊNCIAS

ALVES, Giovanni. **Trabalho e mundialização do capital:** a nova degradação do trabalho na era da globalização. 2. ed. Londrina: Praxis, 1999.

ALVES, José E. D. IDH do Brasil fica abaixo do registrado antes da pandemia. **#Colabora.** 18 mar. 2024. 2024. Disponível em: https://projetocolabora.com.br/ods17/idh-do-brasil-fica-abaixo-do-registrado-antes-da-pandemia/. Acesso em: 1 jun. 2025.

ALVES, José E. D. Os países menos desenvolvidos e o avanço do IDH. **EcoDebate**, ISSN 2446-9394. 01 abr. 2024. 2024a Disponível em: https://www.ecodebate.com.br/2024/04/01/os-paises-menos-desenvolvidos-e-o-avanco-do-idh/. Acesso em: 1 jun. 2025.

AMELINA, Anna. Doing migration and doing gender: intersectional perspectives on migration and gender. *In:* **Gender and Migration:** Transnational and Intersectional Prospects. London e New York: Routledge, 2019. Disponível em: (PDF) Doing migration and doing gender: Intersectional perspectives on migration and gender (researchgate.net). Acesso em: 4 mar. 2022.

AMORIM, Andressa N. **A relação entre as teorias de proteção social e as abordagens de avaliação de políticas sociais:** uma análise das orientações do Banco Mundial. Orientadora: Ana Targina Rodrigues Ferraz. 2024. 223 f. Tese (Doutorado em Política Social) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2024. Disponível em: A Relação Entre As Teorias De Proteção Social E As Abordagens De Avaliação De Políticas Sociais: Uma Análise Das Orientações Do Banco Mundial (ufes.br). Acesso em: 19 set. 2024.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 12 ed. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2007.

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão:** o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo : Boitempo, 2018.

BAILLY, Maud; RIVIÉ, Milan; TOUSSAINT, Éric. ABC do Banco Mundial. Comité para abolição das dívidas ilegítimas, 19 fev. 2020. Disponível em: https://www.cadtm.org/spip.php?page=imprimer_&_id_article=18085. Acesso em: 27 mai. 2025.

BANCO MUNDIAL. World Bank Group. ©2024. **History**. Disponível em: History(worldbank.org). Acesso em: 30 jun. 2024.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BASSO, Pietro. Prefácio. 2017 *In:* VILLEN, Patricia. **(In)visíveis globais:** imigração e trabalho no Brasil. São Paulo: Alameda, 2018.

BASSO, Pietro. Imigração, racismo e antirracismo na Europa de hoje. *In:* **Intermitências da crise e questão social:** uma interpretação marxista. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.

BEHRING, Elaine R; BOSCHETTI, Ivanete. **Política social:** fundamentos e história. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BEHRING, Elaine. Emancipação, revolução permanente e política social. *In:* BEHRING, Elaine. **Fundo público, valor e política social.** São Paulo: Cortez, 2021.

BERGMANN, Jonas; MARTIN, Susan F.. *Institutional Frameworks and Environmental Mobility.* **Policy Brief 10.** KNOMAD Trust Fund Washington, D.C. : World Bank Group. 2018. Disponível em: http://documents.worldbank.org/curated/en/099303408162415338. Acesso em: 25 jun. 2025.

BOSCHETTI, Ivanete. O sentido do Estado social capitalista. *In:* **Assistência Social e trabalho no capitalismo.** São Paulo: Cortez, 2016.

CANDIOTTO, Cesar. O governo biopolítico do migrante de sobrevivência: uma leitura crítica da lógica do capital humano na era neoliberal. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 44, n. 2, p. 87-106, abr./jun. 2021. Disponível em: https://www.scielo.br/j/trans/a/54yWrdfYXsCFJYN9G63NFtb/abstract/?lang=pt. Acesso em: 18 jul. 2025.

CARCANHOLO. Reinaldo A.; SABADINI, Mauricio de S. Sobre o capital e a mais-valia. *In:* CARCANHOLO, Reinaldo A. (org.). **Capital:** essência e aparência. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

CARDOSO, Adalberto; LAGE, Telma. A inspeção do trabalho no Brasil. **Dados,** v. 48, n. 3, p. 451-489, jul. 2005. Disponível em: https://www.scielo.br/j/dados/a/rjbJTcNHBvWHQTgG8Wd7mrq/?lang=pt. Acesso em 19 jul. 2025.

CASTLES, Stephen; HAAS, Hein de; MILLER, Mark J. **The age of migration:** international population movements in the Modern world. 5. ed. London: Palgrave Macmillan, 2014.

CHESNAIS, François (org.). **A finança mundializada:** raízes sociais e políticas, configuração, consequências. São Paulo: Boitempo, 2005.

CHESNAIS, François. **Finance Capital Today** [recurso eletrônico]. Corporations and Banks in the lasting global slump. Boston: Brill Academic Pub, 2016.

CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL (Org.). Xenofobia. **Série assistente social no combate ao preconceito.** Caderno 5. Brasília, 2016. Disponível em: caderno5_xenofobia.pdf (cress-es.org.br). Acesso em: 2 fev. 2025.

CRÉPEAU, François; VEZMAR, Maja. *Words Matter : 'Illegal', 'Irregular', 'Unauthorized', 'Undocumented'.* **Policy Note.** Policy Brief 15; KNOMAD Trust Fund Washington, D.C.: 2021 World Bank Group. Disponível em: http://documents.worldbank.org/curated/en/099532308162432940. Acesso em: 25 ago. 2024.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe.** São Paulo: Boitempo, 2016.

DOMINCZAK, Pedro R. R.; SABADINI, Mauricio de S. Apontamentos gerais sobre a financeirização mundial. **Leituras de Economia Política,** Campinas, (21), p. 125-147, dez. 2012/jul. 2013. Disponível em: Prim secao Artigo 5 certo.indd (unicamp.br). Acesso em: 2 mar. 2024.

DUNCAN, Howard. Managing return migration for development. **Policy Brief 4.** KNOMAD Trust Fund Washington, D.C.: World Bank Group. 2016. Disponível em: https://documents1.worldbank.org/curated/en/099623108162436382/pdf/IDU-662d399e-6152-4bb5-80f2-886ccc4f4b5e.pdf. Acesso em: 25 jun. 2024.

ELPIDIO, Maria H. O lugar da negritude nas políticas do Estado brasileiro: faces persistentes de uma presente ausência. **Revista Vértices**, [S. l.], v. 22, n. especial, p. 834–850, 2020. Disponível em: https://editoraessentia.iff.edu.br/index.php/vertices/article/view/15837/13106. Acesso em: 30 nov. 2023.

ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra.** São Paulo: Boitempo, 2010.

FARADAY, Fay. The empowerment of migrant workers in a precarious situation: the role of labor inspection. **Policy Brief 18.** KNOMAD Trust Fund Washington, D.C. : World Bank Group. 2022. Disponível em:

https://reliefweb.int/report/world/knomad-policy-brief-18-empowerment-migrant-workers-precarious-situation-role-labor-inspection-july-2022. Acesso em: 25 jun. 2024.

FERRAZ, Ana. T. R. Mobilidade do capital e barreiras às migrações: desafios à política social. **Argumentum.** Vitória, v. 8, n. 3, p. 4-7, set./dez. 2016. Disponível em: https://periodicos.ufes.br/argumentum/article/view/14829/10419. Acesso em: 25 jun. 2025.

FERREIRA, Karina Q. **Imigração e lutas migrantes:** redes e encruzilhadas da mobilização por direitos e contra a xenofobia racializada no Brasil em crise. Orientador: Prof. Dr. Ricardo Luiz Coltro Antunes. 2024, 306 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, SP. Disponível em: https://www.repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1397828. Acesso em: 5 ago. 2025.

FLEURIMA, Renel. Desenvolvimento socioeconômico das remessas de haitianos migrantes em Manaus - Brasil. **Revista Semestral de Direito Econômico,** Porto Alegre, v. 1, n. 1, e0106, jan./jun. 2021. Disponível em: http://resede.com.br/index.php/revista/article/view/16. Acesso em: 22 mai. 2025.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa.** 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FONTES, Virginia. **O Brasil e o Capital-imperialismo:** teoria e história. 2. ed. Rio de Janeiro: EPSJV/Editora UFRJ, 2010.

FOROUTAN, Naika. The Post-Migrant Paradigm. Refugees Welcome?: Difference and Diversity. In: BOCK, Jan-Jonathan; MCDONALD, Sharon. **Changing Germany**. New York, Oxford: Berghahn Books, 2019.

FURNO, Juliane. **Imperialismo** [recurso eletrônico]: uma introdução econômica. Rio de Janeiro: Da Vinci Livros, 2022.

FURQUIM, Gabriel M., SIMÕES, Mauro C., SERAFIM, Milena P. Gaudemar encontra Pachukanis: breve ensaio sobre a mobilidade do sujeito de direito e migrações. **Verinotio** - Revista on-line de Filosofia e Ciências Humanas. ISSN 1981-061X. ano XV. jul./dez. 2020. v. 26. n. 2. Disponível em: Gaudemar encontra Pachukanis: | Verinotio – Revista on-line de Filosofia e Ciências Humanas - ISSN 1981-061X. Acesso em: 15 dez. 2023.

GAUDEMAR, Jean-Paul de. **Mobilidade do trabalho e acumulação do capital.** Lisboa: Editorial Estampa, 1977.

GEREHOU, Moha. La paradoja del inmigrante de Schrödinger: acusar a los extranjeros de robar trabajos y también de ser vagos que viven de ayudas. **El Diario.es,** Madrid, 30 nov.

2019. Disponível em: https://www.eldiario.es/desalambre/inmigrante-schrodinger-extranjeros-trabajo-nacionales_1_1248886.html. Acesso em: 17 ago. 2025.

GIL, Antonio C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOUGH, Ian. The political economy of the Welfare State. London: Macmillan Pub Ltd, 1979.

GRUPO BANCO MUNDIAL. Mensagens Principais - Relatório de Desenvolvimento Mundial, 2023. Disponível em: content. Acesso em: 15 ago. 2025.

GUERRA, Dhyovana; FIGUEIREDO, Ireni M. Z. Proposições do Banco Mundial para a política educacional brasileira (2016-2018). **Educação e Pesquisa,** v. 47, p. 1-17, 2021. Disponível em: SciELO Brasil - Proposições do Banco Mundial para a política educacional brasileira (2016-2018) Proposições do Banco Mundial para a política educacional brasileira (2016-2018). Acesso em: 5 jan. 2025.

HARVEY, David. **O Neoliberalismo:** história e implicações. São Paulo: Loyola, 2008.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna:** uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 17. ed. São Paulo, Loyola, 2008a.

HERRERA, Rémy. Prefácio: O capital fictício no centro da crise. *In:* GOMES, HELDER (org.). **Especulação e lucros fictícios:** formas parasitárias da acumulação contemporânea. São Paulo: Outras Expressões, 2015.

HERRERA, Rémy. Alguns aspectos filosóficos políticos da teoria de Estado em Marx e Engels. **Argumentum,** Vitória, ES, v. 3, n. 2, p. 71-93, jul./dez. 2011. Acesso em: 26 ago. 2025.

HOBSBAWM, Eric J. **A era dos extremos:** o breve século XX 1914-1991. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOBSBAWM, Eric J. **A era das revoluções:** 1789-1848. 47. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

HUWS, Ursula. Bridges and barriers: globalisation and the mobility of work and workers. **Work organisation, labour & globalisation,** v. 6, n. 1, 2012. Disponível em: https://wolg.wordpress.com/archives/volume-6-no-2/. Acesso em: 2 mar. 2025.

INTERNATIONAL LABOUR ORGANIZATION. International migrants in the labour force. **ILO Global Estimates On International Migrants Workers** - Fourth Edition. Geneva: ILO,

2024. Disponível em: https://www.ilo.org/sites/default/files/2024-12/MIGRANT%20%E2%80%93%20ILO%20Global%20Estimates%20on%20International%20Migrant%20Workers_WEB_0.pdf. Acesso em: 18 jul. 2025.

INTERNATIONAL LABOUR ORGANIZATION. **Co 81** - Labour Inspection Convention. Geneva: ILO, 1947. Disponível em: https://normlex.ilo.org/dyn/nrmlx_en/f?p=NORMLEXPUB:12100:0::NO::P12100_INSTRUMENT_ID:312226. Acesso em: 19 jul. 2025.

INTERNATIONAL LABOUR ORGANIZATION. **Migrant workers' rights to freedom of association and collective bargaining.** Geneva: International Labour Office, 2023. Disponível em: Migrant Protection Platform (iom.int). Acesso em: 9 jan. 2024.

INSTITUTO CONHECIMENTO LIBERTA. Trump vai vender visto com direito à cidadania americana por US$ 5 milhões. **ICL Notícias**, 26 fev. 2025. Disponível em: https://iclnoticias.com.br/trump-vai-vender-visto-por-us-5-milhoes/. Acesso em: 25 jul. 2025.

INVERNIZZI, Noela. **Novos rumos do trabalho:** mudanças nas formas de controle e qualificação da força de trabalho brasileira. Orientadora: Professora Doutora Leda Gitahy. 2000, 487 f. Tese (Doutorado em Política Científica e Tecnológica) - Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, SP. Disponível em: https://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/205489. Acesso em: 25 ago. 2025.

KELLER, Suéllen B. A.; KELLER, Rene J. Capitalismo, crise e ideologia: a supressão de direitos como resposta da aliança conservadora-neoliberal. *In:* MAURIEL, Ana P. O.; KILDUFF, Fernanda; SILVA, Mossicleia M. da; LIMA, Rodrigo S. (orgs.). **Crise, ultraneoliberalismo e desestruturação de direitos.** Minas Gerais: Navegando Publicações, 2020.

KRENAK, Ailton. Todos vamos ser refugiados, nós todos. A tal da humanidade vai ser só refugiados. **Público,** Lisboa, Domingo, 16 de julho de 2023. Entrevista cedida a Alexandra Prado Coelho. Disponível em: "Todos vamos ser refugiados, nós todos. A tal da humanidade vai ser só refugiados" | Entrevista | PÚBLICO (publico.pt). Acesso em: 22 nov. 2023.

LEITE, Ana C. G.; GIAVAROTTI, Daniel M.; RIBEIRO, Clara L. Migrações entre as novas expulsões e o confinamento do capitalismo em ruínas. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia-MG, v. 23, n. 86, p. 1-15, abr./2022. Disponível em: (PDF) MIGRAÇÕES

ENTRE AS NOVAS EXPULSÕES E O CONFINAMENTO DO CAPITALISMO EM RUÍNAS (researchgate.net). Acesso em: 24 ago. 2024.

LIMA, Telma C. S. de; MIOTO, Regina C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 10, n. esp, p. 34-45, 2007. Disponível em: SciELO - Brasil - Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. Acesso em: 01 abr. 2023.

LIMA, Suely A. de; ABRAHAM, Felician M. Guiana: impactos da migração e remessas monetárias e não monetárias. **Estudos Avançados,** v. 31, n. 89, p. 469-473, ja. 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ea/a/pYsSprJ6WhZZBJkskHvTf7K/?lang=pt. Acesso em: 25 mai, 2025.

LOPES, Gabriel V. Trump ataca imigrantes com taxação de remessas enviadas para as famílias. **Brasil de Fato**, Havana (Cuba), 26 jun. 2025. Disponível em: https://www.brasildefato.com.br/2025/06/26/trump-ataca-imigrantes-com-taxacao-de-remessas-enviadas-para-as-familias/. Acesso em: 28 jun. 2025.

LUXEMBURGO, Rosa. **A acumulação do capital.** 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

MCNAMARA, Robert S. *Address to the Board of Governors. Presidential speech* Washington, DC: World Bank, 29 set. 1969. Disponível em: https://documents1.worldbank.org/curated/en/728021468151469606/pdf/Address-to-the-Board-of-Governors-by-Robert-S-McNamara.pdf. Acesso em: 25 jul. 2024.

MARTES, Ana C. B.; SOARES, Weber. Remessas de recursos dos imigrantes. **Estudos Avançados,** v. 20, n. 57, p. 41-54, mai. 2006. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ea/a/y4TgwgmLBMTkJNmWHrKhNPs/. Acesso em: 25 mai. 2025.

MARTIN, Susan F.; BERGMANN, Jonas. *Environmental Change and Human Mobility : Reducing Vulnerability and Increasing Resilience*. **Policy Brief 6.** KNOMAD Trust Fund Washington, D.C. : World Bank Group. 2017. Disponível em: https://documents.worldbank.org/en/publication/documents-reports/documentdetail/099630208162420661. Acesso em: 25 jun. 2024.

MARTINE, George. A globalização inacabada: migrações internacionais e pobreza no século 21. **São Paulo em Perspectiva,** v. 19, n. 3, p. 3-22, jul./set. 2005. Disponível em: https://www.scielo.br/j/spp/a/ddmq64Q3LR7dwYJYcNR4pQf/. Acesso em: 23 mai. 2025.

MARTINS, Carlos E.; FILGUEIRAS, Luiz. A teoria marxista da dependência e os desafios do século XXI. **Caderno CRH,** Salvador, v. 1, n. 84, p. 445-449, set./ dez. 2018. Disponível em: (PDF) A TEORIA MARXISTA DA DEPENDÊNCIA E OS DESAFIOS DO SÉCULO XXI. Acesso em: 9 out. 2024.

MARX, Karl. Introdução à contribuição à crítica da economia política. *In:* **Contribuição à crítica da economia política**. 2. ed. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2008.

MARX, Karl. **O capital:** crítica da economia política: livro I: o processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2023.

MARX, Karl. **O capital:** crítica da economia política: livro III: o processo global de produção capitalista. São Paulo: Boitempo, 2017.

MARX, Karl. **Manifesto do Partido Comunista.** 3. ed. São Paulo: EDIPRO, 2015.

MARX, Karl. Glosas críticas marginais ao artigo "O rei da Prússia e a reforma social". De um prussiano. 1844. **Germinal: marxismo e educação em debate**, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 142–155, 2011. Disponível em: Vista do Glosas críticas marginais ao artigo "O rei da Prússia e a reforma social". De um prussiano. (ufba.br). Acesso em 02 mai. 2023.

MAURIEL, Ana P. O. Relações internacionais, política social e combate à pobreza. **Revista Em Pauta:** teoria social e realidade contemporânea**,** (S.l), v. 6, n. 23, p. 43-68, jul. 2009. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistaempauta/article/view/492. Acesso em: 6 jul. 2025.

MELLO, Gustavo M. de C. O capital entre o eterno retorno e a desmedida. **Revista Pet Economia Ufes,** Vitória, vol. 3, dez./2023. Disponível em: Vista do O capital entre o eterno retorno e a desmedida. Acesso em: 23 out. 2024.

MELO, Sabrina R. de. **O trabalho dos assistentes sociais, migração na França e no Brasil e o combate às exclusões.** Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-graduados em Serviço Social, São Paulo, p. 94. 2021. Disponível em: REPOSITORIO PUCSP: O trabalho dos assistentes sociais, migraçao na França e no Brasil e o combate às exclusões. Acesso em: 28 ago. 2022.

MENÉNDEZ, Álvaro L. La deuda pública como mecanismo de ajuste: el caso griego. *In:* 10o Encontro Internacional de Política Social e 17o Encontro Nacional de Política Social, 2024, Vitória. Anais do 10o Encontro Internacional de Política Social e 17o Encontro Nacional de

Política Social ISSN 2175-098X. Vitória: UFES, 2024. Disponível em: https://periodicos.ufes.br/einps. Acesso em: jun. 2025.

MIGGIANO, Luca. States of exception: securitisation and irregular migration in the Mediterranean. **Research Paper No. 177**, nov. 2009. Geneva: UNHCR. Disponível em: https://www.unhcr.org/media/states-exception-securitisation-and-irregular-migration-mediterranean-luca-miggiano. Acesso em: 25 ago. 2025.

MILLET, Damien; TOUSSAINT, Eric. **50 perguntas 50 respostas:** sobre a dívida, o FMI e o Banco Mundial. São Paulo, Boitempo, 2006.

MIRANDA, Flavio; CARCANHOLO, Marcelo. As "saídas" do capital para a crise do capital (ou, o que devemos enfrentar). *In:* MAURIEL, Ana P. O.; KILDUFF, Fernanda; SILVA, Mossicleia M. da.; LIMA, Rodrigo S. (orgs.). **Crise, ultraliberalismo e desestruturação de direitos.** 1 ed. eletrônica. Uberlândia: Navegando Publicações, 2020.

MONIN, Serguei. Guerra e tensão migratória na Rússia: os dilemas do Kremlin após atentado em Moscou. **Brasil de Fato**, São Petersburgo (Rússia), 13 abri. 2024. Disponível em: https://www.brasildefato.com.br/2024/04/13/guerra-e-tensao-migratoria-na-russia-os-dilemas-do-kremlin-apos-atentado-em-moscou/. Acesso em: 14 jul. 2025.

MOURA, Clóvis. O racismo como arma ideologia de dominação. *In:* MOURA, Clóvis. **Racismo e luta de classes no Brasil** – textos escolhidos. Ed. Terra sem amos, Brasil, 2020.

MÜGGE, Liza; HAAR, Marleen van der. Who Is an Immigrant and Who Requires Integration? Categorizing in European Policies. *In:* GARCÉS-MASCAREÑAS, Blanca; PENNINX, Rinus (orgs.). **Integration Processes and Policies in Europe**. IMISCOE Research Series. Springer, Cham., 2016.

NAKATANI, Paulo; GOMES, Helder. A natureza e as contradições da crise capitalista. *In:* GOMES, HELDER (org.). **Especulação e lucros fictícios:** formas parasitárias da acumulação contemporânea. São Paulo: Outras Expressões, 2015.

NAKATANI, Paulo. O capitalismo em crise: reforma ou revolução? *In:* GARCIA, Maria L. T.; BERNARDES, Franciani. **Contrarreformas ou revolução:** respostas ao capitalismo em crise. São Paulo: Cortez, 2020.

NETTO, José P. A construção do projeto ético-político do Serviço Social e a crise contemporânea. *In:* **Capacitação em Serviço Social e Política Social**, módulo 1. Brasília: CEAD, UnB, 1999.

NETTO, José P. **Capitalismo monopolista e Serviço Social.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

NETTO, José P. **Introdução ao estudo do método de Marx.** São Paulo: Editora Expressão Popular, 2011.

ORAN, Serap S. Aposentadoria, pensões e reprodução social. *In:* BHATTACHARYA, Tithi (org.). **Teoria da Reprodução Social:** remapear a classe, recentralizar a opressão. São Paulo: Elefante, 2023.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. **Trabalho decente.** s.d. Disponível em: https://www.ilo.org/pt-pt/trabalho-decente. Acesso em: 7 set. 2025.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES. World Migration Report 2024. Geneva, 2024. Disponível em: https://worldmigrationreport.iom.int/. Acesso em: 25 jan. 2025.

OSTERNE, Maria do S. F.; BRASIL, Glaucíria M.; ALMEIDA, Rosemary de O. A produção do conhecimento nas Ciências Sociais e a provisoriedade da realidade material e simbólica. **Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, n. 113, p. 152-170, mar. 2013. Disponível em: SciELO - Brasil - A produção do conhecimento nas Ciências Sociais e a provisoriedade da realidade material e simbólica A produção do conhecimento nas Ciências Sociais e a provisoriedade da realidade material e simbólica. Acesso em: 26 mar. 2024.

PASHUKANIS, Eugeny B. **A teoria geral do direito e o marxismo.** Rio de Janeiro: Renovar, 1989.

PELIANO, José C. **Acumulação de trabalho e mobilidade do capital.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1990.

PEREIRA, João M. M. Dimensões da história do Banco Mundial como ator político, intelectual e financeiro. **Cadernos de Saúde Pública,** v. 34, n. 2, 2018. Disponível em: SciELO Brasil - Dimensões da história do Banco Mundial como ator político, intelectual e financeiro Dimensões da história do Banco Mundial como ator político, intelectual e financeiro. Acesso em: 05 jan. 2025.

PEREIRA, João M. M. Banco Mundial: dos bastidores aos 50 anos de Bretton Woods (1942-1994). **Topoi** (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. 15, n. 29, p. 527-564, jul./dez. 2014. Disponível em: SciELO - Brasil - Banco Mundial: dos bastidores aos 50 anos de Bretton Woods (1942-1994) Banco Mundial: dos bastidores aos 50 anos de Bretton Woods (1942-1994). Acesso em: 20 jun. 2024.

PERKINS, John. **Confissões de um assassino econômico**. trad. Henrique A. R. Monteiro. São Paulo: Cultrix, 2005.

PRADO, Eleutério F. S. (Neo)liberalismo: da ordem natural à ordem moral. ***Outubro***, n. 18, 2009, p. 149-174. Disponível em: https://eleuterioprado.blog/wp-content/uploads/2023/03/neoliberalismo-da-ordem-natural-a-ordem-moral.pdf. Acesso em: 25 nov. 2023.

PREVITALI, Fabiane S.; FAGIANI, Cílson C.; MORAIS, Sérgio P. A imigração Sul-Norte e a exploração do trabalho na era do capital. **Caderno CRH,** Salvador, v. 36, p. 1-16, e023019, 2023. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ccrh/a/WrqNvqkn99XkMfwF8sRnVtd/abstract/?lang=pt. Acesso em: 26 mais. 2025.

PRIEB, Sergio A. M.; CARCANHOLO, Reinaldo A. O trabalho em Marx. *In: CARCANHOLO, Reinaldo A. (org.).* **Capital:** essência e aparência. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

QUIVY, R.; CAMPENHOUDT, A. **Manual de investigação em Ciências Sociais**. 2. ed. Lisboa: Gradiva, 1998.

RAICHELIS, Raquel; ARREGUI, Carola C. O trabalho no fio da navalha: nova morfologia no Serviço Social em tempos de devastação e pandemia. **Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, n. 140, p. 134-152, jan./abr. 2021. Disponível em: SciELO - Brasil - O trabalho no fio da navalha: nova morfologia no Serviço Social em tempos de devastação e pandemia O trabalho no fio da navalha: nova morfologia no Serviço Social em tempos de devastação e pandemia. Acesso em: 24 abr. 2024.

RAMOS, Rogério M. As contribuições de Sayad e Fanon para compreender as consequências enfrentadas pelo sujeito migrante na sociedade pós-colonial. **TRAVESSIA - Revista do migrante**, *[S. l.]*, v. 33, n. 89, p. 75–84, dez. 2020. DOI: 10.48213/travessia.i89.963. Disponível em: https://travessia.emnuvens.com.br/travessia/article/view/963. Acesso em: 23 jul. 2025.

REDING, Miles. Colonização de ontem e imigração de hoje: crítica pós-colonial de Abdelmalek Sayad ao Estado-nação. **TRAVESSIA - Revista do migrante**, *[S. l.],* v. 32, n. 86, p. 7-38, mai.-ago. 2019. Disponível em: https://travessia.emnuvens.com.br/travessia/article/view/927. Acesso em: 23 jul. 2025.

REFORMA. *In:* DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2025. Disponível em: https://www.dicio.com.br/reforma/. Acesso em: 24 jun. 2025.

RESENDE, Viviane de M.; RAMALHO, Viviane. **Análise de discurso crítica.** São Paulo: Contexto, 2006.

RIBEIRO, Natalina; RAICHELIS, Raquel. Revisitando as influências das agências internacionais na origem dos conselhos de políticas públicas. **Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, n. 109, p. 45-67, jan./mar. 2012. Disponível em: SciELO Brasil - Revisitando as influências das agências internacionais na origem dos conselhos de políticas públicas Revisitando as influências das agências internacionais na origem dos conselhos de políticas públicas. Acesso em: 22 dez. 2024.

RODRIK, Dani. Who needs capital-account convertibility? fev. 1998. Disponível em: https://drodrik.scholar.harvard.edu/files/dani-rodrik/files/who-needs-capital-account-convertibility.pdf. Acesso em: 6 jul. 2025.

SABADINI, Mauricio de S.; CAMPOS, Fabio A. de. O capital financeiro na origem do imperialismo: uma leitura sobre seu uso categorial no debate clássico. **Revista Fim do Mundo,** Marília, SP, v. 2, n. 6, p. 21-52, set./ dez. 2021. Disponível em: https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/RFM/article/view/12532/10360. Acesso em: 26 jul. 2024.

SANTOS, Amanda de B. **Imigrantes nos territórios:** qualidade do acesso e os desafios para a política de assistência social. Dissertação (Mestrado em Serviço Social e Política Social) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Estudos Sociais Aplicados, Programa de Pós Graduação em Serviço Social e Política Social, Paraná, p. 174. 2018. Disponível em: Sistema Nou-Rau: Biblioteca Digital da UEL. Acesso em: 25 ago. 2022.

SASSEN, Saskia. **Inmigrantes y ciudadanos.** De las migraciones masivas a la Europa fortaleza. Madrid: Siglo XXI España, 2013.

SASSEN, Saskia. **Expulsões** [recurso eletrônico]: brutalidade e complexidade na economia global. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

SAYAD, Abdelmalek. Les usages sociaux de la “culture des immigrés”. ***Langage et société***, supplément au n°9, p. 31-36 , nov, 1979. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/lsoc_0181-4095_1979_sup_9_1_1199. Acesso em: 23 jul. 2025.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração:** ou os paradoxos da alteridade. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1998.

SCHÖNWÄLDER, Karen. Germany: Integration Policy and Pluralism in a Self-conscious Country of Immigration. *In:* VERTOVEV, Steven; WESSENDORF, Susanne. **The Multiculturalism Backlash:** European Discourses, Policies and Practices. London: Routledge, 2010.

SILVA, João C. J.; ALVES, Laís A. Categorização, exclusão e criminalização das migrações internacionais. **Revista Interdisciplinar de Direitos Humanos**, Bauru, v. 5, n. 1, p. 111-126, jan./jun., 2017. Disponível em: https://www3.faac.unesp.br/ridh/index.php/ridh/article/view/469/201. Acesso em: 25 jul. 2025.

SILVA, Marluce S. e; QUEIRÓZ, Imar D.; FERREIRA, Vera. Mundialização do capital e mobilidade humana: cenários, atores e políticas. **Argumentum**, *[S. l.]*, v. 8, n. 3, p. 40–53, 2016. DOI: 10.18315/argumentum.v8i3.13270. Disponível em: Vista do Mundialização do capital e mobilidade humana: cenários, atores e políticas (ufes.br). Acesso em: 20 ago. 2024.

SIMIONATTO, Ivete. Intelectualidade, política e produção do conhecimento: desafios ao Serviço Social. **Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, n. 117, p. 7-21, jan./mar. 2014. Disponível em: SciELO - Brasil - Intelectualidade, política e produção do conhecimento: desafios ao Serviço Social Intelectualidade, política e produção do conhecimento: desafios ao Serviço Social. Acesso em: 26 mar. 2024.

SINGER, Paul. **Economia política da urbanização.** 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1978.

STIGLITZ, Joseph E. **A globalização e seus malefícios**. 3. ed. São Paulo: Futura, 2002.

TEIXEIRA, Rafael V. **Para uma crítica da concepção de política social do Banco Mundial na cena contemporânea.** Orientador: Luiz Jorge Vasconcelos Pessoa de Mendonça. 2009. 209 f. Dissertação (Mestrado em Política Social) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2009. Disponível em: Dissertao Rafael - Corrigido e Formatado (ufes.br). Acesso em: 25 fev. 2024.

TEIXEIRA, Rafael. Uma crítica da concepção de política social do Banco Mundial na cena contemporânea. **Serviço Social e Sociedade,** São Paulo, n. 104, p. 650-680, out./dez. 2010. Disponível em: SciELO - Brasil - Uma crítica da concepção de política social do Banco

Mundial na cena contemporânea Uma crítica da concepção de política social do Banco Mundial na cena contemporânea. Acesso em: 16 jun. 2024.

VANEIGEM, Raoul. **Banalidades de base.** 3. ed. Lisboa: Frenesi, 1998.

VERTOVEC, Steven. The Cultural Politics of Nation and Migration. **Annual Review of Anthropology,** 40, 2011, pp. 241-256. Disponível em: The Cultural Politics of Nation and Migration | Annual Review of Anthropology (annualreviews.org). Acesso em: 12 jan. 2022.

VILLEN, Patricia. **(In)visíveis globais:** imigração e trabalho no Brasil. São Paulo: Alameda, 2018.

VILLEN, Patricia. Imigração e racismo na modernização dependente do mercado de trabalho. **Lutas Sociais**, *[S. l.]*, v. 19, n. 34, p. 126–142, 2015. DOI: 10.23925/ls.v19i34.25762. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/view/25762. Acesso em: 23 jul. 2025.

WACQUANT, Loïc. **Punir os pobres:** a nova gestão da miséria nos Estados Unidos. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2003.

WORLD BANK GROUP. ***Migration and development:*** *a role for the World Bank Group.* Washington, D.C. : World Bank Group, 2016. Disponível em: https://documents.worldbank.org/en/publication/documents-reports/documentdetail/690381472677671445. Acesso em: 20 mar. 2024.

WORLD BANK GROUP. ***Migrants, refugees, and societies.*** Washington, D.C. : World Bank Group, 2023. Disponível em: https://www.worldbank.org/en/publication/wdr2023. Acesso em: 20 mar. 2024.

WORLD BANK GROUP. ***Moving for prosperity: global migration and labor markets.*** Washington, D.C.: World Bank Group, 2018. Disponível em: https://www.worldbank.org/en/research/publication/moving-for-prosperity. Acesso em: 20 mar. 2024.

WORLD BANK GROUP. ***The Human Capital Index 2020 Update:*** *Human Capital in the Time of COVID-19.* Washington, D.C.: World Bank Group, 2021. Disponível em: https://openknowledge.worldbank.org/entities/publication/93f8fbc6-4513-58e7-82ec-af4636380319. Acesso em: 9 ago. 2025.

WORLD BANK GROUP. ***The Human Capital Project.*** Washington, D.C.: World Bank Group, s/d. Disponível em:

https://www.worldbank.org/en/publication/human-capital/brief/the-human-capital-project-frequently-asked-questions#HCP1. Acesso em: 9 ago. 2025.

APÊNDICES

APÊNDICE A - *POLICIES BRIEFS* PARA COLETA E ANÁLISE DE DADOS

Nº	Título	Autoria	Data	Link de acesso - versão original (em inglês)
1	Low-skilled labor migration: benefits outweigh costs in host economies	Uri Dadush; Soonhwa Yi	01/12/2014	https://documents1.worldbank.org/curated/en/099228408162423744/pdf/IDU-9c1baa04-7a92-44e2-bf57-f760f7a88d9c.pdf
2	Host society integration	Howard Duncan	01/04/2016	https://documents1.worldbank.org/curated/en/099612208162430876/pdf/IDU-ecdc76af-73c9-4276-ab03-a6ad59f58183.pdf
3	Country of origin support for immigrant integration	Agnieszka Weinar	01/04/2016	https://documents1.worldbank.org/curated/en/099617208162429715/pdf/IDU-355a4fa6-7edb-40f1-85a4-53337e277e97.pdf
4	Managing return migration for development	Howard Duncan	04/2016	World Bank Document
5	Supply-driven systems prove most effective in attracting high-skilled migrants	Mathias Czaika; Christopher R. Parsons	11/2016	World Bank Document
6	Environmental change and human mobility: reducing vulnerability and increasing resilience	Susa F. Martin; Jonas Bergmann	01/02/2017	https://documents1.worldbank.org/curated/en/099630208162420661/pdf/IDU-eab9874f-46be-4050-acd3-d2360a35624d.pdf
7	Integration in host societies and development: adapting policy	Mihaela Vieru	05/2017	https://documents1.worldbank.org/curated/en/09964300

Nº	Título	Autoria	Data	Link de acesso - versão original (em inglês)
	approaches to the new mobility			8162439085/pdf/IDU-74d25979-f670-40a8-b077-451d0083a7c2.pdf
10	Institutional frameworks and environmental mobility	Jonas Bergmann; Susan F. Martin	01/01/2018	https://documents1.worldbank.org/curated/en/099303408162415338/pdf/IDU-65ff2294-bc70-4057-b11c-aefee523af77.pdf
11	The global compacts and environmental drivers of migration	Susan Martin; Elizabeth Ferris; Kanta Kumari; Jonas Bergmann	31/07/2018	https://documents1.worldbank.org/curated/en/099916308162479065/pdf/IDU-25976cda-a8db-49cd-a23c-6d5155651c98.pdf
14	The empowerment of migrant workers in a precarious situation	François Crépeau; Fay Faraday	05/2021	World Bank Document
15	Words matter: ‘illegal’, ‘irregular’, ‘unauthorized’, ‘undocumented’ *Policy note 15	François Crépeau; Maja Vezmar	01/06/2021	https://documents1.worldbank.org/curated/en/099532308162432940/pdf/IDU-8b84885f-6d34-4b12-beb5-92600b86b2c3.pdf
18	The empowerment of migrant workers in a precarious situation: the role of labor inspection	Fay Faraday	07/2022	World Bank Document
21	Advances in data collection on the environmental change-migration nexus	Alessandra Nicoletti, Susanne Melde, Lorenzo Guadagno, Richard E.	25/11/2023	https://documents1.worldbank.org/curated/en/099111208162426791/pdf/IDU-16c567c3-7f85-4de5-9272-a696

Nº	Título	Autoria	Data	Link de acesso - versão original (em inglês)
		Bilsborrow		566f55b6.pdf
24	Responsible migration management from the business perspective: the case of human value chains	Milda Žilinskaitė and Aida Hajro	06/01/2024	https://documents1.worldbank.org/curated/en/099155308162442156/pdf/IDU-cb692d4e-a6df-426d-9792-384810b4711e.pdf

Fonte: Elaboração própria, set. 2025.

APÊNDICE B - RELATÓRIOS DO BANCO MUNDIAL SELECIONADOS PARA ANÁLISE

Título	Ano	Objetivos/ Propósitos	Link de Acesso (versão original em inglês)
Migration and development: a role for the World Bank Group (Migração e desenvolvimento: um papel para o Grupo do Banco Mundial, tradução livre)	2016	Descrever 3 principais impulsionadores da migração internacional; Destacar os benefícios e custos associados à mobilidade laboral global nos países de origem e destino; Esboçar a arquitetura global para a governança da migração; Sugerir áreas que o Banco poderia projetar soluções em contextos específicos para problemas nas migrações; Apresenta modelo para fazer diagnósticos sobre migração.	https://documents1.worldbank.org/curated/en/690381472677671445/pdf/108105-BR-PUBLIC-SecM2016-0242-2.pdf
Moving for prosperity: global migration and labor markets (Migrar para a prosperidade: migração global e mercados de trabalho, tradução livre)	2018	Abordar a tensão entre a pesquisa acadêmica e o discurso público, concentrando-se nas evidências econômicas; Sugere lógica econômica e orientada para o mercado de trabalho em oposição a lógica política à migração.	https://documents1.worldbank.org/curated/en/213751530086130618/pdf/Main-Report.pdf
Leveraging economic migration for development: a briefing for the World Bank board (Impulsionando a migração econômica para o desenvolvimento: instruções para o conselho do Banco Mundial, tradução livre)	2019	Fornecer uma atualização sobre dados, impulsionadores e impactos; Discutir brevemente as mudanças na governança internacional, incluindo a adoção do Pacto Global para uma Migração Segura, Ordenada e Regular; Descrever as atividades pertinentes do grupo Banco Mundial durante o FY2017-2019; Ssugerir futuras áreas de atividade.	https://documents1.worldbank.org/curated/en/167041564497155991/pdf/Leveraging-Economic-Migration-for-Development-A-Briefing-for-the-World-Bank-Board.pdf
Migrants, refugees, and societies (Migrantes, refugiados	2023	Relatório de Desenvolvimento Mundial anual 2023: Migração; Reservatório de conhecimento e dados;	World Development Report 2023: Migrants, Refugees, and Societies

e sociedades, tradução livre)		Propõe políticas para melhorar a gestão da migração nos países de destino, trânsito e origem; Aproveitar oportunidades econômicas e mitigar as dificuldades e os riscos enfrentados pelos imigrantes; Marcos do relatórios, eixos: adequação e motivação; Importância de ações bilaterais e multilaterais; Apresenta tabelas com recomendação de políticas públicas.	

Fonte: Elaboração própria, set. 2025.

APÊNDICE C: RECOMENDAÇÕES POLÍTICAS - ARGUMENTOS

Nº	FONTE	RECOMENDAÇÃO	ARGUMENTO
1	*Policy Brief 14*	"Facilitar a sindicalização".	"Estabelecer parcerias com todas as partes interessadas relevantes, incluindo empregadores, organizações de trabalhadores migrantes e sindicatos (...) para garantir que os direitos dos migrantes são adequadamente protegidos (...) Sem qualquer influência política, os migrantes beneficiariam muito com o apoio dos sindicatos para o respeito dos seus direitos".
2	*Policy Brief 6*	"Abordar as fontes estruturais de pobreza e as práticas ambientais não sustentáveis que criam vulnerabilidades (...) melhorar o acesso ao crédito, a posse da terra e os direitos fundiários".	"Ajudar muitas populações afetadas a permanecerem em segurança no local".
3	*Policies Briefs* 1 e 14; Relatório 'Moving for prosperity: global migration and labor markets'	"Facilitar a regularização"; "Os países devem considerar a possibilidade de criar uma via clara para a residência permanente ou mesmo para a cidadania dos migrantes que obtenham empregos permanentes" (p. 24).	"Mais migrantes regularizados e com habilidades melhoradas podem expandir a contribuição da migração".
4	*Policies Briefs* 1, 3 e 14	"Facilitar a mobilidade transfronteiriça legal para a maioria dos migrantes".	"Permitir que os migrantes, a todos os níveis da economia, realizem as suas ambições e que os empregadores encontrem a mão de obra de que necessitam"; "O aumento do número de migrantes que podem entrar legalmente no país e a aplicação de normas de migração, de segurança e sociais aos empregadores, podem conduzir a uma redução da migração sem

			documentos, bem como a uma oferta adequada de trabalhadores pouco qualificados”.
5	*Policies Briefs* 1, 6, 7 e 14	“Investir em políticas de integração”.	“Políticas que melhor integram aumentam a produtividade e diminuem as desigualdades sociais”.
6	*Policy Brief 4*	“Programas governamentais anti-discriminação”.	Facilitar a integração, tanto nos países de destino, quanto nos de origem, no caso, favorecer a reintegração.
7	*Policy Brief* 1	“Criar mais oportunidades para cursos de idiomas”.	“Aperfeiçoar as competências dos imigrantes”.
8	*Policy Brief* 1	“Garantir acesso a serviços sociais e culturais”.	“Melhor integra migrantes e seus descendentes rapidamente no mercado de trabalho”.
9	Relatório ‘Moving for prosperity: global migration and labor markets’	“Os governos devem considerar a possibilidade de investir mais, do que atualmente, na integração das crianças imigrantes nas escolas” (p. 26-27).	“forma mais barata de atenuar as potenciais repercussões negativas nos colegas nativos e, naturalmente, de garantir o futuro êxito social e econômico dos filhos dos imigrantes. Esta resposta política pode ser especialmente importante nos países de rendimento elevado que sofrem de um envelhecimento rápido e de uma diminuição da mão de obra” (p. 27).
10	*Policy Brief 4*	“Estabelecer acordos bilaterais entre universidades nacionais e estrangeiras e sobre a concessão de vistos de entrada múltipla de longa duração”.	“Favorecer a circulação de pessoas altamente qualificadas”.
11	*Policy Brief* 4	“Receber bem pontos de vista diversos”.	“Podem trazer inovação e produtividade, aumentando as margens de lucro para os negócios e organização mais

			econômica para órgãos públicos”.
12	Relatório ‘Moving for prosperity: global migration and labor markets’	“As políticas de imigração devem ser concebidas tendo em conta os mercados”(p. 14); “Os governos devem ouvir a voz dos mercados de trabalho na concepção de políticas de imigração altamente qualificada, bem como de políticas gerais de imigração”(p. 33).	“É difícil, quase impossível, para os governos implementar políticas que prevaleçam contra essas forças de mercado”(p.14).
13	Relatório ‘Moving for prosperity: global migration and labor markets’	“Os governos devem começar a substituir os regimes de quotas por regimes fiscais para regular os fluxos de imigração (...) Pode assumir a forma de um imposto adicional sobre o rendimento, de uma taxa de visto ou mesmo de um sistema de leilão de vistos (p. 20-21).	“Os sistemas baseados em quotas estão sujeitos à procura de rendas e à corrupção, uma vez que as empresas tentam influenciar os funcionários do governo para que emitam autorizações de quotas para si próprias ou para os seus sectores. (...) respeito à questão das finanças, as quotas não geram receitas para o governo, beneficiando apenas as empresas (ou seja, os titulares de licenças de quotas) que têm a sorte de contratar um imigrante, por exemplo, obtendo um visto de trabalho, ou a empresa intermediária que faz o recrutamento” (p. 20).
14	*Policies Briefs* 3 e 24	“Tanto para os países de acolhimento dos migrantes, como para os países de origem dos migrantes, os governos poderiam sensibilizar os trabalhadores para os seus direitos”.	Evitar abusos: “taxas de recrutamento tornaram-se tão onipresentes que são vistas como normais”. Recorrer à ajuda de ONG e outras organizações da sociedade civil.
15	*Policy Brief* 18	“Conceber e auditar as inspeções do trabalho”; “Prover pessoal das inspeções do trabalho com intérpretes”; “Assegurar que os inspetores do	“Garantir a sua acessibilidade aos trabalhadores migrantes, quer esse acesso seja feito pessoalmente ou através da utilização de tecnologia que seja fácil, segura e

		trabalho tenham segurança de posse e sejam remunerados a um nível que garanta a sua independência" .	prontamente disponível para os trabalhadores utilizarem".
16	*Policy Brief* 7	"Capitalizar em redes de diáspora".	"Estas redes sociais criam condições favoráveis ao desenvolvimento das empresas e do comércio e atuam como construtores de pontes em muitos aspectos da atividade humana"; "capitalizar assim o capital social e humano que os migrantes constroem no novo *continuum* migratório".
17	*Policy Brief 6*	"Facilitar as transferências de remessas para as famílias migrantes"; "aumentar o acesso a programas de literacia financeira, inclusão financeira e formação de competências, em especial para as famílias mais pobres".	"A fim de garantir uma maior resiliência"; "aumentar os benefícios positivos da migração e das remessas".
18	*Policy Brief* 24 e 11	"Formar aliança com indústrias e empresas de consultoria; e fornecer instrumentos de avaliação".	"Ter mais recursos e assistência"; "Troca de informações mais rápida, criação de normas partilhadas, unificação dos procedimentos de auditoria e pressão conjunta para influenciar os governos nacionais. As alianças também fornecem aos seus membros ferramentas de autoavaliação e organizam formação para os fornecedores".
19	*Policy Brief 24*	"Os governos devem incentivar e apoiar as pequenas e médias empresas, que não dispõem do conhecimento e dos recursos financeiros necessários, para uma	"Ajudar pequenas e médias empresas a gerir a força de trabalho migrante", a partir de "Um ambiente regulamentar que permita uma mudança positiva (...) melhor acesso ao financiamento e a serviços de consultoria. Por exemplo, é

		gestão responsável da mão de obra migrante”.	possível estimar o custo aproximado do recrutamento responsável de um trabalhador migrante de um país específico. Assim, os governos poderiam apoiar as pequenas e médias empresas, subsidiando alguns dos custos reais”.
20	Relatório ‘Moving for prosperity: global migration and labor markets’	“Os decisores políticos devem tentar ajudar os trabalhadores nativos nos seus processos de adaptação e de deslocalização” (p. 19).	“Os trabalhadores nativos que competem mais diretamente com a mão de obra imigrante deslocam-se para outros setores ou regiões geográficas (...) A concentração da imigração e a consequente deslocação dos trabalhadores autóctones podem ser grandes e implicar custos substanciais” (p. 19).
21	*Policy Brief* 21	“Desenvolver metodologias que considerem a natureza complexa e multicausal da (im)mobilidade humana e investir mais em pesquisa”.	“Ajudar a compreender os padrões de (im)mobilidade e os impactos ambientais ao longo do tempo”; “ assegurar uma resposta imediata às necessidades humanitárias urgentes, mantendo o rigor metodológico”; “A recolha de dados mais rápida e mais eficiente (...) informações oportunas sobre as causas e os resultados da mobilidade humana”, “Instruir políticas e intervenções mais eficazes”.
22	*Policy Brief 6*	“Assegurar que os grupos mais vulneráveis sejam envolvidos no planejamento da adaptação”.	“Grupos como os idosos, os extremamente pobres e os deficientes têm de ser envolvidos no desenvolvimento de planos de adaptação relacionados com a migração, para que os benefícios possam reverter a seu favor, bem como a favor dos agregados familiares mais resistentes”.

23	*Policy Brief 6*	“Educar tanto as populações afetadas pelo clima, como os decisores políticos sobre as alterações climáticas, bem como sobre as potenciais estratégias de adaptação”.	“Melhor tomada de decisões relativamente às opções de mobilidade”
24	*Policy Brief 6*	Apoiar deslocação planejada: “ter em conta uma série de circunstâncias, entre as quais “compensações culturalmente adequadas tanto para os anfitriões, como para os migrantes; acesso a oportunidades de rendimento; e serviços de saúde, educação, e outros”.	“ajudar as populações particularmente vulneráveis a mudarem-se para locais mais seguros e mais sustentáveis".

Fonte: *Policies Briefs* e relatórios selecionados do Banco Mundial. Elaboração própria, jun. 2025.
Obs.: Os *Policies Briefs* não são paginados.

APÊNDICE D: *LINK* DE ACESSO PARA REPORTAGENS COMPLETAS DAS MANCHETES DE NOTICIÁRIO APRESENTADAS

FIGURA 2

- Como são as 'jaulas' em que os EUA estão detendo filhos de imigrantes sem documentos: https://www.bbc.com/portuguese/internacional-44526519
- Com dificuldades para pagar aluguel em Portugal, imigrantes brasileiros moram em barracas: 'Tomo banho na praia': https://g1.globo.com/mundo/noticia/2023/09/26/com-dificuldades-para-pagar-aluguel-em-portugal-imigrantes-brasileiros-moram-em-barracas-tomo-banho-na-praia.ghtml
- Custo do 'sonho americano': a morte de imigrantes por condições extremas de trabalho nos EUA: https://www.bbc.com/portuguese/articles/ce805ypjk5vo
- Trabalho análogo à escravidão inclui cada vez mais imigrantes: https://valor.globo.com/brasil/noticia/2024/10/14/trabalho-analogo-a-escravidao-inclui-cada-vez-mais-imigrantes.ghtml
- Imigrantes dormem na rua em meio à crise na Irlanda: https://www.dw.com/pt-br/imigrantes-dormem-na-rua-em-meio-%C3%A0-crise-na-irlanda/a-69128787
- EUA: separadas dos pais, crianças dormem em gaiolas e choram desesperadas: https://veja.abril.com.br/mundo/eua-separadas-dos-pais-criancas-dormem-em-gaiolas-e-choram-desesperadas/
- Imigrantes são resgatados em leme de navio com bandeira da Libéria no ES: https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2023/07/10/navio-policia-federal-africanos.htm
- Brasileiros deportados dos EUA relatam ter ficado algemados e sem comer em voo: https://veja.abril.com.br/mundo/brasileiros-deportados-dos-eua-relatam-ter-ficado-algemados-e-sem-comer-em-voo/

FIGURA 3

- Políticas da União Europeia promovem brutalidade sistemática contra migrantes e refugiados: https://www.msf.org.br/noticias/politicas-da-uniao-europeia-promovem-brutalidade-sistematica-contra-migrantes-e-refugiados/

- Trump veta entrada de cidadãos de 12 países e impõe restrições a outros sete: https://www.bradojornal.com/noticias/rio-grande-do-sul/2025/06/05/trump-veta-entrada-de-cidadaos-de-12-paises-e-impoe-restricoes-a-outros-sete/
- Estados Unidos anunciam política mais restritiva para imigrantes: https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2023/02/22/estados-unidos-anunciam-politica-migratoria-mais-restritiva-para-imigrantes.ghtml
- Número de países da UE a favor de restrições à imigração sobe e ameaça pacto dos 27: https://www.dn.pt/internacional/numero-de-paises-da-ue-a-favor-de-restricoes-a-imigracao-sobe-e-ameaca-pacto-dos-27
- Itália: especialistas condenam projeto de lei para multar quem resgata migrantes e refugiados no mar: https://brasil.un.org/pt-br/83251-it%C3%A1lia-especialistas-condenam-projeto-de-lei-para-multar-quem-resgata-migrantes-e-refugiados

APÊNDICE E: CATEGORIZAÇÃO DOS MIGRANTES NOS DOCUMENTOS DO BANCO MUNDIAL ANALISADOS

Categoria	Definição	Relatório
Migrantes internacionais	"Pessoas que mudam o seu país de residência, independentemente do motivo, motivação, etc. (Recomendações da ONU sobre Estatísticas de Migração Internacional). Os migrantes atravessam as fronteiras nacionais principalmente em busca de melhor educação, condições de vida e perspectivas econômicas. Assim, no direito internacional, um «trabalhador migrante» é alguém que exerce uma atividade remunerada num país do qual não é nacional. A migração é impulsionada principalmente por razões econômicas, reunificação familiar ou outras motivações não incluídas na definição legal de refugiado. Na prática, a maioria dos países define os migrantes internacionais como «nascidos no estrangeiro», mas alguns definem-nos com base no estatuto de cidadania".	➛Migration and development: a role for the World Bank Group, 2016, p. 4; ➛Leveraging economic migration for development: a briefing for the World Bank board, 2019, p. xiii; ➛Moving for prosperity: global migration and labor markets, 2018, p. 282.
Migrantes internos	"Aqueles que se deslocaram através de fronteiras administrativas dentro das fronteiras nacionais".	➛Migration and development: a role for the World Bank Group, 2016, p. 4; ➛Leveraging economic migration for development: a briefing for the World Bank board, 2019, p. xiii.
Refugiados	"Uma pessoa «que se encontra fora do seu país de nacionalidade ou de residência habitual; tem um receio fundado de ser perseguida devido à sua raça, religião, nacionalidade, pertença a um determinado grupo social ou opinião política; e não pode ou não quer recorrer à proteção desse país, ou regressar a ele, por receio de perseguição» (Convenção das Nações Unidas relativa ao Estatuto dos Refugiados)".	➛Migration and development: a role for the World Bank Group, 2016, p. 4; ➛Leveraging economic migration for development: a briefing for the World Bank board, 2019, p. xiii; ➛Moving for prosperity: global migration and labor markets, 2018, p. 285.
	"Uma pessoa a quem foi concedida	➛Migrants, refugees, and societies,

	proteção internacional por um país de asilo devido ao receio de perseguição, conflito armado, violência ou grave desordem pública no seu país de origem. A proteção internacional concedida pelos países aos refugiados assume a forma de um estatuto jurídico distinto (ver asilo ou estatuto de refugiado) que impede o seu regresso (em conformidade com o princípio da não repulsão), regulariza a sua permanência no território e lhes confere determinados direitos enquanto lá se encontram, ao abrigo da Convenção de 1951 relativa ao Estatuto dos Refugiados e do seu Protocolo de 1967 ou de outros instrumentos jurídicos internacionais, regionais ou nacionais".	2023, p. xxvi.
Solicitantes de refúgio	"Pessoas cujo estatuto de refugiado está a ser avaliado".	➛Migration and development: a role for the World Bank Group, 2016, p. 4; ➛Leveraging economic migration for development: a briefing for the World Bank board, 2019, p. xiii; ➛Moving for prosperity: global migration and labor markets, 2018, p. 285; ➛Migrants, refugees, and societies, 2023, p. xxv.
Deslocados internos	"'Pessoas ou grupos de pessoas que foram forçadas ou obrigadas a fugir ou a abandonar as suas casas ou locais de residência habitual, em particular como resultado ou para evitar os efeitos de conflitos armados, situações de violência generalizada, violações dos direitos humanos ou catástrofes naturais ou provocadas pelo homem, e que não atravessaram uma fronteira estatal internacionalmente reconhecida' (Princípios Orientadores das Nações Unidas sobre Deslocamento Interno)".	➛Migration and development: a role for the World Bank Group, 2016, p. 4; ➛Leveraging economic migration for development: a briefing for the World Bank board, 2019, p. xiii; ➛Moving for prosperity: global migration and labor markets, 2018, p. 285; ➛Migrants, refugees, and societies, 2023, p. xxvi.
	"Aqueles que entraram ou trabalham	➛Migration and development: a role

Migrantes irregulares ou migrantes sem documentos	num país sem um visto adequado ou em violação das leis que regem a entrada, permanência ou emprego de estrangeiros. Os movimentos internos são mais difíceis de registar do que os movimentos através das fronteiras internacionais".	for the World Bank Group, 2016, p. 5; ➛Leveraging economic migration for development: a briefing for the World Bank board, 2019, p. xiv.
	"Um migrante que não está legalmente autorizado a entrar ou permanecer num determinado país".	➛Migrants, refugees, and societies, 2023, p. xxvi.
Migração temporária	"Migração por uma motivação ou finalidade específica, com a intenção de, posteriormente, regressar ao país de origem ou prosseguir viagem".	➛Migration and development: a role for the World Bank Group, 2016, p. 5; ➛Leveraging economic migration for development: a briefing for the World Bank board, 2019, p. xiv.
Migração circular	"A migração circular envolve a repetição da migração pela mesma pessoa entre dois ou mais países. Os investigadores salientam que, após 10 anos, quase metade dos imigrantes originais tinham deixado o seu país de destino na Europa e 20% tinham deixado a Austrália, o Canadá, a Nova Zelândia ou os Estados Unidos (Dustman e Gorlach 2015, OCDE 2008)".	➛Migration and development: a role for the World Bank Group, 2016, p. 5; ➛Leveraging economic migration for development: a briefing for the World Bank board, 2019, p. xiv.
Migrante de retorno	"O termo é autoexplicativo".	➛Migration and development: a role for the World Bank Group, 2016, p. 5; ➛Leveraging economic migration for development: a briefing for the World Bank board, 2019, p. xiv.
Migração em trânsito	"É a permanência temporária de migrantes num país que não é o seu destino final pretendido (e que se distingue das escalas durante viagens pessoais ou de negócios)".	➛Leveraging economic migration for development: a briefing for the World Bank board, 2019, p. xiv.
Migrante em situação de emergência	"Um migrante que se desloca para outro país em circunstâncias de emergência, mas que não cumpre os critérios aplicáveis para obter o estatuto de refugiado. As suas deslocações são frequentemente	➛Migrants, refugees, and societies, 2023, p. xxv.

	irregulares e inseguras”.	
Migrante econômico	“Um migrante que atravessa uma fronteira internacional motivado não por perseguição ou possível dano grave ou morte, mas por outras razões, tais como melhorar as condições de vida através do trabalho ou reunir-se com a família no estrangeiro. Este termo abrange os migrantes laborais ou trabalhadores migrantes, que se deslocam principalmente para trabalhar noutro país”.	➛Migrants, refugees, and societies, 2023, p. xxv.
Migrante regularizado	“Um migrante que está legalmente autorizado a entrar ou permanecer num determinado país”.	➛Migrants, refugees, and societies, 2023, p. xxvi.

Fonte: Relatórios do Banco Mundial selecionados para esta pesquisa. Sistematização própria, ago. 2025.

APÊNDICE F - GRELHAS PARA EXTRAÇÃO DE DADOS

Grelha 1

	Benefícios das migrações para países de destino	Benefícios das migrações para países de origem	Benefícios das migrações para migrantes	Benefícios das migrações para o capital	Controle da força de trabalho migrante	Desenvolvimento	Estado	Força de trabalho	Individualidade	Mercado de Trabalho	Motivação para migrações	Trabalho
Busca por renda												
Consultoria												
Educação												
Financiamento												
Inspeção laboral												
Integração												
Liberdade												
Políticas sociais												
População nativa												
Produção de conhecimento												
Qualificação												
Regularização												
Remessas												
Resiliência												
Setor privado												
Soberania												

Fonte: Elaboração Própria, abr. 2025

Grelha 2

Categorização Sintática		
Termos	**F.O.***	**Exemplos**
Controlar		
Gerir		
Financiar		
Empreender		
Integrar		
Risco		
Vulnerabilidade		
Pobreza		
Fronteira		
Estados Unidos		
Estatal		
Privada/o		
Reforma		
Ação		
Ajuda		
Empréstimo		
Trabalhar		
Família		
Remessa		

Política		
Desenvolvimento		
Reduzir		
Crise		
Soberania		
Capital humano		
Autonomia		

Elaboração própria, dez. 2024.

* F.O. - Frequência de ocorrência

APÊNDICE G - ROTEIRO PARA LEITURA E ANÁLISE DOS DOCUMENTOS

Identificação

Título:

Autoria:

Data:

Tipo: ( ) Policy Brief ( ) Relatório

Palavras-chave:

Ideia central/ objeto do documento:

Objetivo Indicado? Se sim, qual?

Eixo: Trabalho

Concepção do eixo:

Apresenta fundamentação teórica?

Relação com os sujeitos sociais:

Eixo: Migração

Concepção do eixo:

Apresenta fundamentação teórica?

São apresentados elementos que seriam motivos das migrações?

Relação com os sujeitos sociais:

Eixo: Migrantes

Concepção do eixo:

Apresenta fundamentação teórica?

Qual(s) o(s) efeito(s) das migrações sobre os migrantes?

Eixo: Estado

Concepção do eixo:

Apresenta fundamentação teórica?

Qual o(s) papel(s) do Estado nos processos migratórios?

Relação com os sujeitos sociais:

Eixo: Políticas sociais

Concepção do eixo:

Apresenta fundamentação teórica?

Como se inserem as políticas migratórias?

Qual (s) o(s) objetivo(s) das políticas migratórias?

Relação com os sujeitos sociais:

Eixo: Banco Mundial

Concepção do eixo:

Apresenta fundamentação teórica?

Como o Banco Mundial se coloca diante do fenômeno migratório?

Relação com os sujeitos sociais:

Considerações gerais

Fichamento de citações

ANEXO

ANEXO 1: PRINCIPAIS RECOMENDAÇÕES PARA AÇÕES POLÍTICAS

QUALIFICAÇÕES DE MIGRANTES E REFUGIADOS EM ALTA DEMANDA (NÍVEL DE ADEQUAÇÃO ALTO)		
PAÍS DE ORIGEM **Gestão da migração para reduzir a pobreza**	**PAÍS DE DESTINO** **Maximização de benefícios e redução de custos**	**COOPERAÇÃO BILATERAL** **Aumento da adequação**
Estratégia. Incorporar a emigração às estratégias de desenvolvimento. ***Remessas financeiras.*** Usar as remessas para o combate à pobreza e reduzir seus custos. ***Conhecimento.*** Trabalhar com a diáspora e os repatriados para estimular a transferência de conhecimentos e fortalecer sua integração à economia global. ***Desenvolvimento de qualificações e mitigação da fuga de cérebros.*** Expandir a educação e a capacitação em áreas que tenham alta demanda nos mercados de trabalho nacionais e global. ***Proteção.*** Fornecer proteção aos cidadãos no exterior. Apoiar os familiares vulneráveis deixados para trás.	***Estratégia.*** Reconhecer as necessidades de mão de obra. Construir um consenso sobre o papel da migração. Assegurar a coerência das políticas públicas. ***Entrada e status.*** Incentivar a imigração com alto nível de adequação. Garantir que os migrantes gozem de direitos e *status* formal. ***Inclusão econômica.*** Facilitar a inclusão no mercado de trabalho. Ampliar o reconhecimento das qualificações dos migrantes. Combater a exploração e promover trabalho decente. ***Inclusão social.*** Evitar a segregação e facilitar o acesso a serviços. Combater a discriminação. ***Apoio aos cidadãos locais.*** Apoiar os cidadãos locais afetados negativamente em termos de emprego e serviços públicos por meio de proteção social e investimentos públicos.	***Acordos trabalhistas bilaterais.*** Estruturar e facilitar movimentos em que os dois lados ganham. Reduzir os custos de contratação. ***Desenvolvimento de qualificações.*** Estabelecer parcerias para financiar o desenvolvimento de qualificações em alta demanda nos mercados de trabalho nacionais e global.

QUALIFICAÇÕES DE MIGRANTES E REFUGIADOS EM BAIXA DEMANDA (NÍVEL DE ADEQUAÇÃO BAIXO E MOTIVAÇÃO LIGADA AO MEDO)	
PAÍS ANFITRIÃO **Gestão com perspectiva de médio prazo e aumento da adequação**	**COMUNIDADE INTERNACIONAL** **Compartilhamento de custos com os países anfitriões**
Instituições e instrumentos. Integrar o apoio aos refugiados por meio dos ministérios pertinentes. Desenvolver marcos financeiros sustentáveis. ***Mobilidade interna.*** Facilitar e encorajar movimentos de refugiados em direção a oportunidades. ***Autossuficiência.*** Permitir que os refugiados tenham acesso a empregos no mercado de trabalho formal. ***Inclusão nos serviços nacionais.*** Oferecer educação, saúde e serviços sociais aos refugiados por meio de sistemas nacionais.	***Compartilhamento de responsabilidades.*** Prevenir ou resolver as situações que causem a fuga dos refugiados. Fornecer valores adequados para financiamentos de médio prazo. Aumentar as opções de reassentamento. Ampliar a base de suporte além dos principais contribuidores atuais. Desenvolver abordagens regionais. ***Soluções.*** Ampliar os esforços em prol de "soluções duradouras" (retorno voluntário, integração local ou reassentamento). Desenvolver novos *status* inovadores para fornecer proteção estatal e acesso a oportunidades no médio prazo.

QUALIFICAÇÕES DE MIGRANTES E REFUGIADOS EM BAIXA DEMANDA (NÍVEL DE ADEQUAÇÃO BAIXO E MOTIVAÇÃO NÃO LIGADA AO MEDO)		
PAÍS DE ORIGEM **Redução da necessidade de migrações precárias**	**PAÍS DE TRÂNSITO** **Coordenação com os países de destino**	**PAÍS DE DESTINO** **Respeito à dignidade dos migrantes**
Resiliência. Ampliar a proteção social. Criar alternativas internas à migração internacional. ***Educação.*** Desenvolver competências que permitam que as pessoas tenham mais opções. ***Inclusão.*** Promover o desenvolvimento inclusivo e verde. Fomentar a adaptação às mudanças climáticas.	***Cooperação.*** Trabalhar com o país de destino para absorver migrantes ou devolvê-los de maneira humana (para o último país de trânsito).	***Respeito.*** Tratar todos os migrantes com humanidade. ***Proteção complementar.*** Fortalecer a coerência do sistema atual para proteger pessoas em situação de risco que não sejam refugiados. ***Vias legais.*** Alterar os incentivos por meio de vias legais de entrada para trabalhadores em alta demanda, inclusive os não qualificados. ***Aplicação das regras.*** Gerenciar os retornos necessários com humanidade. Aumentar a rigidez com traficantes de pessoas e exploradores do trabalho de migrantes. Fortalecer a capacidade institucional para administrar os processos de entrada.

MUDANÇAS NA FORMULAÇÃO DAS POLÍTICAS DE MIGRAÇÃO		
DADOS E EVIDÊNCIAS	**INSTRUMENTOS FINANCEIROS**	**NOVAS VOZES**
Harmonização. Harmonizar os métodos de coleta de dados. ***Obtenção de evidências.*** Investir em novos tipos de pesquisas para embasar a formulação de políticas públicas. ***Dados abertos.*** Incentivar pesquisas, disponibilizando amplamente os dados e respeitando a privacidade de migrantes e refugiados.	***Instrumentos novos/expandidos.*** Desenvolver instrumentos de médio prazo para apoiar os países que acolhem refugiados. Fornecer apoio externo a países de renda baixa e média que recebem migrantes com níveis mais baixos de adequação. ***Uso aprimorado dos instrumentos existentes.*** Incentivar o envolvimento do setor privado. Ajudar os países de origem a aproveitar a migração para o desenvolvimento. Incentivar a cooperação bilateral e regional.	***Nações afetadas.*** Construir coalizões entre países que enfrentam desafios comuns. ***Partes interessadas nacionais.*** Assegurar a participação de uma vasta gama de partes interessadas nos processos decisórios. ***Vozes dos migrantes e refugiados.*** Desenvolver sistemas de representação e responsabilização para organizar as vozes de migrantes e refugiados.

Fonte: GBM (2023).